

REVISTA DA SEMANA

Nº 10

CR\$ 3.00 EM TODO O BRASIL

5-3-49



*A rainha
do Radio
e*

*o rei dos
Refrigerantes*



Os que batem...

H A muita gente que bate. Toda a gente, mesmo! Com intenções diversas, de vestes diversas, em portas diversas.

As educadoras sanitárias, nas choças dos pobres. Os pobres, nas casas medianas, de gente com posses medianas. E essa gente mediana (coitada!) bate nas portas duras de madeira lindamente lavrada, do palacete dos ricos. E os ricos batem à porta dos políticos, em busca de mais honrarias; e batem os políticos à porta dos pobres, em busca de votos.

Todo mundo bate!

Os pobres de espírito à Casa de Deus; os ricos em dinheiro, à porta do Banco. Uns para pedir, para conseguir algo muito desejado; outros para guardar o que conseguiram em demasia e que já lhes sobra nos cofres de casa.

Batem todos, em toda a espécie de portas. Uns, de tanto baterem, já uniformizaram as batidas com gritos que são rótulos: — Leite! — Armazem! — Pão!

E' o leiteiro, é o padeiro, é o vendedor ambulante, é o carnicheiro, é o mundo todo andando de casa em casa, batendo uns às portas dos outros.

Nos balcões das repartições públicas, nas casas dos doutores onde há chapas douradas, nos mercadinhos fechados aos domingos para comprar um quarto de quilo de farinha para os pastéis, nas casas dos vizinhos em busca de novidades, na porta da residência da noiva, no portão escuro de onde sairá a namorada que cozinha o dia inteiro e também quer tirar alguma alegria dessa vida amarga. Batem com humildade, com solenidade, com tremor nas mãos, com expectativa, com saudade dos beijos furtivos (no portão escuro), com ânsia, com raiva, com ciúme, de mão fechada, com os nós dos dedos (dói muito quando se bate com o nó dos dedos na porta dura de certas casas!), com o cabo do guarda-chuva, com moedas (no vidro da porta do mercadinho. E' para o turco saber), ou com a ponta, apenas, de unhas bem tratadas (mulheres elegantes batendo nas vidraças em dia de chuva). E os que batem sossegadamente, porque sabem que a porta não vai fugir, e que a vida não vai parar ali, portanto não há pressa (e porque viram luz pelo buraco da fechadura). E os tímidos, coitados, batem com leveza de chuva, pequenos golpes, temendo a cara feia do homem da casa.

Ah! E os que batem com autoridade, com uma prepotência tão grande nas pancadas fortes que vai até o quintal e sobressalta a cozinheira. (— Ué, gente!)

Mas quero falar de uma só porta onde, mais cedo ou mais tarde, muita gente vai bater: a da casa do farmacêutico. Ele mora ao lado de sua farmácia e parece que nasceu para não ter descanso, porque mal fecha uma porta, tem de abrir logo outra; e as batidas são como em outras portas, tão diferentes e tão iguais. Diferentes, porque lá ninguém vai pedir aumento de ordenado, nem votos, nem dinheiro emprestado; quem chega é porque deseja algo superior a tudo isso: matar a doença. E iguais porque nelas se encontram a mesma autoridade, a mesma timidez, a mesma ânsia, a mesma expectativa que andam batendo nas outras portas.

Batem, e as batidas são tão diversas quanto as criaturas. Aquela velhinha, tão frágil, tão pálida, bate com tal força que não deixa dúvidas quanto à sua autoridade em casa do genro. E as crianças chegam, batem depressa e, muitas vezes, como se tivessem medo de não serem escutadas, como não são vistas atrás do balcão. Chegam, o mocinho nervoso, a mocinha bonita que vai buscar acetona bem à hora em que os rapazes do hotel começam a passar com destino aos empregos.

As batidas mais estranhas (e no entanto tão conhecidas ao ouvido da família inteira do farmacêutico) são as da uma da tarde, quando a cozinheira, emburrada de tanto esperar, começa a trazer os pratos e a família vai puxando cadeiras para sentar; são as batidas do "miréis de álcool", "miréis de comprimidos". "miréis de cetona", "miréis de algodão". São fadidas, porque o almôço esfria.

Mas as batidas nas noites de inverno são dolorosas; ou porque é doença grave ou porque são futilidades (para a gente, porque para quem manda comprar, não!). Nessas noites são frequentes as pancadas com guarda-chuva, com o pé, com a mão fechada, e até mesmo com alguma pedra solta do calçamento.

Quando o caso é grave a família inteira se movimenta; uns procuram um remédio que ninguém acha e que alguém meteu no fundo da prateleira, outro tira rótulos, e o farmacêutico, liderando a turma, vai mexendo nos copos de vidro, com bastões de vidro que fazem música no silêncio da noite, as poções coloridas. E no dia seguinte há sempre a recomendação: — Dona Fulana não está bem. Viu a receita de ontem? Depois manda alguém para saber como ela vai!

E as "outras" batidas da noite: um "bâton", um "rouge", um esmalte, porque dona Fulana quer ir ao baile. E por falar em baile: há também um mocinho que vai à meia-noite e tanto, para o farmacêutico dar o tope em sua gravatinha preta.

O farmacêutico não tem descanso, mas, em todo caso, é divertida aquela vida.

★

E assim as criaturas vão batendo às portas, por casos de vida ou morte, e também por futilidades. Por um "sôro" ou por um "bâton". (Sabe lá quantos políticos vão aos pobres em busca de um "sôro"! E os ricos aos políticos, em busca de um "bâton"!)

E assim vão batendo, a vida inteira, em todas as portas, com moedinhas na mão, ou para comprar fiado!

Mas há também quem venha de longe para bater e diante da porta fechada, sinta vergonha, medo, timidez, e então se aproxime da janela entreaberta e diga em voz baixa:

— Uma esmolinha pelo amor de Deus!

REVISTA DA SEMANA

Sumário

SEÇÕES PERMANENTES

Os que batem... (Teresa de Almeida)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	47

REPORTAGENS

A residência de Dutra nos Estados Unidos	4/ 5
Depoimento de uma família sobre Berlim ..	6
O destino tempestuoso da Ópera de Londres	28/31
Guerra fria nos ônibus	32/33
E' proibido apanhar ouro na rua (Milton Pedrosa)	55/58
Plantar... Indústria (A. Ferraz)	16/17

CARICATURA

Bom humor	7
O mundo manca e a mula murcha	11

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária	15

NOVELA

O Jardim das Recordações (Trevor Allen) ..	12/13
--	-------

BIOGRAFIA

A vida de Copérnico	14
---------------------------	----

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	19
Novas sugestões	20
Linhas diferentes	21
De Hollywood	23
Novas blusas	24
Bordados	25
Mães e filhos (Anamaria Célia)	34
Assimetria	34
Segredos de beleza	35
Detalhes e novidades	36
Week-end na cozinha	37
Interiores	38
Camisas	38
Linhas elegantes	40
Primeiros modelos	41

CONTOS

Cem cruzeiros para matar a fome (H. D. Blake)	22
Por causa de um rádio (Cristino Miranda) ..	42

CINEMA

Cine-Revista (Frank Stein)	26/27
Artes plásticas (Angelus Ravel)	48

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) ..	48
--	----

RADIO

Broadcast (A. Migueis)	18
------------------------------	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	46
Teatro (José Fomm)	50
Música (Roberto Lyra Filho)	51

FOLHETIM

Drago	52/53
-------------	-------

ILUSTRADORES

Oswaldo da Cunha	
Sibilla ...	

NOSSA CAPA

Mais uma vez volta a ilustrar a capa da REVISTA a figura simpática de Rita Hayworth, a fabulosa "Gilda". Desta vez temos miss Hayworth na sedutora figura de Carmen, personagem da famosa ópera do mesmo nome, que acaba de ser filmada em magnífico technicolor.

(Foto Columbia)

REVISTA DA SEMANA





Vista exterior de Blair House — onde se hospedará o Presidente Eurico Dutra (à direita) e de Blair Lee House. As mansões se seguem na rua fronteira à Casa Branca, residência oficial dos Presidentes dos Estados Unidos. Blair Lee House é hoje residência temporária de Truman. Foi aberta uma passagem na parede comum que separa essas duas casas para que os dois chefes morassem sob o mesmo teto

A RESIDÊNCIA DO PRESIDENTE DUTRA NOS ESTADOS UNIDOS

EM meados de maio deste ano, agradecendo um convite do presidente Truman, o presidente Dutra fará uma visita oficial a Washington. Será a primeira visita do presidente Dutra aos Estados Unidos depois da que empreendeu em 1943, quando era então ministro da Guerra, em caráter de inspeção às forças armadas dos Estados Unidos. É uma visita de cordialidade, com o objetivo de incentivar as relações de amizade entre o Brasil e os Estados Unidos da América do Norte, e uma retribuição à visita feita pelo presidente Harry Truman ao

Brasil em 1947, quando por ocasião da Conferência Inter-Americana.

O presidente Dutra ficará hospedado em Blair-Lee House, onde se hospedam os convidados oficiais do governo. A Blair House, junto à Blair-Lee House, acolheu durante a guerra grande número de hóspedes ilustres. Hoje é a residência temporária do presidente Truman e sua família, enquanto a Casa Branca sofre reparos.

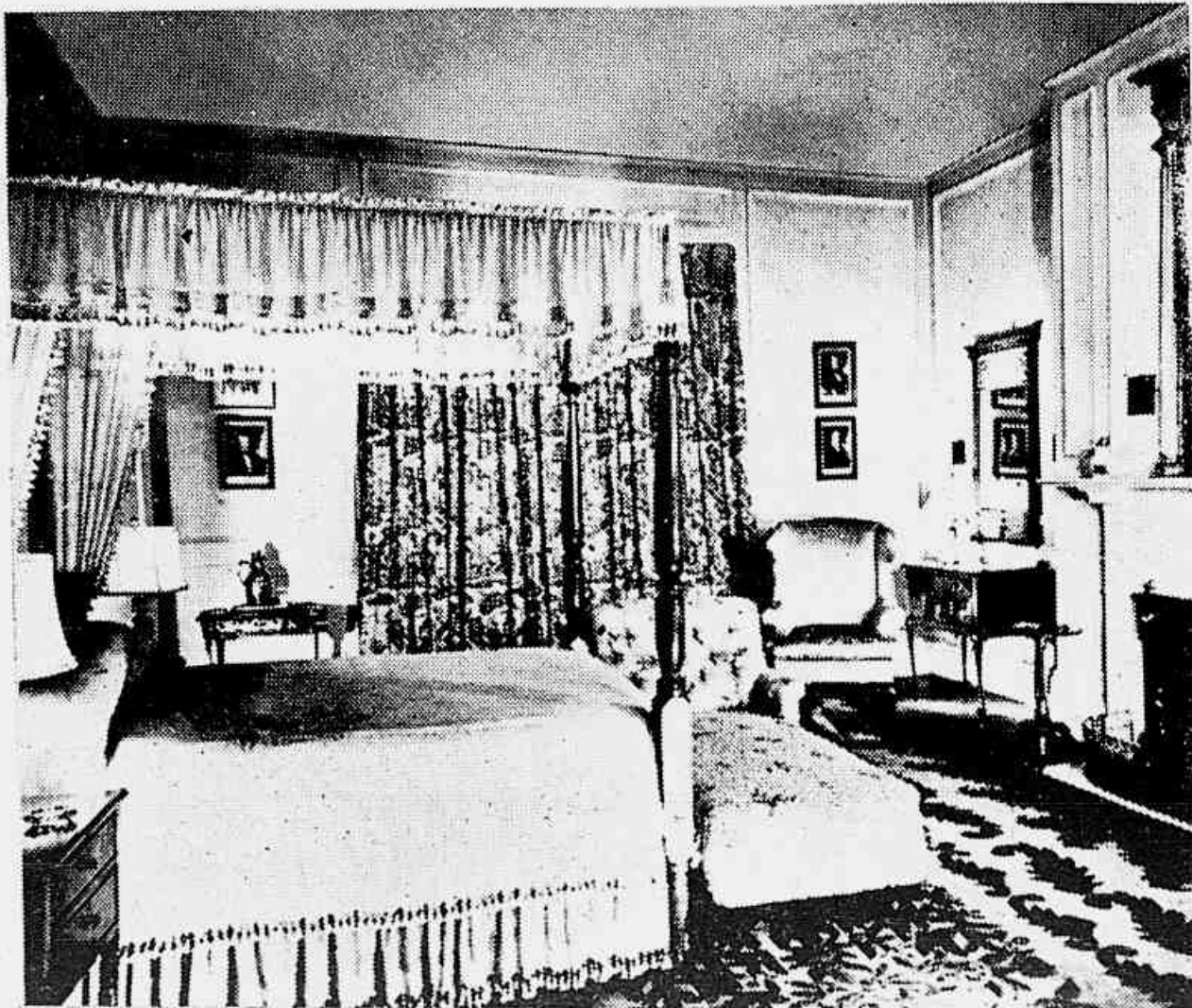
Foi aberta uma passagem na parede comum que separava Blair House da Blair-Lee House, para que os dois

chefes morassem sob o mesmo teto. Toda a beleza, a comodidade e a tradição do estilo norte-americano foram apreciadas pelas figuras mais representativas de outros países. O primeiro visitante oficial da Casa Blair foi o presidente Prado, do Peru; o rei Jorge, da Grécia; a rainha Guilhermina, da Holanda; o ex-rei Pedro, da Iugoslávia; Eduardo Benes, presidente da Tchecoslováquia, já falecido; e outras figuras proeminentes do cenário europeu figuram na lista de visitantes da Casa Blair. A

(Continua na pág. 52)



Mobiliário moderno na biblioteca de Blair House junto à peças do século XVIII. Nas estantes, livros colecionados pela família Blair.



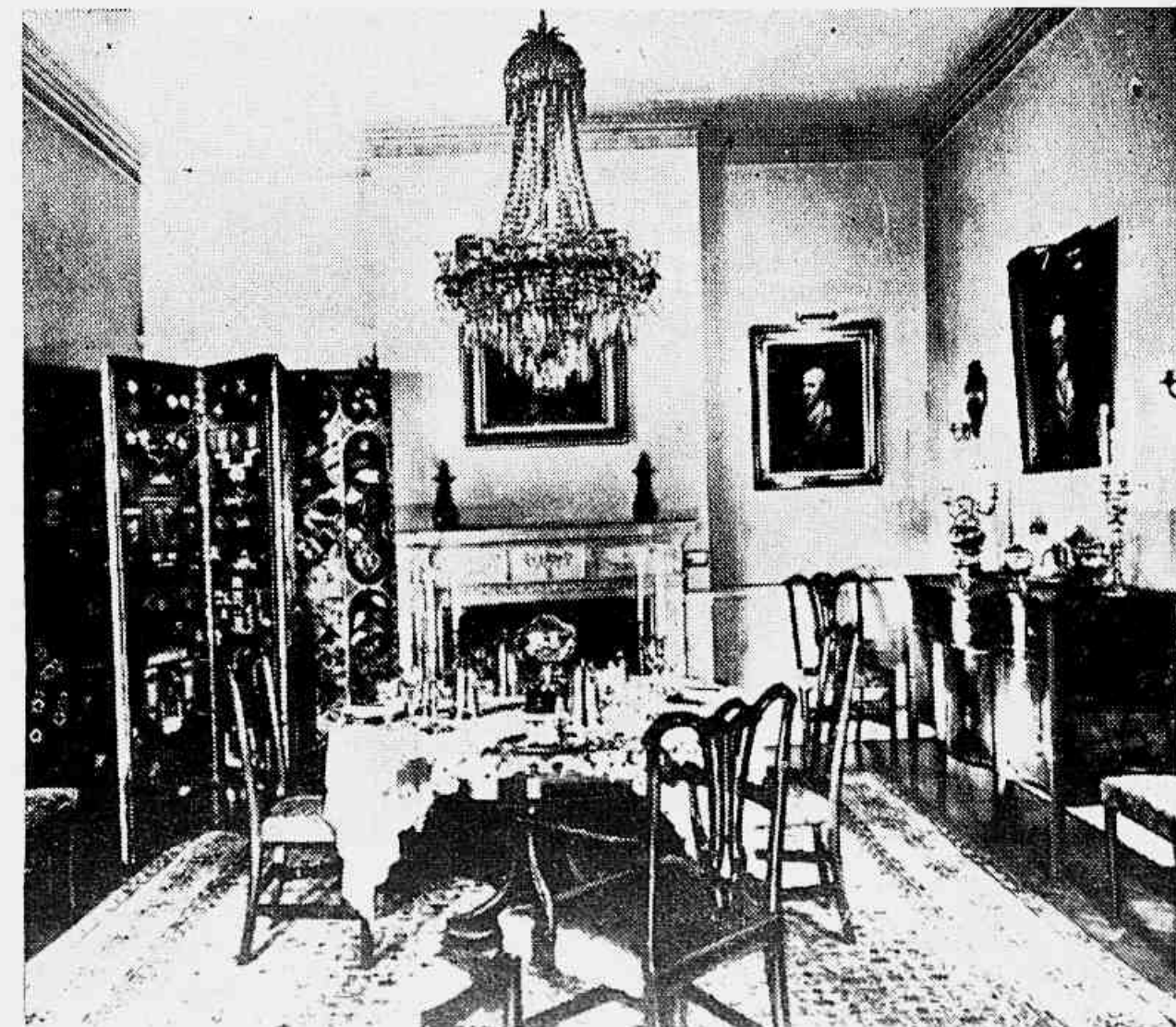
O principal dormitório de Blair House. O docel da cama é de mogno; as tapeçarias e gravuras (obras de Currier e Ives) são dos primeiros períodos da história do país.



Neste recanto a fotografia também documenta as belezas e antiguidades, vendo-se a lareira de mármore genuíno.



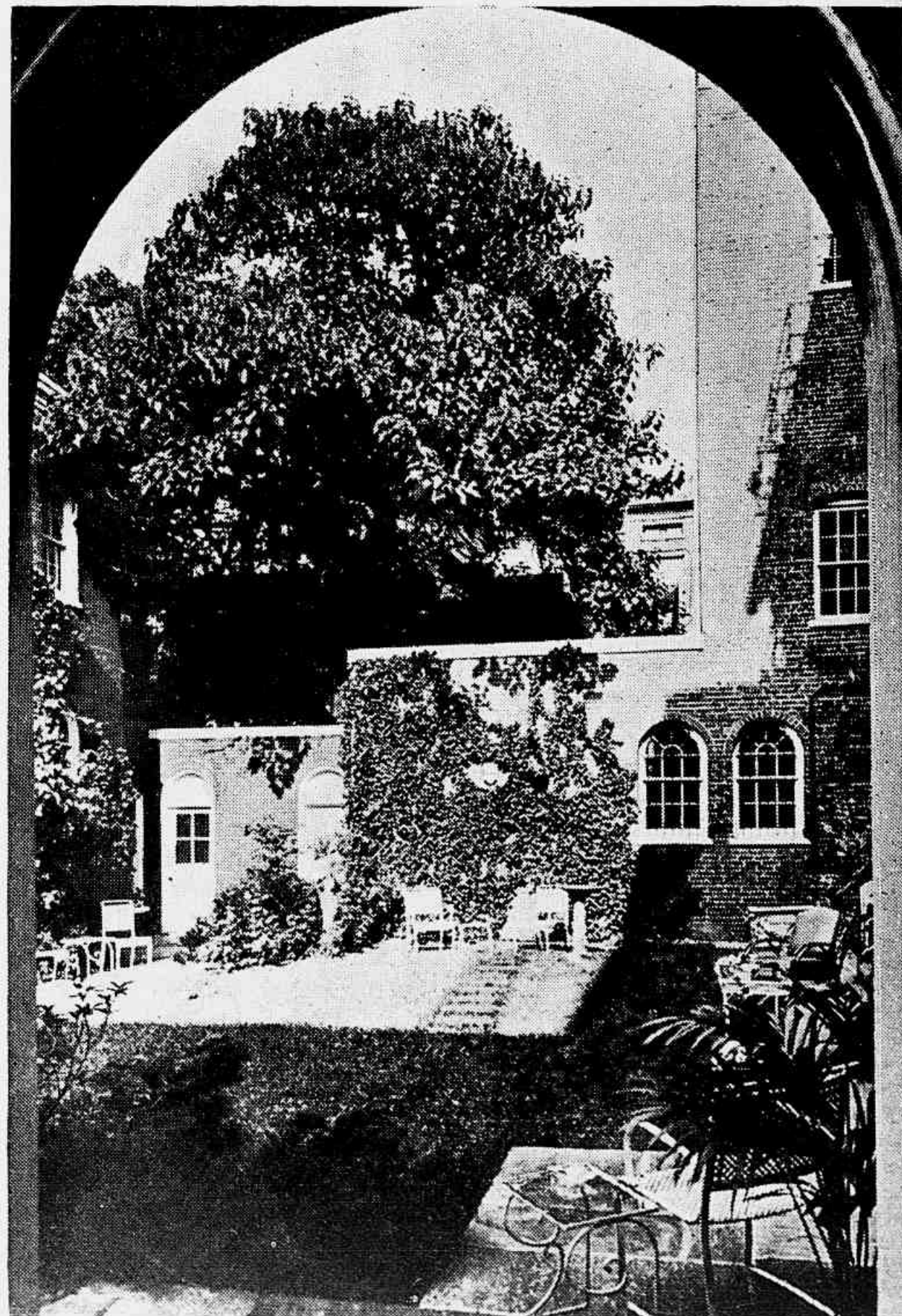
Baixelas de prata que se encontram na famosa residência da família Blair, onde se hospedará o Presidente Dutra.



Outro interessante aspecto interior de Blair House, onde tudo relembra os primórdios da vida norte-americana



Vista da antecâmara de Blair House, com o seu mobiliário estilo século XVIII e lindos candelabros.



Interessante vista do pequeno jardim, existente nos fundos da antiga mansão da Família Blair.



A família Werner fazendo a sua primeira refeição. Herr Werner, Wolfgang, Juergen, Inês e frau Werner

DEPOIMENTO DUMA FAMÍLIA SOBRE BERLIM DE HOJE

De A. STRINGAR

DURANTE todo o dia, de momento a momento, o garotinho louro debruça-se no peitoril da janela de sua casa e espia o céu, ansioso, bem por cima de seu telhado, justamente no ponto onde os aviões de suprimento dos aliados começam a manobrar para, em seguida, aterrissar no aeródromo de Thempelhof.

"No princípio, o barulho que faziam não nos deixava dormir sossegados durante a noite — explica frau Charlotte Werner, mãe do alemãozinho — mas agora já estamos bastante acostumados com eles, e o que nos faz acordar é a "falta de barulho", pois isso nos parece de mau presságio: pode significar, por exemplo, que, na manhã seguinte, não teremos leite..."

A família Werner sabe perfeitamente o que significa, para si e para os berlinenses seus vizinhos, o "corredor aéreo" mantido pelas democracias ocidentais, para garantir a subsistência de todo o setor de Berlim, sob sua custódia.

"Cada libra de alimentos que conseguimos, nos chega até à mesa por esse meio — e, de certo modo, até o trabalho de meu marido depende da continuação dessa "ponte aérea". Kurt trabalha, como centenas de outros seus patrícios, no campo de Thempelhof, dia e noite, no desembarque de toda espécie de suprimentos que nos enviam os nossos amigos do ocidente."

Kurt Werner é um dos 90.000 habitantes do setor anglo-franco-norte-americano de Berlim, que perdeu o emprego pouco depois do início do bloqueio da ex-capital do Reich preparado pelos russos. Na segunda semana de sítio, a fábrica de roupas, onde trabalhava como impressor, foi obrigada a fechar as portas, por falta de energia elétrica.

"Cerca de 200 outros companheiros meus foram dispensados dessa fábrica, que é a maior de toda Berlim, por falta de eletricidade — informa herr Werner. — Não há carvão bastante, a não ser para as indústrias de todo indispensáveis, em nosso setor; e penso que uma fábrica de doupas ainda não é de todo tão essencial assim."

Durante os quatro meses que Kurt esteve desempregado, a família Werner, composta de cinco pessoas, inclusive duas crianças, vivia da renda exclusiva, de 28 marcos por semana, que lhe proporcionava uma instituição de segurança social. Somente há pouco tempo foi que Werner conseguiu emprego na turma de desembarque do aeródromo de Thempelhof. "É um bom serviço, e nós todos estamos satisfeitos com ele, mesmo apesar de Kurt já não poder usar quase o seu único terno... pois as calças que usa durante o trabalho, de tão batidas, nem adianta mais lavar, tal o acúmulo de poeira de carvão, de mistura com farinha de trigo e outros ingredientes..." — explica frau Werner, com um sorriso brejeiro.

Sorrir — na Berlim de hoje — é coisa muito rara de acontecer, mormente nesse quarto apertado que ocupam os Werner, na meia-água de um prédio em ruínas de Fraenkueufer, no setor americano de ocupação.

A história dessa família alemã, desde um pouco antes do término da guerra, em abril de 1945, nos foi assim resumida por frau Werner:

"As crianças estavam num abrigo anti-aéreo ao sul da cidade, onde ficaram durante todos aqueles terríveis dias. Eu tinha saído minutos antes do nosso quarto improvisado, quando tudo estremeceu ao redor. O abrigo tinha sido atingido por uma bomba. Consegui voltar correndo e salvar meus filhos a tempo, antes que a outra repartição começasse a arder. Lá dentro estava uma mulher que morreu horrivelmente queimada. Escapamos ilesos. Tudo aquilo foi muito terrível. Mas... ainda não foi nada: coisa muito pior aconteceu quando vieram os russos, dois dias depois. Nós nos alegramos ao vê-los chegar, pois



Flagrante de Berlim atual

significava o fim da tormenta. Era assim que julgávamos que fosse. No entanto o que aconteceu depois da ocupação dos soviéticos não merece sequer ser narrado."

Frau Werner relembra os poucos, porém amargos, dias da ocupação vermelha daquele setor de Berlim. "O tempo dos russos" é uma fase especial na vida dos berlinenses desse lado de cá. Refere-se ao período logo após a capitulação dos exércitos nazistas, quando as tropas russas invadiram sozinhas a ex-capital do Reich, antes de as potências ocidentais a ocuparem definitivamente, como agora.

"Quando chegaram os russos, tive notícia de meu marido, que se encontrava ferido na Saxônia. Tinha sido atingido por um morteiro, havendo sucumbido todos seus companheiros, salvando-se Kurt por verdadeiro milagre. Um mês depois, nascia Luerge, o caçula."

Como muitas famílias germânicas, os Werner não praticaram qualquer ato de heroísmo do tipo exigido pelos nazistas, de cujo partido se mantiveram afastados, e nem seus dois filhos mais velhos pertenceram jamais às organizações da juventude hitlerista. "Nós não gostávamos de Hitler nem de seus amigos nazistas — explica herr Werner. — Nunca fomos políticos e nem apreciávamos política".

Logo depois da capitulação alemã, Kurt retornou a Berlim. A casa onde morava fora completamente destruída pelos bombardeios. Inês, a filha mais velha, havia terminado os estudos primários e conseguira arranjar emprego como costureira, e o mais moço, Wolfgang, ia ingressar na Academia. Tudo ia muito bem, quando o bloqueio russo teve início, há poucos meses.

O bloqueio soviético marcou o início de uma nova era para os ocupantes do setor oeste de Berlim. Todos os acontecimentos, hoje em dia na capital alemã, são narrados, como "antes do bloqueio", ou "desde o bloqueio". Os Werner, como o resto dos berlinenses daquele setor, aceitaram o bloqueio com resignação. Com a recente intensificação do fornecimento de víveres, a vida de muitas famílias tem melhorado consideravelmente. "A nossa primeira refeição consiste, geralmente, em fatias de pão, com manteiga ou margarina — diz frau Werner. — Almoçamos um guizado de batatas, simples ou com feijão, e às vezes um pouco de carne, quando a obtemos; à noite, comemos pão com manteiga e tomamos sopa de trigo, e depois café".

Herr Werner ganha 55 marcos por semana, recebendo uma terça parte dessa quantia em moeda chamada "Western Marks" e dois terços restantes em "Eastern Marks" (Marcos de circulação nas duas zonas de ocupação). Despesas tais como: aluguel de casa, alguns utensílios domésticos e alimentos, são pagas com os "Eastern Marks", que têm menos valor aquisitivo, enquanto que os "Western Marks" são reservados para os artigos que não os de primeira necessidade, e que são os mais caros, como roupas, sapatos, etc.

A família Werner não possui rádio. O único meio de se informar das notícias do mundo é o jornal. Kurt lê o "Telegraf", jornal licenciado pelos britânicos, e o "Tagesspiegel", licenciado pelos americanos.

"Não gostamos de ler os jornais da zona russa de ocupação — acrescenta. — São tão bombásticos e mentirosos como o periódico "Voelkischer Beobachter", preferido de Hitler. Sei muito bem que todos os jornais que aqui circulam fazem muita propaganda dos diversos governos da cidade, mas nesses a gente ainda encontra alguma coisa que se possa ler."

(Continua na pag. 52)

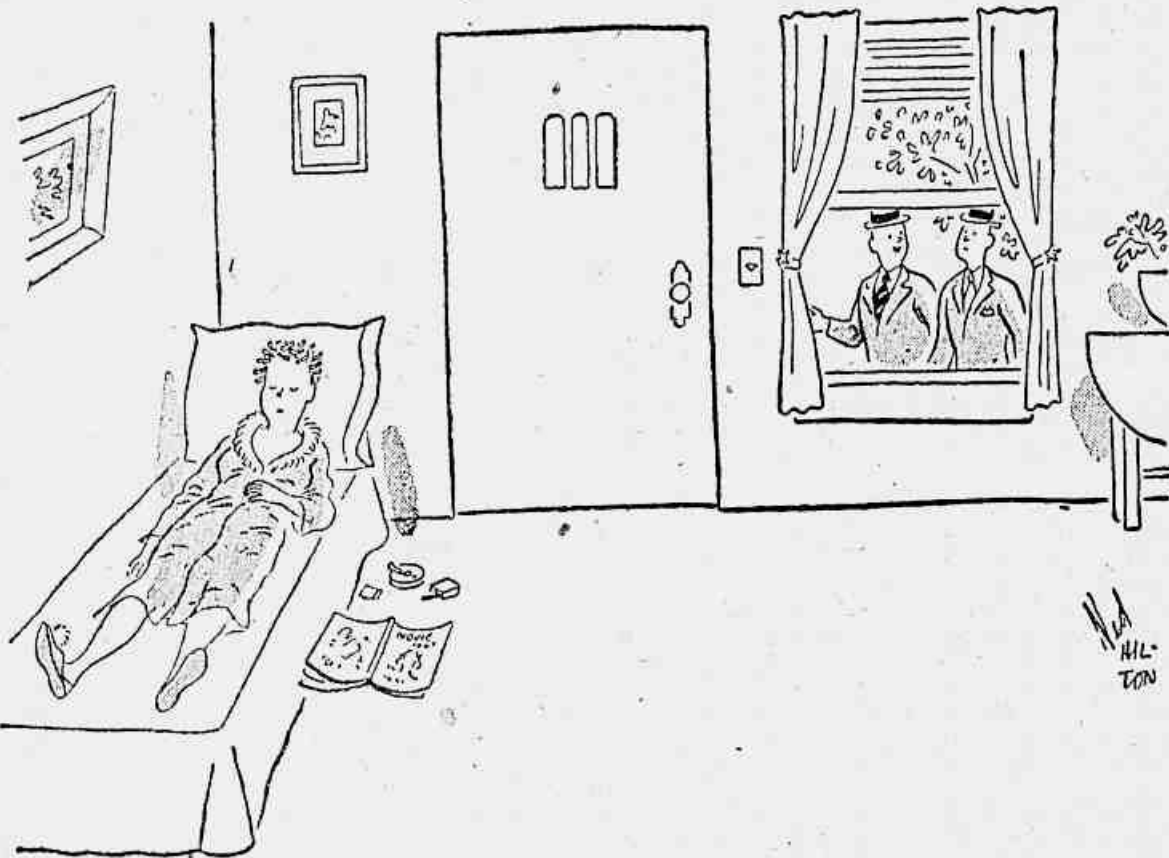
BOM HUMOR



Pois é amigo, além de outras vantagens não cobramos luvas.



É o que lhe digo "seu" guarda. Os fregueses resolveram devolver tôdas as garrafas vazias ao mesmo tempo!



Vais conhecer agora mesmo, a esposa mais encantadora do mundo.

CASAMENTO LICENÇAS



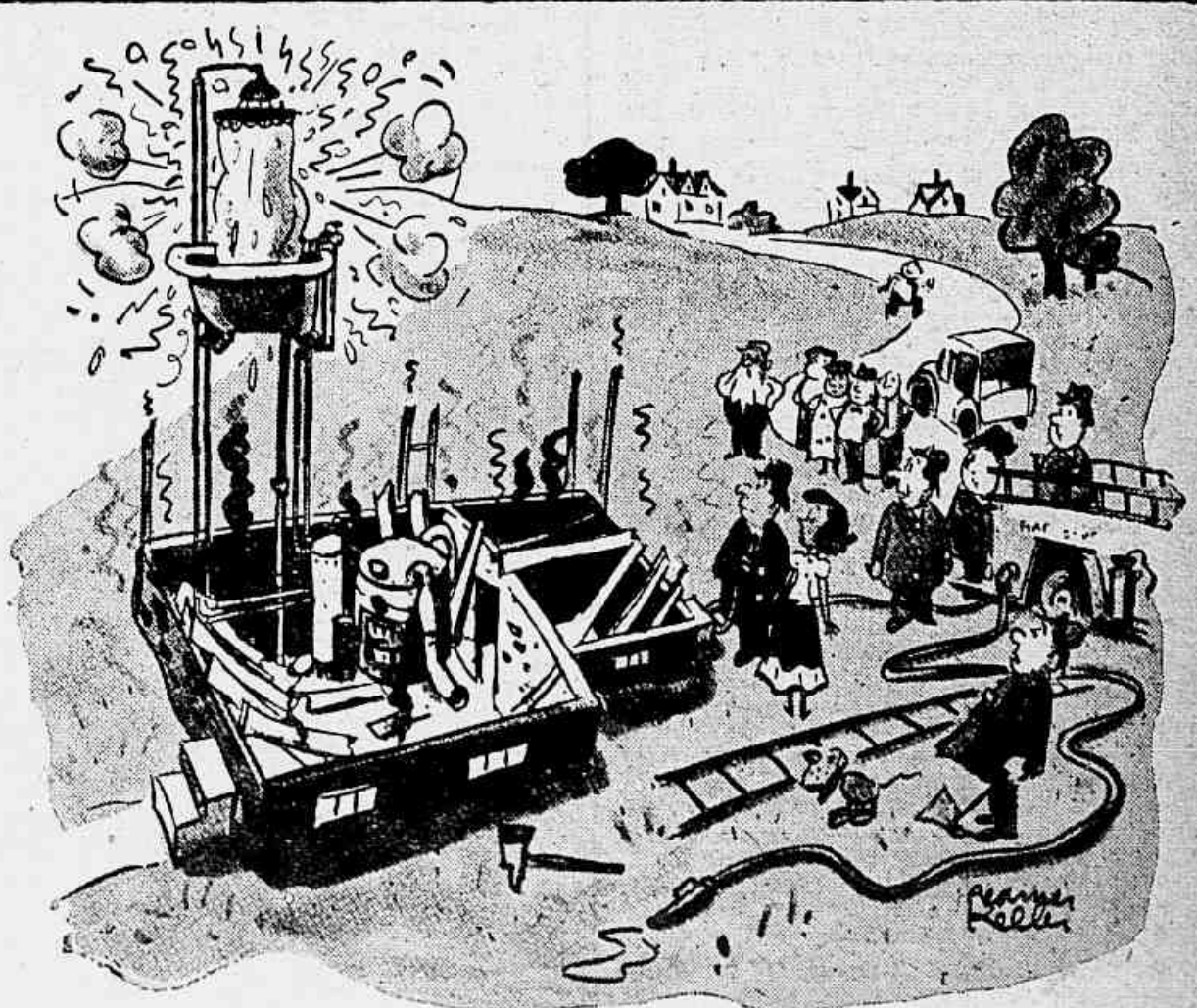
ELLER WOLFE



Que herói! tanto bom humor numa hora destas!



Este é de minha invenção, provem-no e-vejam SE PODEM dar as suas impressões



Querida, desligue o gás, está muito quente!



Há entre os atuais homens do Brasil um que se tem caracterizado por suas atitudes desassombradas nos mais difíceis momentos de crise política do país: — Juarez Távora.

Essa característica do general Távora se desenhou desde os tempos de estudante na Escola Militar onde fez brilhante curso tornando-se credor da admiração e estima de mestres e colegas. Depois, já com os galões de oficial de nosso exército, sua inteligência, seu critério, sempre estiveram a serviço das justas causas nacionais, como provou ao aderir aos revolucionários de 1924.

Homem de caráter inamalgável, desde muito jovem estabeleceu uma regra de procedimento social, político e militar em sua vida, abraçando os movimentos patrióticos em favor de sua terra, pelo que teve de suportar prisões políticas, ataques de inimigos de correntes adversas, até que se viu elevado a posição de um dos chefes da revolução de outubro de 1930.

Muito antes, Juarez Távora já perfilhara sua vocação de democrata a serviço de idéias e não de homens, quando escreveu a obra em dois volumes "A Guisa de Depoimento", em cujas páginas os brasileiros admiraram um homem sincero e devotado às causas das garantias constitucionais. Num desses tomos ele justifica sua rebeldia contra a política de então, dizendo que, lá na Escola Militar ele aprendera Direito Constitucional, e verificara que o país estava sendo ludibriado apesar da Lei. Daí sua revolta e a consequente adesão às idéias revolucionárias.



Vitorioso, desejaram premiá-lo com o posto de general do nosso exército, o que ele recusou alegando que isso ia de encontro ao seu critério de militar e cidadão, significando uma preterição a colegas seus mais merecedores da promoção em virtude de cursos e tempo de serviço. Depois ocupou o cargo de Ministro da Agricultura, tendo feito uma administração exemplar, bastando citarmos estas duas obras memoráveis: "O Código de Águas" e o "Código de Minas". Voltando à tropa, fez brilhante curso de Estado Maior, desprezando a política.

Ultimamente o general Juarez Távora vem sendo objeto de citações na imprensa, em face do chamado problema do petróleo em nosso país.

Muitas vezes seu nome é objeto de críticas e alegações algo apressadas pelos que não lhe seguem as diretrizes a respeito da política do óleo que o Brasil começa a esboçar e a discutir, havendo mesmo quem julgasse ser o general Juarez Távora partidário da tese "entre-guista". Diante desse ambiente, o grande vulto do nosso exército aceitou a realização de um debate público há poucos dias na A. B. I., tendo presidido a reunião, pronunciando, então, impressionante discurso sobre o debatido assunto, demonstrando excepcional cultura a respeito; desfazendo totalmente todas as dúvidas que alguns apaixonados tinham acerca de seu pensamento, que é, em tese, pela exploração estatal do petróleo, bem como das demais fontes de energia e dos transportes. Mas, uma coisa é a teoria e outra a prática. O que é urgente é a exploração do nosso petróleo com todos os recursos possíveis, venham de onde vierem, tudo, porém, mediante rigoroso controle em favor do Brasil.

Essa "mesa redonda" na A. B. I., constituiu o motivo central de todos os comentários da última semana, tanto nos meios civis como nos militares, pondo em foco o nome do general Juarez Távora.

a SEMANA EM REVISTA

CONTOS LITERÁRIOS

Esta revista, desde algum tempo a esta parte, vem mantendo suas páginas abertas aos principiantes em literatura que desejem progredir na arte de escrever. Instituiu uma seleção de contos literários e divulgou as bases de aceitação quanto ao tamanho e à forma das produções intelectuais de seus leitores. Tem sido muito significativo o movimento de remessas de contos à redação vindos de todas as capitais e cidades do interior do País, incluindo também o Distrito Federal. Uma coisa, porém, temos observado. Muitas dessas tentativas possuem certa dose de boa imaginação, e a fluência de seu aspecto descritivo é visível; infelizmente grande parte fica prejudicada por estes dois defeitos graves: temas muito livres, com cenas impróprias para uma revista do porte moral da nossa, assim como linguagem defeituosa quanto ao vernáculo, com desconhecimento absoluto das diferenças entre os verbos *haver* e *ter* e a preposição *a*. Notamos ainda a enorme ignorância acerca do sinclitismo pronominal, dos regimes verbais, da pontuação defeituosa e absurda com vírgulas separando o sujeito dos seus predicados. Isso tudo é o sintoma de uma época de relaxamento mental, de falta de pudor entre camadas responsáveis pela composição moral de nossa sociedade, isto é, de pessoas que, sendo mais cultas e instruídas, desprezam a cultura vernácula, as regras dos bons costumes e se desmancham em divagações sensuais, com a facilidade com que vão a um restaurante e tomam álcool e fumam cigarros, mesmo em se tratando de elementos do sexo feminino. Ora, esse desinteresse pelo respeito público se reflete na mocidade, e esta, ao crescer, continua na mesma trilha, aumentando-lhe ainda mais a área de decomposição.

AMOR QUEBRA-COSTELAS

Que se previnam as senhoritas que têm namorados ou noivos atléticos. Não permitam que esses apaixonados lhes deem abraços muito afetivos. Que haja efusão de alegria, mas um tanto de longe. Essa recomendação vem a propósito de um fato que se verificou ultimamente em Londres. Um certo jovem tivera de ausentar-se da capital inglesa onde também reside sua namorada. Ambos se amam com muita paixão e sinceridade. Lá, ausente da querida, ele vivia a contar os dias que faltavam para seu regresso a Londres onde estava saudosa sua belidade. Afinal chegou a hora da felicidade. Logo que desembarcou na capital inglesa, correu ele a visitar a "girl" e o fez com tanta emoção e sede de amor que, após o apertado abraço que lhe dera, começou a jovem "darling" a sentir-se mal, com uma dor incômoda na região da pleura. Desconfiada foi ao dr. James Harold, seu médico, que a auscultou cuidadosamente e a enviou ao raio X, para tirar dúvidas. Revelada a chapa, verificou-se que tinha ela uma costela fraturada, o que lhe estava causando todo aquele incômodo e aflição. Acidente? Algum atentado? A moça foi interrogada e confessou esta coisa incrível: seu namorado estivera ausente algum tempo, tendo chegado havia dois dias antes. Ao vê-la lhe dera tão forte e apertado abraço que desde então sentira ela uma dor aguda no peito, na região da pleura. Os braços do Apolo haviam quebrado uma costela. O assunto interessou os meios médicos e foi relatado com provas fotográficas no "British Medical Journal" de Londres. Entretanto não há nenhuma estranheza no sucedido. Não teria ele direito à sua costela?

COISAS DE PAPAGAIO

Em qualquer país onde houver papagaio há anedotas em torno dessa ave. Deu-lhe a natureza uma conformação lingual que proporciona este fenômeno: o bicho aprende a falar, a assobiar, a imitar outros pássaros, ruídos, o diabo que lhe venha às ouças. Muitas vezes o papagaio arremeda com tal perfeição a voz humana que engana qualquer pessoa menos prevenida. Mas não queremos neste tópico aludir a papagaios que falam. Vamos citar este fato curioso que o telégrafo nos transmitiu procedente de Londres: um papagaio mudou de sexo na capital da Inglaterra! O caso foi muito comentado ali. Num aviário em Brighton havia um velhíssimo papagaio chamado Robert, ou Bob, como o conheciam na intimidade. O seu tratador lhe dedicava muita amizade e cuidava dele com a maior distinção deste mundo. "Robert" fazia as delícias de quantos iam visitar o local, e o zelador ficava muito ufano com a cortesia dos visitantes e a amizade da criançaça ao seu Bob. Certamania, porém, quando o empregado veio fazer a limpeza da gaiola e colocar nova ração de comida, ficou perplexo. O seu velho papagaio não era papagaio e sim papagaia. Pusera um ovo! Mas que diabo! Como conseguira manter aquele ovo durante tanto tempo e sem qualquer amizade fora de horas com outros indivíduos de sua espécie? E não era "Robert" um papagaio? Como admitir-se que pudesse pôr ovos? Caso de partenogênese nas aves? O homem coçou a cabeça sem poder atinar com o mistério. De qualquer forma, porém, "Robert" estava irremediavelmente desmoralizado perante a humanidade e perante os seres do reino dos papagaios. E o desolado tratador foi falar-lhe: "Mas Bob, eu que tinha tanta confiança em você, meu louro, e você fazer um papel destes!". E passou a chamar-lhes Roberta... que está imaginando pregar uma peça no velho de Brighton.

GREVE CONTRA DEFUNTOS

Faz poucos dias irrompeu em França um movimento grevista de temíveis consequências e que ameaçou estender-se por todo o país: a greve dos empreiteiros de serviços funerários. O movimento foi originado pelo fato de não ter o governo concordado no aumento das tarifas cobradas pelos serviços fúnebres. Por esse motivo, fracassaram os entendimentos entre esses empreiteiros e os sindicatos de seus empregados quanto a aumento de salários, alegando aqueles que só podem conceder tais aumentos se tiverem permissão para elevar suas tarifas. O movimento não conseguiu dominar Paris, pois nessa cidade pertence ao governo o monopólio dos enterros, nem em algumas outras cidades onde os serviços dessa natureza são explorados pelas respectivas municipalidades. O caso é, porém, de aspecto dantesco. A morte não quer saber se é possível aumentar ou não os salários, ou se é possível subir as tarifas de serviços funerários das organizações encarregadas disso. Quando a foice de Atropos vibra sobre o pescoço de um candidato ao campo santo, o seu corpo tem que baixar à terra inapelavelmente. Imagine-se agora uma cidade como o Rio, por exemplo, onde morrem cerca de 3 mil pessoas por mês, ou seja, uma média de cem por dia, ver-se de uma hora para outra sem serviços funerários pelo fato de estarem os vivos e discutir questões de salário enquanto os corpos inanimados, já sob a ação dos aeróbios, ameaçam entrar em decomposição! E isso sucedendo em Paris, com uma população duas vezes a nossa, ou em toda a França! Uma calamidade. O fato é, porém, terrível advertência e um aviso aos governos para que chamem a si o serviço de tal natureza, salvando o povo de tão grande perigo.

PROIBINDO A CULTURA

Diz a nossa Constituição que o ensino no País é livre e que compete ao poder público estimulá-la de todas as formas. O Brasil sempre foi um país em que tudo se fez e se continua a fazer para obstruir a marcha da instrução e da cultura nos seus graus mais elevados. Para que possa funcionar um colégio de curso secundário exige o governo uma série de obrigações que, no final, fazem esmorecer os teimosos. No ensino superior ou técnico, nem é bom falar. Uma escola superior de medicina ou direito, de engenharia ou odontologia, para conseguir seu reconhecimento e ter, enfim, um fiscal para assinar diplomas, é coisa absolutamente impossível de dar-se no País. Parece que o governo tem o maior interesse em manter as populações sob baixo nível de cultura e instrução. Ainda estão sem remédio centenas de bacharéis e médicos, dentistas e engenheiros formados pelas antigas Escolas Livres, fundadas em virtude de Leis! Para a revalidação de seus diplomas pedem até que façam os formados o curso ginasial novamente... Que haja rigores em medicina, odontologia, farmácia e engenharia, compreende-se; mas que essas exigências sejam as mesmas quanto a cursos de direito e comércio, não é razoável. Ninguém entregará sua causa a um advogado ignorante, ou sua contabilidade a um guarda-livros analfabeto. Acaba o governo federal de assinar decreto proibindo de funcionar em Belo Horizonte uma Academia Livre de Comércio. Nesse estabelecimento se ensinam disciplinas de contabilidade comercial e financeira, dactilografia, línguas, etc. Ao invés de fechar, devia o governo proporcionar meios para que a Academia se tornasse reconhecida. Isto sim.

ESPETÁCULO NA IGREJA!

Esta nos vem dos Estados Unidos, país das excentricidades e fatos inacreditáveis. O reverendo Willis Miller, de vinte e oito anos de idade, pastor de uma igreja de Lynn, Massachusetts, tendo verificado que os fiéis estavam indo muito pouco aos ofícios divinos, apesar de todos os seus esforços dentro dos preceitos religiosos, esteve matutando durante vários dias sobre um meio de vencê-los nessa comprometedorá indiferença à igreja. Depois de alguns dias de meditação e estudos, descobriu o remédio e exclamou risonho o seu "Eureka". No primeiro domingo não foi muita gente, mas no seguinte o templo ficou superlotado. Homens, mulheres, velhos e crianças, todo mundo desejava ouvir o pastor daquelas almas desgarradas. Em que consistia o milagre? Apenas nisto, leitor: o reverendo Willis, com muita habilidade teatral, arranjou um desses bonecos de ventríloquo e o vestiu com hábitos sacerdotais, levando-o à tribuna da igreja. Lá o pastor se dirigiu ao povo, sendo de quando em quando interrompido pelo boneco com suas perguntas capciosas e provocantes. O povo achou muita graça e cada um saiu divulgando a curiosa novidade pela vizinhança, pelo comércio, pelas fábricas, entre amigos e colegas. As mulheres, porém, deram absoluta vitória ao padre inovador, e a igreja de Lynn começou a receber verdadeiras multidões de curiosos. Diz a notícia que algumas vezes Victor (nome do pastor coadjutor) faz perguntas sérias e complicadas ou faz observações profundas, sobre qualquer coisa a que o pastor se tenha referido. E' porém um sucesso quando Victor faz humorismo, ajudando a finalidade do sermão, é lógico... Seja como for, porém, o reverendo Willis conseguiu com o seu boneco que a congregação preste mais atenção aos sermões, bem como também conseguiu que as crianças se lembrem do que ouviram na igreja.

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 10 — 5-3-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr\$ 270,00	Seis meses	Cr\$ 140,00
------------	----------	-------------	------------	-------------

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegrafico "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: — Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel.: 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 — Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-press" — Florida, 299 — Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Conspiração revolucionária descoberta na Bolívia. Chiang-Kai-Shek continuará a dar ordens na China. O secretário de Estado dos Estados Unidos reúne os embaixadores de cinco potências para troca de vistas sobre o Pacto do Atlântico Norte. "Se o ocidente e outras nações amantes da paz se unirem agora, não haverá guerra durante várias centenas de anos", declara Bevin. Empastelado, por elementos da Polícia Militar mineira, um vespertino de Belo Horizonte. A partir deste ano, as indústrias alemãs e japonesas terão que ser contadas como rivais da indústria britânica, afirma o vice-primeiro ministro inglês. Prorrogado por mais seis meses o atual Tratado de Comércio e Navegação entre o Uruguai e o Brasil. Os negros não puderam entrar no Baile das Atrizes, realizado no Hotel Glória aqui do Rio. Corre a C.C.P. o risco de cair em completo desprestígio, diante das prorrogações do prazo dado aos moinhos estrangeiros para a mistura de trigo nacional ao produto importado. Instalados dois novos municípios em Santa Catarina. Decidiu a Noruega aderir ao Pacto do Atlântico Norte. Foi a Cantão o presidente Li Tsung-Jen, para um acordo definitivo entre os nacionalistas para obter a paz na China. Mr. Abbink, em Nova York, reafirma seu ponto de vista sobre o Brasil, dizendo que devemos antes cuidar da economia agrícola do que pensar em expansão industrial. O desabamento de um paredão de sete metros de altura por vinte e oito de comprimento sobre uma extensa fila de mendigos, em Portugal, causou a morte de mais de duzentas pessoas. Realizam-se as primeiras eleições, em Moscou, para escolha dos Juizes dos Tribunais do Povo. Em greve os "papa-defuntos" franceses, pleiteando aumento de tarifas dos serviços funerários. Reunião conjunta do Senado e Câmara dos Estados Unidos para ouvir a palavra do presidente Dutra, em maio próximo. Mindszenty comparado a mártires cristãos da antiga Roma. Homenagem do Senado aos heróis brasileiros de Monte Castelo. Inaugurado o 3º Pósto de Contrôlo Centralizado do Tráfego, na Estrada de Ferro Central do Brasil, em Barbacena. Paralisado o comércio de chá, trigo e madeira entre nosso país e a Argentina, informa o general Anápio Gomes na Mesa Redonda de Conservação do Solo, de que participa em S. Paulo. Vai depor na Comissão Parlamentar do Trigo, da Câmara Federal, o vice-presidente da C.C.P., sobre a sabotagem dos moinhos estrangeiros. Canonização de mais duas santas, ambas de origem italiana, pela Igreja Católica. Morreu, num acidente na Rússia, o comandante do submarino nazista que pôs a pique o "Royal Oak", encouraçado britânico. Bulganin faz um apelo aos soldados russos dizendo-lhes para que se mantenham prontos para o combate, diante da "ameaça" americana de domínio do mundo. "Necessária a intervenção do governo nos moinhos e até mesmo a sua nacionalização", declara o vice-presidente da C.C.P. depondo na Câmara dos Deputados. Henry Wallace protestou contra o prolongamento do Plano Marshall. Truman usa de expressão imprópria ao revidar o ataque de um jornalista norte-americano, sobre a recomposição de seu ministério. Tem início em Buenos Aires a greve geral dos gráficos portenhos, ficando a Argentina sem jornais e revistas. Na lista do governo britânico a nacionalização da indústria açucareira daquele país. Envolvidos numa conspiração em Praga 28 generais, que pretendiam derrubar o governo. Tudo pronto, em Londres, para a compra da Leopoldina pelo governo brasileiro. Nota do Departamento de Estado dos Estados Unidos acusando a Bulgária de "terrorismo descarado". Em comemoração ao 31º aniversário do Exército Vermelho, desfilam os russos no setor britânico de Berlim. Encerraram-se os trabalhos da II Sessão do Comitê do Censo das Américas. Aceso debates na Câmara Municipal de Uberaba em torno da emancipação política do Triângulo Mineiro. Criticado no Senado o Convênio do Trigo mantido com a Argentina. Técnicos europeus para o estudo das reservas minerais do Brasil; turmas mistas brasileiro-americanas já estão pesquisando as jazidas de ferro da Itabira e Congonhas. Fulminadas três pessoas por uma fiação elétrica em S. Luis, no Maranhão. No fim de março a assinatura do Pacto do Atlântico Norte. Lançadas as bases de paz permanente na Terra Santa, com a assinatura do armistício entre árabes e judeus. Presos vários dirigentes sindicais venezuelanos e greve geral ordenada pelo Sindicato de Artes Gráficas de Caracas, em sinal de protesto. Começou o racionamento da gasolina em todo o território argentino. Emissários nacionalistas conferenciam com Mao-Tsé-Tung. Truman diz que o Plano Marshall deve continuar. Explodiu um depósito de inflamáveis pertencente ao pósto de expurgo de Bayeux, na Paraíba do Norte, tendo como resultado quatro mortos e inúmeros feridos. 2.500 técnicos e especialistas europeus aguardam, na ilha das Flores, colocação no comércio, indústria e agricultura. "El Mundo", diário argentino de cuja direção o governo participa, furou a greve dos gráficos portenhos. Prêso no Chile um deputado comunista, acusado de agredir um policial. "Dentro de poucos dias terei que pedir-vos que defendais a nossa causa", declara o presidente Perón numa exortação feita a seus patrícios, para se manterem "unidos e alerta" na luta pela independência econômica argentina. Vai a Montevideu o general Mendes de Moraes, prefeito do Distrito Federal. Discursa na reunião noturna da Mesa Redonda da Conservação do Solo o sr. Ademar de Barros, informando que já foram distribuídos 100 milhões de mudas de pinheiro, como parte do programa de reflorestamento de todo o Estado, num total de 200 milhões. Aumenta o efetivo das tropas russas na fronteira com a Noruega, movimento este, segundo afirmam peritos militares, em conexão com a notícia da adesão daquele país ao Pacto do Atlântico Norte. Liberação parcial do comércio exterior argentino. Serão processados os líderes comunistas franceses, por "tentarem solapar o moral do Exército". Carnaval "dirigido" em Portugal: nada de fantasias nem danças nas ruas, "para não perturbar a paz pública".

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa-os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

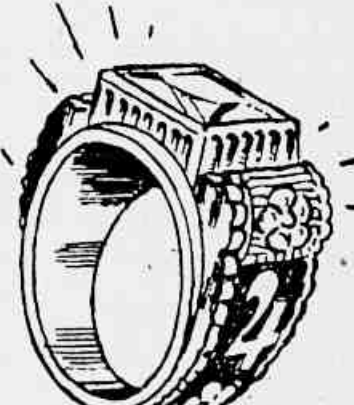
CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS
DOS SEUS LEITORES

- 1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



**JOALHERIA
FERRAZ**



Grande sortimento em
jóias de ouro e platina
com brilhantes. Relógios
para homens e senhoras,
de todas as marcas.

Único representante dos verdadeiros Anéis Horoscópicos, com signo, planeta e pedra do seu nascimento, em ouro e prata e ouro.

Anéis de ouro S. Jorge desde Cr\$ 500,00.

Anéis de ouro e prata com onix preto, levando S. Jorge em ouro, Cr\$ 400,00.

Pedidos pelo REEMBOLSO POSTAL, enviando sempre o dia e o mês de seu nascimento e a medida do dedo. Pelo Reembolso Postal mais Cr\$ 10,00 para despesas do correio.

JOALHERIA FERRAZ

RUA SETE DE SETEMBRO, 206 — RIO

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

MARGARIDA LA ROCQUE (A ILHA DOS DEMÔNIOS)

Romance de
DINAH SILVEIRA
DE QUEIROZ

José Olímpio Editora
Rio de Janeiro
1949

agora alcançados e que já eram dos mais amplos e brilhantes da moderna literatura brasileira. Para isso abandonou o habitual campo de inspiração, tão propício ao seu espírito como ao seu temperamento e no qual a observação e a poesia se combinam e acamaram em tão benfada harmonia. Visou um romance em que entrassem a História e a Lenda, ora em conflito entre si, ora se correspondendo e conciliando, como se uma à outra se ajudassem a criar uma só ficção ou uma única verdade. O plano requeria uma segurança de orientação e um vigor de execução realmente excepcionais. Participava um pouco de todos os gêneros conhecidos e praticados, desde a epopéia à fábula e do mais belo heroísmo à mais rude superstição. Envolvia os personagens mais diversos, incluídos os monstros e os fantasmas. E o cenário viria a ser uma ilha deserta de humanidade e povoada de uma fauna profusa, entre a qual um tipo de urso gigantesco e uma lebre que discorre e filosofa, exprimindo-se em linguagem correspondente à de qualquer de nós.

Para ali vão, com efeito, entregues, por sumária justiça, "à vontade de Deus", um homem e duas mulheres. Não é, porém, outro Robinson Crusoe, acrescido de duas colaboradoras, que a Ilha dos Demônios nos reserva. Os trabalhos do herói de Daniel De Foë formariam uma parte diminuta, quase insignificante das adversidades e tormentos que estes três condenados têm de suportar. Lutarão não apenas com a terra bárbara e o céu frequentemente colérico, as ventanias, as descargas abaladoras do raio e do trovão, mas também com os espíritos demoníacos ciosos da sua terra isolada, que querem livre de toda intrusão. A sra. Silveira de Queiroz aspirou a qualquer coisa de shakespeariano, não, como se vê, semelhante ao "Sonho de uma noite de verão", mas um tanto ou quanto da estirpe impressionadora da "Tempestade".

Para formar o romance inteiro, há uma espécie de confissão feita pela protagonista a um sacerdote compreensivo, narrando-lhe, de uma assentada, os transe e tribulações que hão de encher agora, em amplo formato, nada menos de duzentas e oitenta páginas. Daí provém a circunstância, apontada como defeito nas "Minas de Salomão", de se saber, desde logo, que o personagem principal sobreviveu às catástrofes e horrores acumulados no entrecho. Se, porém, esta certeza dos leitores pode atenuar o efeito teatral da novela, não a prejudica nem propriamente a atinge, como obra de arte. A tragédia, com a sua solenidade, a sua atmosfera de fatalidade, prevalece. Ninguém acompanhará sem alvoroço e constrangimento da sensibilidade a transformação das três criaturas em verdadeiros naufragos da alma. Vemos como gradualmente se vão transformando na figura, em todos os aspectos e na mais profunda intimidade. De seres inteligentes, de educada emotividade, tementes a Deus, crentes no amor, passam a uma sorte de meio-irracionais, entre a animalidade e a loucura. João Maria, o amante de Margarida La Rocque e o qual principiara, a bordo, por lhe fazer ouvir, ao alaúde, canções de pagem enlevado, adorabundo, em breve, na ilha, começa a perder-lhe o respeito, a positivamente a não amar; desconhece-lhe os encantos corporais e as graças do espírito; ao seu colo, por exemplo, aplica os sinônimos que não se dirigiriam a uma senhora nem a mais simples das mulheres; ela mesma profere as designações grosseiras; e nem quando vem o filho dos seus amores, João Maria se comove humanamente. Endoiçeria de todo, se a morte lhe desse tempo para isso. Sucumbe à violência dos esforços que teve de empregar, à crueldade dos lances que, abatendo-lhe as energias físicas, ao mesmo tempo lhe consumiam a esperança. A terceira figura do drama pavoroso, a dama de companhia de Margarida, após um delírio de sensualidade irracional, arremessa-se, desaparece numa voragem do destino; também a criança é vitimada pelas intempéries, o clima impregnado de peste; só Margarida La Rocque, salva por alguns pescadores dos que rarissimamente se aproximam da ilha maldita, vai voltar ao mundo, tanto quanto possível, ao que era a sua pessoa, a sua vida. Os homens do mar a avistaram, a socorreram, levando-a para o seu barco. E o singular, patético romance termina quando: ... "pela negra estrada das águas da noite, avançava o rotundo e pesado barco, lançando aos ventos do mundo seu intrépido cantar".

ORA, DIREIS

Versos de
AUGUSTO LINHARES

Editora Instituto do Ceará
1948

qual, no entender de muita gente que assim o conhece e devidamente admire, bem pouco tempo e bem pouca disposição deveriam razoavelmente sobrar para aquilo a que os franceses chamam *taquiner la muse*. Os seus versos, em geral, oferecem uma feição ligeira, familiar, sorridente, sempre ditosa. Inspiram-se em pessoas, objetos, casos que interessam ao seu feitiço moral, ao extremo afetivo e por isso mesmo precisando destas efusões em que a inteligência e a emotividade se combinam para reciprocamente se darem prazer. Nem só de sapiência vive o homem... Nesta individualidade o mestre e o artista se reúnem, sem que um deles pense em hostilizar o outro. Ao contrário: sentem-se identificados e indispensáveis entre si, para que ora prevaleça este ora aquele, e o equilíbrio, a harmonia se mantenha na sua natural comunhão. Assim o poeta de "Ora, direis" responde aos censores ou reparadores que precisa de fazer versos para não se sentir "um" apenas e sempre o mesmo: "São eles, assim diversos, que nos fazem diferentes". Entre as páginas mais enternecidas e carinhosas do livro, está a da "Mãe preta":

Quando Dodora ao céu chegar, é minha crença,
E ao Chaveiro disser: — Dá licença, meu Santo?
São Pedro, vendo-a, lhe dirá, com certo espanto:
— Você, Dodora, não precisa de licença!

E a porta lhe abrirá, paternalmente. E ela,
Para de toda ser feliz numa tal hora,
Seu cachimbinho acende. Acende-o numa estrêla;
Mas São Pedro lhe diz: — Não, aqui, não, Dodora...

Outra página de comunicativa delicadeza — muitas assim se nos deparam no volume que conta cento e cinquenta — é a da "Rendeira":

A rendeira o dia inteiro
Faz renda em sua almofada
E em seu labor costumeiro
Nunca nunca ela se enfada.

Bilros estala entre os dedos,
E ai Jesus, como os estala!
Deles ouvindo os segredos,
Ouvindo deles a fala.

Os espinhos espetando
Para que a linha se prenda,
Vai tecendo, vai traçando
O seu destino na renda.

E essa aracne sertaneja
Do meu torrão nordestino,
A vida inteira moureja,
Alheia ao próprio destino!

A VIDA E SEUS PROBLEMAS

Capítulos de biologia,
de JEAN ROSTAND,
tradução de LÍVIO DE
ALMEIDA

Editora Vecchi
Rio de Janeiro
1948

atribui. Acresce que nas duas famílias se encontram ascendentes militares, políticos, talvez algum homem de letras... Jean Rostand é o primeiro que faz figurar o nome em capas de livros científicos: de história natural, primeiramente; depois, de biologia.

Seu irmão mais velho, Maurice, bem cedo, adolescente ainda, revelava uma veia poética e uma

O título evoca Bilac e o famoso soneto das Estrelas. Constitui uma homenagem e presta-se a uma explicação. O sr. Augusto Linhares presente que alguém estranha a sua obra poética. Prata-se, com efeito, de um homem de ciência, professor, médico de grande clientela e ao

capacidade de erudição perante as quais se esperava ver surgir dali nada menos que um gênio. Após alguns volumes de versos sentimentais, uma fantasmagoria ligeira e um conto lírico, este em colaboração com sua mãe, o jovem Rostand, a quem já não podiam satisfazer obras de simples lirismo nem de fantasia ligeira, lançou-se a um grande drama em verso, "la Gloire", que mereceu a interpretação de Sarah Bernhardt e obteve um êxito excepcional. Está claro que toda a gente — inclusive alguns críticos — recordou "Cyrano de Bergerac", "l'Aiglon"; e não faltou quem entendesse que, muito breve, se não desde aquele momento mesmo, o triunfo teatral do filho suplantaria o do pai. Então Maurice se revestiu de uma prosápia, uma jactância que Paris realmente nunca vira. Nos salões onde a sua presença era disputada, tinha atitudes e frases que, pela sobranceira e a audácia, deixavam a perder de vista as de Oscar Wilde. Contou-se que, numa recepção e quando ninguém ainda pensava em se retirar, o poeta, dirigindo-se a uma das damas que dominavam a época mundana, lhe disse com a maior naturalidade:

— Duquesa, faz-me o favor de ir buscar o meu sobretudo?

Não reconhecia a ninguém, excetuados apenas alguns clássicos, mentalidade e cultura equiparáveis às suas. Por isso mesmo só falava de si próprio e sempre pontificando. Está claro que Paris não tardou a reagir contra aquele pedantismo desenfreado. Todos os sistemas de humorismo: a crônica de jornal, a cançoneta de revista, a caricatura, a anedota corrente se conjugaram para a desforra reclamada pelo "senso de medida" que constitui uma das características dominantes do espírito francês: o semanário "Gringoire" abriu, com diversos prêmios, um concurso de epigramas em dois versos contra aquela já ilustre mas tão pretensiosa individualidade. E, se a memória nos não falha, conquistou o primeiro galardão o autor desta parolha de alexandrinos:

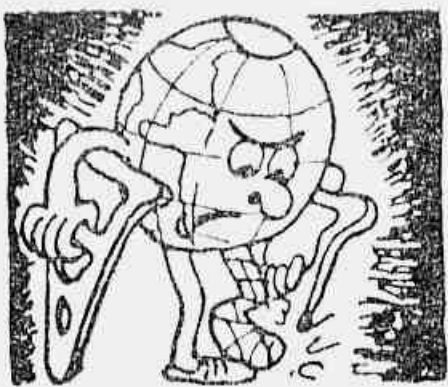
Pour Maurice Rostand il n'ya plus de mystère.
Maintenant qu'il sait tout, qu'il apprenne à se taire!

Enquanto o primogênito dos Rostand preparava outras grandes peças e o romance de guerra, depois adaptado à cena, "J'ai tué un homme", ia o filho mais moço, Jean, fazendo, sem nenhum alarido, nenhum espanto, a sua carreira de cientista. Começou por tratar assuntos de botânica e de zoologia, em artigos nas revistas circunspectas ou nas seções de jornal diletas dos que amam os animais ou se dedicam ao trato de pomares e canteiros. Em seguida, e gradualmente, o foram atraindo os vagos domínios da biologia. No seu sistema de trabalho entrava a divulgação das verdades mais ou menos ignoradas por aqueles que não dispusessem de tempo bastante ou bastante disposição distraída de outros trabalhos, para se poderem entregar ao estudo profundo das lições contidas nas bibliotecas e nas universidades. Os seus ensinamentos se dirigiam generosamente a todas as classes de estudiosos. O presente livro começa por esta pergunta: "Que é a vida?". E logo esse primeiro capítulo abre ao geral dos leitores algum horizonte imprevisto, algum novo cenário de ensinamentos que convidam a prosseguir, a querer aprender mais. A sapiência de Jean Rostand é das que não impedem os profanos de compreender e nem sequer lhes dificultam o prazer da leitura.

RECEBEMOS:

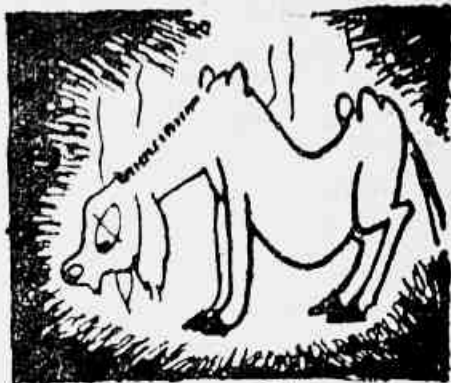
Caderno da Bahia, nº 2 da revista de que são diretores os srs. Cláudio Tuiuti Tavares, Vasconcelos Maia, Darwin Brandão e Wilson e o qual insere trabalhos em prosa e verso, dos srs. Wilson Rocha, Henron de Alencar, Nicolás Guilhém, Luis Henrique Dias, Mota e Silva, Paulo Jatobá, Fernando Ferreira de Loanda, Sosígenes Costa e Adalmir da Cunha Miranda, além de ilustrações dos srs. Manuel Martins e Carlos Fredirich. Salvador, 1948.

Revista de Portugal, série A "Língua Portuguesa", nº 70, volume XIII, com trabalhos assinados por Sebastião Pestana, José de Sá Nunes, Augusto Moreno, Sebastião Valença e outros escritores. Lisboa, 1948.

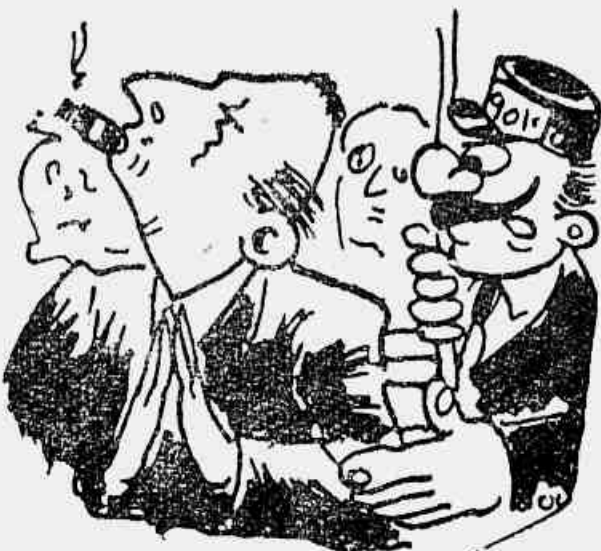


MILDOMANCA E A MILBEMURCHA

Bonecos de: RAEL • PAGINA DE AGITAÇÕES ATOMICAS • • • •



CONSELHOS DE UM PAI INCOGNITO TERRIVEL VINGANÇA



Depois de muitos anos de insuportáveis humilhações por parte de aristocrática e opulenta senhora canadense, que o cobria de opróbrio, de injúrias e menos-prêzo publicamente, em colunas e mais colunas de nossos jornais e revistas, tudo acintosamente exposto ao escárnio do povo com ilustrações insuportáveis e ofensivas à moral e tradições briosas do ofendido, não mais aguentando tantas humilhações à sua dignidade de brasileiro de 400 anos, o Tostão, Coitadinho, resolveu vingar-se da milionária senhora. Vendo-a em situação de falência, aproveitou o carnaval e se vestiu com a fantasia de Dez Cen-

tavos, seu sócio e confidente, o que despertou a cobiça da alfrontosa magnata que começou a cortejá-lo, sem saber que era um ardil

Em dado momento madame canadense se ajoelhou aos pés do plebeu Dez Centavos e lhe pediu, por amor de seu pai, o Cruzeiro, não a deixasse ir à falência com tantos filhinhos, os bondes (coitadinhos!) na iminência de serem levados à Sapucaia, por falta de alimento e roupa. E ela chorou... chorou... contando misérias de cortar coração

Foi quando o Tostão ex-Coitadinho, se descobriu. Ela não estava aos pés do Dez Centavos, e sim daquele pobre Tostão, o Coitadinho, a quem tanto humilhara antes. O povo estava vingado. Mme. Leite enxugou as lágrimas. E ele, heróico e superior, dando-lhe com desdém um níquel, disse: «Pra que chorar? Pra que? Pra que?»

Diante dessa Justiça de Deus que tarda mas não falta, ofereço aos meus filhos daqui e dali Mar de Espanha êstes dois conselhos:

1º — Quando o condutor disser: «Outra seção», respondam: «direto», e façam um sinal com o dedo no ar

2º — Se o homem insistir, saltem, para evitar escândalo por causa de um mal entendido, pois é melhor uma caminhada a pé, para abrir o apetite, do que pagar 40 centavos a ela para saciar-lhe o apetite.

Conde de Salamaleque.



Miranda (Juiz de Fora) — O verbo **latir** só se usa na primeira pessoa, no carnaval, e se essa pessoa está com máscara de cão. No mais só se emprega quando nos referimos a outrem. E' verbo cachorralmente defectivo.

Suzana (Goiás) — Espiritista e espiritualista são coisas diferentes. O primeiro é o que segue doutrina religiosa, e o outro que segue doutrina filosófica. Mas, quanto ao resto de sua carta, seu pai é mesmo materialista, sim senhora, salvo se mudar de ramo de negócio. Ora, se quem vende perfumes é perfumista; quem vive de jornal é jornalista; quem se ocupa de ocultismo é

ocultista, é fora de dúvida que seu pai, sendo negociante de **material**, é **materialista**, no duro.

Filomena (Rezende) — Quer queira, quer não, minha caríssima **demoiselle**, seu nome não nega, e quer mesmo dizer aquela **que ama, que gosta** do Mena. Seu noivo tem razão de estar com ciúme de todo colega, amigo ou conhecido que se chamar Mena. O melhor é mudar de noivo, já que não é possível trocar de nome.

Barão do Buteco

FATOS DE FORA

Segundo notícias procedentes de La Paz rebentou uma guerra entre as tribos do Pacífico, resultando luta corporal a facção de descascar côco, rolando cabeças de uns pela praia, e se acnando outros com os fatos de fora.

Noutro telegrama nos avisam despachos pela Via Tura que, agora aqueles fatos, tudo continua em paz lá



Noivado — Até que enfim, foi pedida em casamento a senhora Julieta Bina pelo futuroso desportista Miguel Palmério. Desejamos que seja muito feliz com sua cara Bina.



Batizado — Grandes alegrias com comidas e bebidas compradas a crédito no caderno do armazem da esquina, acabam de verificar-se no feliz lar dos nossos prezados amigos e assinantes reincidentes, João de Oliveira Mem e sua senhora dona Edmunda Tira Caminha, com o batizado de seu filhinho Zezito. Parabens ao casal Mem-Tira.

Nascimento — Robusto rebento dos nossos amigos incondicionais e fiadores de nossa residência Davi Sala Pereira e dona Mafalda de Osmundo Frário, acaba de vir ao mundo entre festas. Felicidades ao primogênito do casal Sala-Frário.



Casamento — Depois de prolongada lua de mel pelos cinemas, teatros e praias de banho desta cidade e vizinhanças, compareceram ao pretório os jovens Mauricio Dabrim e sua noiva Justina Cadeira de Abreu. Votos de venturas ao jovem par Dabrim-Cadeira.

O Jardim das Recordações

Novela de TREVOR ALLEN ★ Tradução de RENATO DE ALENCAR

COMO sucedia com as mulheres dos demais aviadores, que residiam próximo do aeródromo, Patrícia havia aprendido aquela recomendação não escrita, de que devia estar sempre disposta e de bom humor, mesmo que tivesse de receber a má notícia de que algum aviador, mesmo seu espôso, havia caído por aí, em terra ou no mar, de noite ou de dia. O menos que poderia acontecer em tais conjunturas seria o desejo a ser dividido entre os companheiros para que algum deles fosse procurar o extraviado ouvindo-se o clássico "até breve", com um sorriso jovial.

Se fosse casado, sua espôsa devia desejar-lhe êxito e recomendar não esquecesse sua garrafa de água quente prevenindo casos de acidentes. Muitas vezes ela ainda lhe oferecia um pedaço de bolo com o pedido de re-

gressar aos seus braços trazendo de volta um pedacinho para ela acrescentado de ameixas...

Claro que qualquer espôsa ao ver o marido subir aos ares sentia certa angústia e preocupação, mas não devia ficar metida no quarto a esperar e a suspirar. E' preferível juntar-se às demais para uma hora de chá, conversar ou tomar algum aperitivo, ou ainda conseguir distração na cidade ou ir até lá apenas para passeios diversionais.

Se, por ventura, for infeliz, não deve lamentar-se ou choramingar; mas ir para sua casa, ou para a casa de seus parentes, ou amigos que lhe possam compreender a situação. Muitas pessoas já Patrícia tinha visto chegarem e voltarem depois: a filha de um conde, antiga funcionária, instrutoras de dança, estenógrafas, serventes, todas conformadas com a vida que levavam pelo fato de seus esposos serem aviadores, cada uma falando com ar digno de heroínas.

Era mais ou menos como no exército: "Velha guarda, debandar! Nova guarda, a seus postos!". Um vai-vem ininterrupto. A reação chega em seguida, desde que estejam no caminho da experiência há muito tempo e sabiam que não podem fazer que os

demais sofram com as suas próprias lágrimas.

Nas horas de tédio o passeio predileto de Patrícia era um recanto poético denominado "Jardim das Recordações", situado num parque privado a cerca de uma milha da cidade. Como era delicioso aquele ambiente, tão calmo na sua paz entre flores e árvores frondosas, as veredas sombrias e evocadoras no meio da relva!

Ao lado do pequeno lago cercado de salgueiros e alguns arbustos, um banco em memória de um aviador desaparecido nos angustiosos dias de 1940 durante a batalha da Inglaterra. Patrícia gostava muito de ir até ali, e, às vezes, perguntava a si mesma se isso não ocultava algum sentimento mórbido. Como se explicava que ela, a espôsa de um aviador em operações de guerra, procurasse justamente aquele sítio particular com recordações da vida de um colega de seu espôso, morto na luta? Sabia ela, entretanto, que aquele ambiente a consolava, parecendo-lhe não estar sozinha. O símbolo da RAF, com suas asas, estava gravado no banco; abaixo o nome dele e a data em que morreu, na idade de vinte e um anos. Ela ficava ali horas a fio, a olhar a serenidade das águas, a ouvir o chilrear dos pássaros nas frondes densas do arvoredo, a velha ponte de pedras coberta de musgo a um recanto do lago, e tudo isso lhe parecia ter a doçura de uma prece, ajudando-a a rezar.

Entregue aos seus pensamentos, lembrou-se de que no dia anterior Ronnie levantara vôo, alegre como sempre, com o seu esquadrão, continuando tudo em silêncio a seu respeito. Seria ela surpreendida por um daqueles terríveis avisos, "Ele não voltou!"? Teria ela bastante coragem para enfrentar a situação? Estava certa de que precisava lutar para isso, mas... não tinha certeza de que suportaria estoicamente o golpe. Conhecia muitas outras que haviam vencido essa batalha do desespero. Ela tentaria também. Na noite anterior não conseguira conciliar o sono. Andou toda a noite de um lado para outro, ouvindo de hora em hora o relógio da igreja com o seu badalar saudoso, nervosa naquela isolamento, sem a presença dele, até que surgiu a madrugada com o cantar dos pássaros e em seu coração floresceu a esperança de boas notícias.

Naquela manhã Mrs. Bate, a dona da casa que lhes alugara o aposento, viera trazer-lhe o café, ainda muito cedo.

— Não é preciso levantar-se agora. Descanse mais. Quero saber apenas se deseja alguma coisa.

Antes que Patrícia lhe agradecesse a gentileza, ela saía do quarto, fechando a porta sem ruído. Não era a primeira vez que lhe levava a refeição matinal no próprio aposento de Patrícia e a deixava assim tão rapidamente. Certo dia justificou esse procedimento em conversa com seu espôso, na cozinha, dizendo que essas pobres queridas desejavam mais estar a sós. Ela bem sabia o quanto sofriam com as ausências do marido. Outras vezes, porém, Patrícia procurava fazer suas refeições a horas certas e no lugar certo. E' melhor agir do que falar, pensava ela.

Estava Patrícia a server seu chá, quando alguém bateu à porta. Era Cynthia. A visita parece que surpreendeu um pouco a espôsa de Ronnie, pois sua amiga, mulher também de um aviador considerado o mais íntimo amigo de seu espôso, não costumava levantar-se tão cedo e, quando o fazia, preferia dar seus passeios pelo campo a vir à cidade.

— Muito me alegro por ver que está sendo bem "explorada" pela estalajadeira, minha querida — disse ela em tom de pilhéria.

— Aceita um pouco de chá?

— Não, obrigada. Como tenho hoje o dia todo livre, quero saber se você aceita meu convite para sairmos, se lhe agrada minha lembrança.

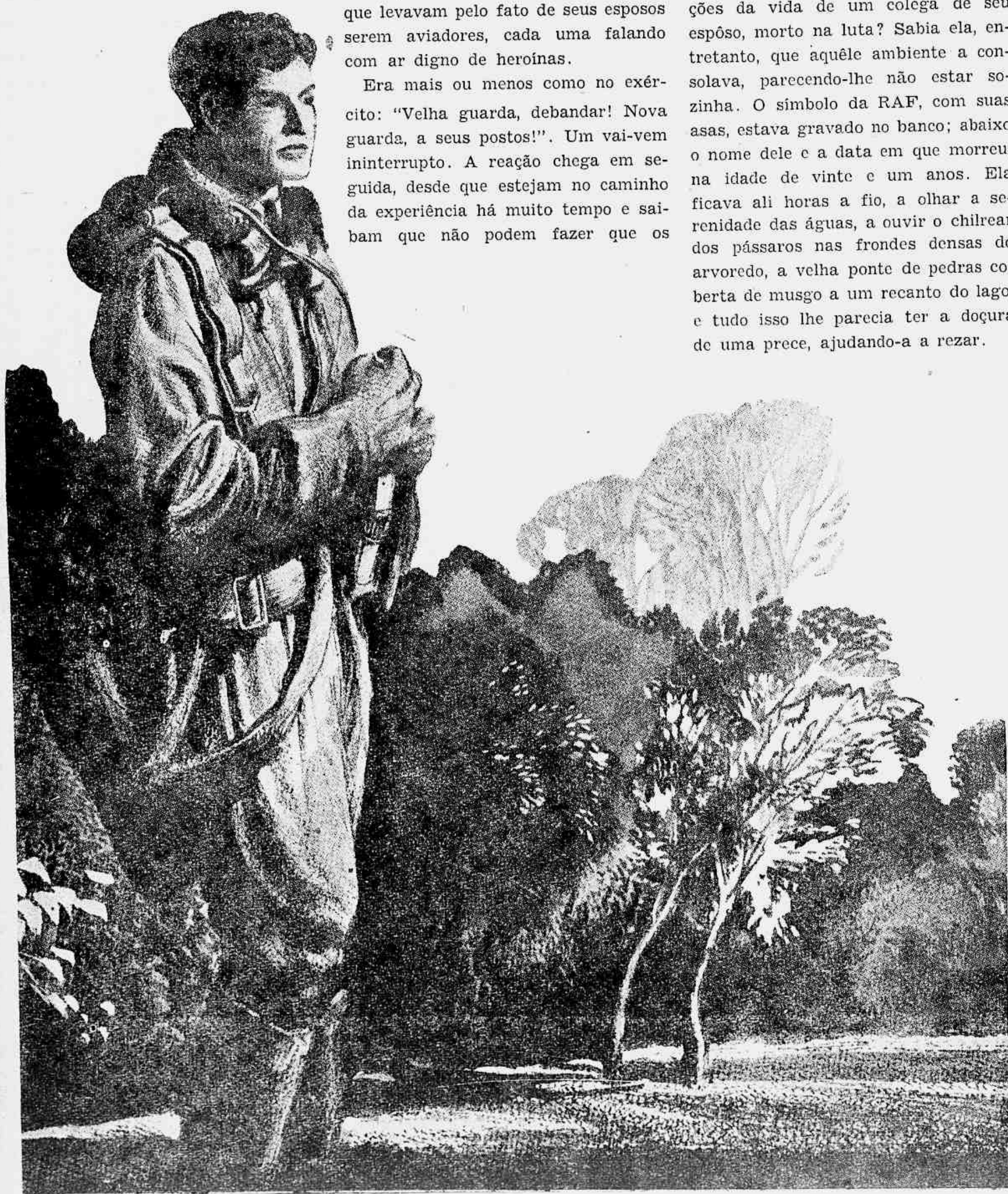
— Eu já estou comprometida para a reunião de socorro de Old House, com Lady Whatshername, esta tarde.

— Sozinha?

— Sim. Posso? Importa-se, querida?

— Você sabe mais que eu?

Ainda conversaram sobre coisas gerais e Cynthia se retirou. Aquela procedimento também fazia parte do costume de deixar em liberdade cada uma, conforme seu temperamento ou decisão. Nada de insistências ou de teimas por motivo de convites ou festas.



Patrícia estava resolvida a aderir ao trabalho de ajuda cujo caminho passava pelo Jardim das Recordações. Além do mais a reunião lhe faria bem ao espírito.

A hora marcada ela se vestiu com um "tailleur" cinzento escuro sobre blusa e pôs à cabeça um turbante, justamente aquele de que tanto gostava Ronnie, e se pôs a caminho imediatamente após o almoço. A tarde prometia ser quente e a caminhada ia fatigá-la. Indiferentemente, ela, ao chegar ao seu jardim de meditação, se sentou no banco e começou a pensar, durante muito tempo. Ergueu as mãos ao rosto, tapando os olhos brandamente e começou a fazer uma prece. As lágrimas vieram. Depois da oração, reclinou-se sobre um braço e esteve ali, sob a carícia do sol, a ouvir o cantar dos pássaros, naquele silêncio que convidava ao repouso, e sentiu uma espécie de alívio interior, até adormecer. Estava fatigada pela noite de insônia anterior, e aquele local lhe era favorável e acolhedor.

— Belo lugar este, não?

Era a voz de um homem. Não se assustou. Até parecia que já o esperava. À sua frente um aviador, muito jovem, afável e simpático, estava de pé, a fitar-lhe o perfil delicado e sereno.

Patrícia despertou e respondeu:

— Gosto muito deste lugar.

— Eu também o amei durante toda a minha vida, especialmente quando o jardim está todo coberto de lírios da Bermuda, minha favorita flor.

— Está de licença?

Ele sorriu e explicou:

— A caminho disso.

— Não me lembro de tê-lo visto na base.

— E' que não estou destacado lá. Está aqui há muito tempo?

— Não. Apenas há algumas semanas.

— Agora está sozinha... Vejo que está sozinha. — E os olhos calmos do aviador parecia que desejavam penetrar no pensamento de Patrícia.

— Sim, estou sozinha agora.

O jovem, como que desejando aliviar aquela pobre esposa de um colega, voltou com firmeza e veemência:

— Mas não se afobe, não se deixe esmagar de forma alguma. Pense sempre que ele voltará. Ele voltará para a senhora. Está salvo. Não me ouve?

Patrícia parecia estar engolfada em profunda perturbação. O jovem prosseguiu:

— Eu sei que ele volta. Não fique assim tão preocupada. Boas notícias virão. Muito me alegro ao ver que a senhora gosta deste sítio de que tanto eu também gosto.

Patrícia abriu os olhos espantada, confusa. A voz que acabava de ouvir, o jovem aviador que lhe falara, semelhavam coisa sobrenatural, pois se desvaneceram como por encanto. Seria uma visão? Onde estava ele? Despertou definitivamente com o alarido que umas crianças faziam perto dela.

— Olhem aquela moça a falar sozinha, a dormir! — gritou uma.

— Cala-te, não sejas assim rude! — reprovou outra mais velhinha.

Patrícia arregalou os olhos e viu duas crianças escolares a olhá-la admiradas. Uma delas procurava tapar a boca para não sorrir, enquanto a outra a reprovava. Depois seguiram seu caminho. Patrícia estava cada vez mais espantada com o que lhe sucedera. Dormira, não restava dúvida, e aquilo tudo fôra um sonho. Mas não era possível que tivesse sido um sonho! — Ela viu, ouviu o rapaz; notou seu fardamento, conversou com ele, tudo muito real! Ainda sentia sua presença ali, naquele canto, bem de frente dela! Patrícia tinha a cabeça tonta. Estava perplexa. Olhou em torno para ver se ele ainda voltava. Mas estava só, sozinha novamente, a ouvir apenas o cantar dos pássaros nas frondes verdes do arvoredo.

Entretanto ela não se sentia mais tão sozinha. Ele lhe falara com veemência, com vivacidade. Sua mensagem era um raio de esperança. Tudo deveria ter sido real e nunca uma ilusão, um sonho assim desfeito. Ainda esteve por algum tempo embevecida com o ocorrido, a olhar a relva, o lugar em que lhe aparecera aquela visão, e depois se ergueu e tomou resoluta o caminho em direção de Old House, edifício que era uma relíquia da época dos Tudor. À porta foi recebida por um velho criado. Levou-a até uma porta interna, abriu-a e anunciou:

— Mrs. Meadows, Mylady de Cherry Cottage.

Patrícia entrou então num grande salão todo adornado de cortinas. Lá grande número de senhoras, quase todas de idade avançada, trabalhavam em suéteres e meias para os soldados.

Uma senhora de alto porte e ar distinto, com seus cinquenta anos de idade, veio cumprimentar a recém-chegada, percebendo Patrícia que havia em seu olhar qualquer coisa que já lhe era familiar.

— Muito nos agradou que viesse — disse a Patrícia.

O tom de voz de Lady Ferringley claro e forte pareceu muito atrativo, e Patrícia olhou-a como se se sentisse bem. Estava a aristocrática senhora trajando uma espécie de quimono de veludo cor de cinza com o qual se

acentuavam os contornos de sua figura esbelta e respeitável.

Após uma apresentação geral a todas as presentes, Lady Ferringley conduziu Patrícia até uma cesta cheia de lã, da qual ela retirou imediatamente certa porção de lã azul e começou a tecer um pulóver para a força aérea. O trabalho prosseguiu animado até a hora do chá, voltando todas em seguida aos seus afazeres. A proporção que iam ficando fatiga-

das, saíam para suas casas, deixando as peças feitas ou incompletas, até que apenas restaram duas. Patrícia ia-se preparando para sair com elas, quando Lady Ferringley lhe disse:

— Se não está com muita pressa, desejo saber se poderia ajudar-me a selecionar uma porção de lã que chegou hoje.

— Com muito prazer — respondeu Patrícia.

(Continua na pág. 50)



ENTRE 1473 e 1543, grande número de bandidos ambiciosos devastaram a terra. O sultão Maomé II, Pizarro, César Borgia, Carlos o Audaz, Solimão o Magnífico, Baber — eis apenas alguns dos numerosos conquistadores que procuravam erigir um monumento à sua própria glória com os cadáveres de seus semelhantes trucidados. Hoje os nomes de tais conquistadores estão quase esquecidos. Mas desse período de perturbações bélicas sobressaem três nomes — Colombo, Lutero e Copérnico. E esses três nomes, é interessante notar, não são de conquistadores, mas de investigadores. Colombo descobriu um novo continente. Lutero traçou um novo caminho para Deus, e Copérnico descobriu uma nova solução do enigma do universo.

II

O nome primitivo de Copérnico era *Kopirnik*, que significa humilde. E essa palavra sintetiza tanto a origem como a personalidade do "anatomista do céu". Era filho de um obscuro padeiro da aldeia polaca de Thorn, situada nas margens do Vístula. Em criança, via o sol "rolar através do firmamento", do esplendor da aurora ao esplendor do entardecer, e à noite contemplava as inúmeras velinhas estelares que luziam no teto abobadado do céu. Interpelava os pais a respeito do sol e das estrelas, e eles o mandavam perguntar ao tio, o sábio bispo Lucas Wasseleirode. O tio lhe enviou livros de astronomia. Nicolau devorou-os, tornando logo à história, mais interessante, que as estrelas lhe narravam no livro aberto dos céus.

Quando tinha dez anos, morreu-lhe o pai e Nicolau foi entregue à custódia do tio. A dor da morte do pai foi mitigada pelo privilégio, que agora desfrutava, de explorar os numerosos volumes da biblioteca do bispo — livros, não só de astronomia, mas de literatura, pintura, escultura, matemática e música. Assim adquiriu desde o princípio um interesse universal pelas ciências e artes.

Aos dezoito anos entrou na Universidade de Cracóvia e recebeu instrução do professor Alberto Brudzewski, um dos principais astrónomos da época. Mas seu tio lhe aconselhou que, para fins práticos, voltasse o olhar do céu para a terra e consagrasse a vida à medicina em vez da astronomia.

Portanto, obteve o "barrete de doutor" em Cracóvia e depois pediu permissão ao tio para continuar os estudos na Itália. O bispo acedeu generosamente.

Mas antes de partir para a Itália, Nicolau aplicou-se por algum tempo ao estudo da pintura — a fim de, observou ele, "trazer minhas imagens concretas das belezas daquele país".

E assim, tomando os seus pincéis e livros, foi para a Itália, onde por três anos se dedicou à medicina, à arte — e à astronomia. Pois aprendera a pintar, não apenas as paisagens da terra, mas também as constelações do céu. Ao fim dos três anos de estudo (na Universidade de Pádua), seus professores "colocaram-lhe na cabeça" — como está relatado na pitoresca linguagem do tempo — "as duas coroas da medicina e da filosofia".

Mas então Copérnico não se consagrou nem à medicina, nem a filosofia. Foi nomeado (em 1499) para a cadeira de astronomia da Universidade de Roma.

Ali permaneceu quatro anos — período assinalado por brilhantes dissertações, ampla notoriedade, e insatisfação final. Essa insatisfação lhe veio da sua habitual curiosidade. Ensinava a astronomia de acordo com a teoria ptolemaica — uma doutrina que punha a terra no centro do universo e relegava o sol e as estrelas à posição de satélites que se moviam ao redor da terra. O sistema ptolemaico vigorara mil e quinhentos anos, e parecia destinado a vigorar eternamente. Pois, conforme sustentavam os sábios, estava apoiado no "infalível" testemunho dos sentidos. "O céu acima de nós, como é evidente para quem quer que olhe o círculo do horizonte, é uma taça invertida. E a terra, como é igualmente óbvio, ocupa o centro da taça". Partindo desse "fato evidente por si mesmo", os astrónomos afirmavam que a terra se mantém fixa no seu lugar — qual eterna rainha a que todos os corpos celestes rendem homenagem. O sol viaja por cima da terra durante o dia, e por baixo da terra à noite, ao passo que as estrelas viajam por baixo da terra durante o dia e por cima da terra à noite. O universo, em outras palavras, "é uma esfera perfeita, que faz uma revolução completa ao redor da terra em vinte e quatro horas".

Mas os astrónomos tinham observado que essa explicação do universo não era tão simples como parecia a princípio. Notaram que algumas estrelas estavam sempre mudando de lugar em relação a outras. Essas "estrelas errantes", ou "planetas", pareciam dotadas de movimento próprio. Um dos planetas, a que os astrónomos tinham dado o nome de *Vênus*, às vezes parecia seguir o sol poente, e outras vezes preceder o sol nascente. Um segundo planeta, *Júpiter*, realizava a sua tranquila jornada pelo céu em doze anos. Um terceiro planeta, *Marte*, fazia essa viagem em dois anos; um quarto, *Saturno*, levava trinta anos para completar a trajetória; e um quinto, *Mercurio*, parecia também mover-se pelo céu independentemente das outras estrelas.

Havia ainda a lua, o olho-da-noite, assim como o sol era o olho-do-dia. Também ela era um viajante "independente", e efetuava a sua revolução pelo firmamento em cerca de vinte e oito dias.

Aqui tínhamos, pois, a terra no centro, rodeada de sete corpos celestes — a lua, os cinco planetas e o sol — cada um engastado como uma jóia na sua própria esfera móvel. E, além e acima deles, ficava a ampla esfera que abrangia todas as estrelas fixas.

Tal era, em resumo, o sistema astronômico de Ptolomeu — uma série de esferas encaixadas em outras esferas, e todas a girar em diferentes direções e com diferentes velocidades em torno da coroa e remate do universo — a terra em que vivemos. "O

A VIDA DE COPÉRNICO

(NICOLAU COPERNICO 1473-1543)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS
(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA
DA SEMANA com a Livraria do Globo, de P. Alegre)

homem, portanto, é o centro de todas as coisas".

cambaram no misticismo. Sempre que um planeta ou estrela parecia abandonar a sua órbita própria, atribuíam o fato a "um propósito consciente da alma viva" daquele planeta ou estrela.

Era essa a astronomia pseudo-científica e semimística ensinada por Copérnico na Universidade de Roma. Mas, depois de três anos de ensino, Copérnico se revoltou. No curso de suas leituras onívoras tinha deparado com várias alusões a uma astronomia de novo gênero. Algumas dessas alusões datavam de vinte séculos antes, e provinham do filósofo grego Pitágoras. "O centro do universo", dizia Pitágoras, "não é a terra, mas o sol... A terra é apenas uma das estrelas que giram em torno do sol". O filósofo Aristóteles, sem dúvida, ridicularizava essa idéia. Mas de tempos em tempos, durante os dois mil anos transcorridos entre Pitágoras e Copérnico, algumas vezes tímidas ousavam repetir a sugestão de Pitágoras, a despeito da positiva afirmação de Aristóteles em contrário. Essa hipótese da mobilidade da terra despertara a curiosidade intelectual de Copérnico. E se um novo sistema astronômico, fundado nessa teoria, pudesse explicar todos os eclipses, todas as posições, todos os movimentos dos corpos celestes? Era uma idéia que bem valia a pena examinar.

Mas o exame dessa idéia era trabalho para uma vida inteira. Exigia tempo, isolamento e tranquila reflexão. Acima de tudo, exigia o abandono do ensino de uma teoria que agora lhe inspirava sérias suspeitas. Um investigador não devia arvorar-se em mentor.

E assim Copérnico renunciou à cadeira na Universidade de Roma e entrou para o sacerdócio na aldeia polaca de Frauenbourg. De então em diante a sua vida seria consagrada à propagação da Palavra de Deus e à contemplação das Obras de Deus.

III

O novo cônego de Frauenbourg não dedicou todo o tempo aos deveres religiosos e ao estudo da astronomia. Os pobres da paróquia necessitavam assistência médica, e Copérnico lhes prodigalizou o seu tempo e habilidade profissional. A sua perícia como médico lhe trouxe tão grande fama que até de países distantes vinham enfermos recorrer a ele depois de abandonados por seus assistentes. E, não raro, os mais abalizados médicos da Europa lhe escreviam pedindo conselhos para o tratamento de casos difíceis.

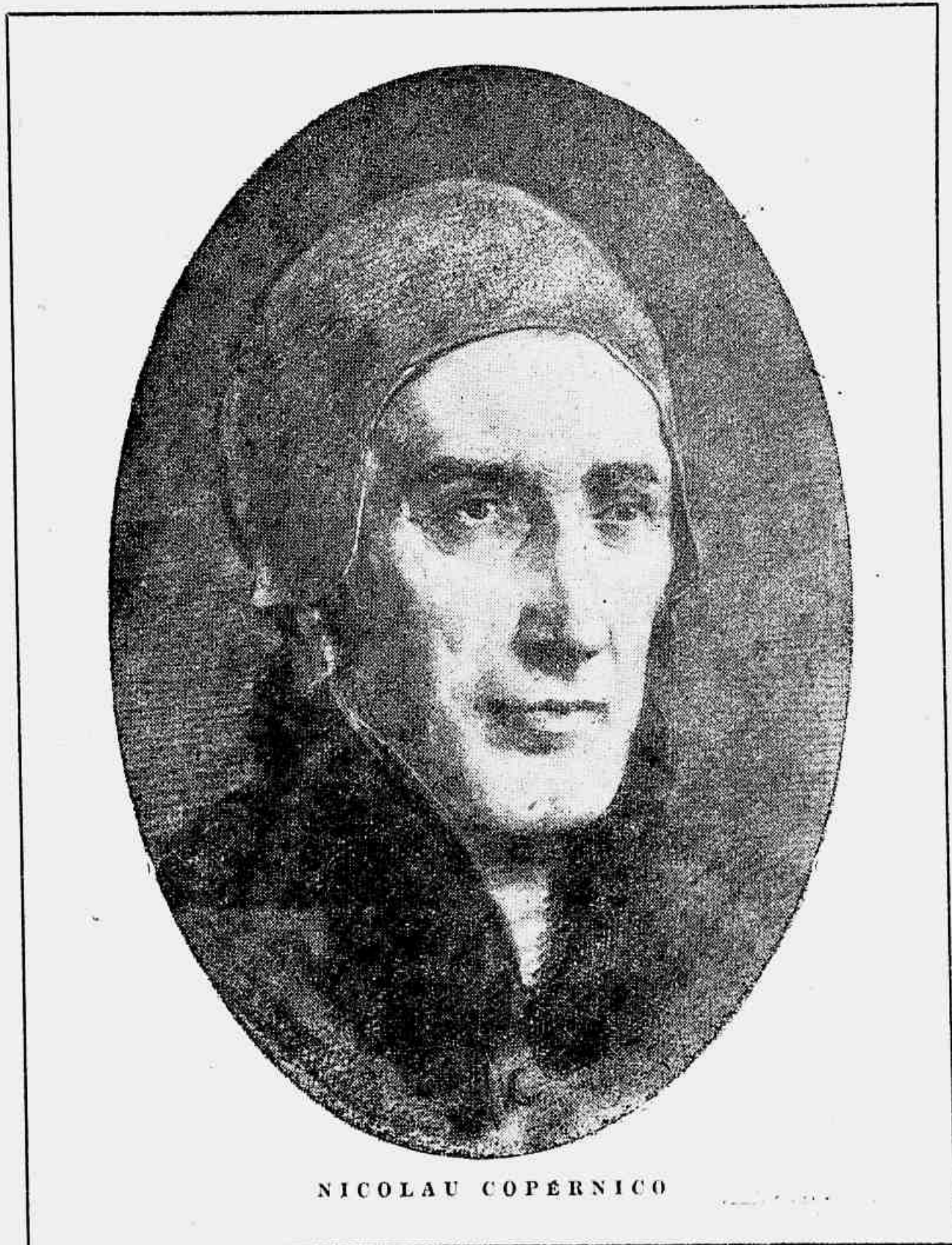
Mas não ficava aí a versatilidade de Copérnico. Não contente com prestar socorros espirituais e cuidados médicos aos seus paroquianos, ocupava-se também do conforto material deles. A aldeia de Frauenbourg estava situada em uma montanha, e os habitantes não dispunham de água corrente. Para conseguir água tinham de ir ao rio que ficava a duas milhas de distância. Copérnico resolveu "obrigar a água a vir até a aldeia, em vez de obrigar os aldeões a ir buscar a água". Construiu, pois, uma represa que levantava o nível do rio e lhe desviava o curso para o sopé da montanha. Depois erigiu um moinho que, mediante um mecanismo simples e engenhoso, captava a rápida corrente do rio e levantava a água até o nível da torre da igreja. Dessa elevação, a água era distribuída diretamente às casas dos aldeões por meio de canos. Em reconhecimento deste serviço, a comunidade colocou ao pé do mecanismo uma pedra gravada com o nome de Copérnico.

Com efeito, o nome de Copérnico acabara por se tornar sinônimo de bondade. E de sabedoria. Sempre que se tinha em vista um novo projeto em benefício da cultura ou das condições de vida, Copérnico era chamado a apresentar sugestões. A pedido do seu governo, elaborou um novo sistema monetário, e por convite da igreja introduziu reformas práticas no calendário vigente. "Copérnico", escreveu Clavius na sua obra monumental sobre o calendário, "foi o primeiro que descobriu a duração exata do ano". (Na realidade, Copérnico perpetrou um erro de 28 segundos no cálculo do comprimento do ano.)

Dedicando assim a vida ao triplice cultivo da caridade, da devoção e da ciência,

Copérnico tornou-se objeto de estima, e quase de reverência, para uma multidão de homens e mulheres.

Mas ao mesmo tempo incorreu no ódio de alguns. Principalmente da chamada Ordem Teutônica. Essa Ordem era um bando de saltadores que, sob o escudo da religião, saqueavam tanto o clero como os fiéis. Quando Copérnico teve o arrojo de se opor às suas depredações, publicaram um insultuoso panfleto em que o acusavam daqueles mesmos roubos que eles haviam cometido. Naturalmente, o povo riu dessas acusações absurdas. Mas isso não desanimou os bandidos da Ordem Teutônica. Pelo contrário, estimulou-os a novos e mais ferozes ataques contra Copérnico. Procuraram obter pelo ridículo o que não haviam conseguido com o ódio. Chegaram-lhes aos ouvidos que Copérnico andava escrutando o céu com o fim de averiguar a verdade ou a falsidade do sistema ptolemaico. Era um ponto vulnerável na couraça do adversário. Assalariaram bistrões para ir de aldeia em aldeia e fazer chacota dos estudos astronômicos de Copérnico. Esses pallyões reuniam uma turba de basbaques em torno de si e apontavam-lhes a terra imóvel e o sol em movimento — "coisas que qualquer idiota está vendo". Depois satirizavam o "padre maluco" (Continua na pág. 51)



NICOLAU COPÉRNICO

VIDA LITERÁRIA



Nobres ingleses em seus trajes de grande gala conforme a edição de "Peerage" de 1828

UMA OBRA SOBRE A NOBREZA BRITÂNICA

No ano de 1826, um cidadão inglês de nome John Burke lançou a público a primeira edição de uma obra notável intitulada "Peerage", a qual ficou, desde então, firmemente associada ao seu nome. Para informar o público sobre o seu conteúdo, inscreveu ele no frontispício o seguinte sub-título: "A General and Heraldic Dictionary of the Peerage and Baronetage of the United Kingdom, for M.D.CCC.XXVI".

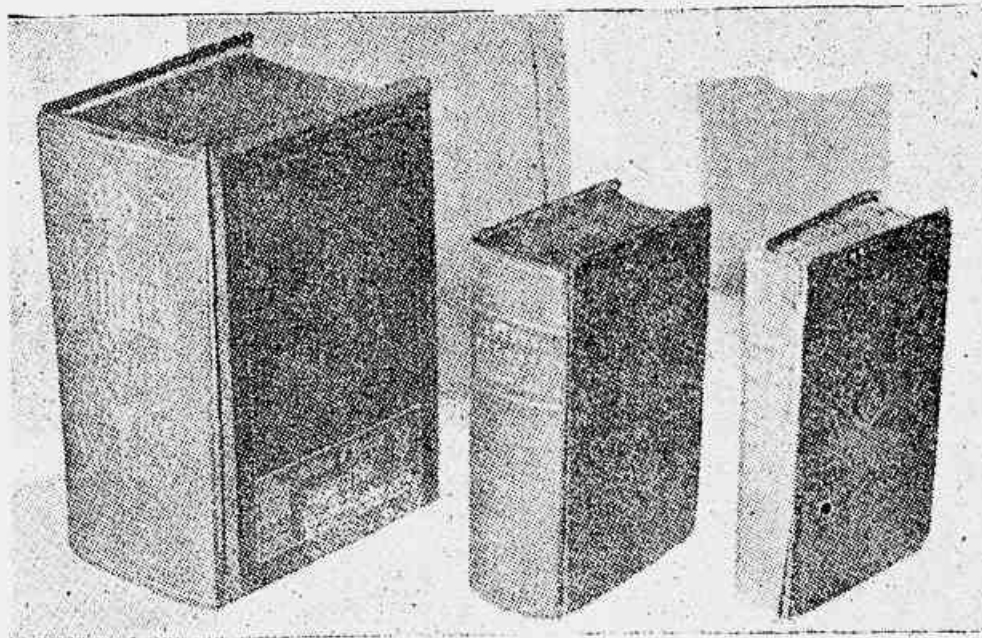
Traduzindo-se esse extenso sub-título, vemos que se trata de uma obra biográfica de famílias nobres do Reino da Grã-Bretanha. A palavra "Peerage" significa "aquele que tem descendência nobre", pertencente à linhagem da nobreza que dava Lords ao Parlamento. Como era de esperar, essa obra despertou a maior curiosidade e interesse entre a aristocracia da época, assim como entre os homens de cultura, os escritores e jornalistas, historiadores e biógrafos. Continha, além de todos os dados desses nobres, sua origem, suas armas, seus símbolos heráldicos, nomes de herdeiros presuntivos, etc., desde os mais antigos até aquele ano. O que justamente motivou essa publicação foi a ausência de uma obra da história e origem das famílias nobres, e que merecesse inteira confiança.

Seu autor estava com cinquenta anos de idade quando apareceu o livro. Seu filho John Bernard Burke que, depois, se tornou famoso e foi honrado com o título de cavaleiro com a dignidade de "Sir", tinha naquela época apenas doze anos. Apesar disso, já denunciava irreprimível inclinação para a literatura biográfica, genealógica e pesquisa de estudos heráldicos, o que resultou mais tarde na associação dele com seu pai, para a continuação das obras intituladas "Burke's Peerage".

O primeiro volume dessa obra genealógica era de 400 páginas "in-oitavo", vindo no final do livro as ilustrações dos braços das famílias nele referidas. Era intenção do autor publicar essa obra nos começos de cada ano, o que conseguiu, pois o "Peerage" se tornou depois anual. Em 1837 veio a público uma obra do mesmo gênero intitulada "Burke's Landed Gentry", ou seja, um outro livro de genealogia de gente da alta roda britânica, mas sem linhagem de nobreza. Golpe de inteligência de Burke...

Através de mais de um século as atividades dos Burkes se fizeram sentir na seara da genealogia, como se viu com outras obras mais literárias do que cronológicas, como "Romance of the Aristocracy" e "Vicissitudes of Families", nas quais os autores comentam os fastígios e as decadências de famílias históricas da Inglaterra, como os Cromwells e outros.

A última edição completa do "Peerage" foi a de 1939, depois do que, diante das dificuldades sobrevindas com a última grande guerra, não foi possível senão publicar um suplemento, em 1940. Agora, porém, está a sair (se já não saiu do prelo) uma grande e moderna edição do famoso livro sob título "Burke's Peerage", com 2.600 páginas e ao preço de oito libras e oito xelins, em Londres. Não somente para os amantes dessa bibliografia que teve suas origens há mais de um século através de uma família de genealogos e intelectuais de primeira grandeza, como pelo seu conteúdo digno de consulta, o novo "Peerage" que nos vem de Londres constituirá sensação entre os que amam as obras de real mérito informando-se sobre a história da aristocracia britânica e sua trajetória através dos séculos. A inovação mais importante dessa nova edição é que, além de conter completa história da Família Real ora no poder, traz ainda biografia dos mais distinguidos líderes da última guerra, como o visconde Alanbrooke, duque Wavell e outros.



Três edições do "Peerage", mostrando sua evolução através dos anos: 1826, 1828 (ao centro) e 1926, à esquerda

A IGREJA, A REFORMA E A CIVILIZAÇÃO

Com a morte do padre Leonel Franca perdeu o mundo intelectual do Brasil uma de suas maiores figuras nos domínios da filosofia. Esse culto jesuíta publicou em 1922 uma obra que se tornou clássica entre as de sua natureza: "A Igreja, a Reforma e a Civilização". Com esse livro o padre Franca ficou vastamente conhecido e admirado pelos seus profundos conhecimentos de História, Teologia e Filosofia, a par de grande cultura geral.

As obras desse gênero àquele tempo não podiam conquistar a massa de leitores que era de desejar, uma vez que, como todos sabemos, ainda era (e infelizmente continua a ser) muito escasso o número daqueles que se dedicam a tais estudos. Além disso, no ano do nosso primeiro centenário de emancipação política o Brasil não podia contar como hoje conta, com uma população mais densa e ávida de ilustração nos campos da Filosofia e das Ciências.

Nada mais oportuno, pois, do que uma nova edição do grande livro do padre Leonel Franca, a qual tem o grande mérito de ser a última revista pelo próprio autor recentemente desaparecido.

O tema desse livro de indagação filosófica e teológica é dos mais atraentes e indispensáveis ao seu estudo a quantos se interessam pela cultura de séculos passados até hoje.

Como sabemos, a Igreja Católica permaneceu encerrada durante séculos nos muros da filosofia aristotélica adaptada à escolástica das sete matérias, sobrevivendo depois o Renascimento com as lutas da burguesia contra o feudalismo, as grandes reformas religiosas, os esforços dos reis pelo poder absoluto, os cismas, as cruzadas, as primeiras lutas sociais, etc., tudo isso tendo como centro de fluxos e refluxos a Igreja, pelo seu potencial de influências políticas e sociais em todo aquele mundo de transições, rebeldias e avanço das idéias materialistas em tumulto.

GRANDEZA E DECADÊNCIA DE ROMA

Não se pode compreender a História sem conhecer a História de Roma. Dentre os escritores que se têm ocupado desse tema, avulta o nome de Guglielmo Ferrero, autor da grande obra histórica sob o título acima. Esse livro que é considerado um dos maiores acontecimentos literários do começo deste século, conta traduções em quase todas as línguas cultas. Seu autor já esteve no Brasil, como convidado do Barão do Rio Branco, em 1907. Aqui foi ele homenageado pelo mundo intelectual e recebido na Academia Brasileira de Letras, sendo saudado por Machado de Assis. Ferrero pronunciou no Rio cinco conferências, tornando-se sincero admirador do Brasil e de sua

PRIMEIRO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE JOAQUIM NABUCO

A Câmara Municipal do Recife instituiu em lei de 17 de março de 1948 sob nº 36, e sob os auspícios da Diretoria de Documentação e Cultura da capital pernambucana, o Concurso Joaquim Nabuco, destinado a homenagear a memória desse grande vulto nacional filho daquele Estado. Esse concurso se refere à melhor obra ou ensaio sobre Joaquim



Joaquim Nabuco, grande vulto brasileiro, orador, diplomata e político, cujo primeiro centenário de nascimento ocorre a 19 de agosto deste ano

Nabuco e consta do seguinte: a) As inscrições começam a 2 de janeiro de 1949 e se encerram a 31 de março do mesmo ano, av. Guararapes, 131, 9º andar, Recife; b) Devolução do trabalho caso não seja premiado; c) Os ensaios devem ser entregues em quatro vias, em envelopes lacrados, assinados com pseudônimo, acompanhados de outro envelope com o nome por extenso, residência e pseudônimo do concorrente; d) Só serão aceitos os trabalhos rigorosamente inéditos; e) Ortografia da Academia Brasileira de Letras editada pela Imprensa Oficial em 1947; f) Deverão ter um mínimo de 300 folhas tamanho officio dactilografadas em dois espaços, de um lado só do papel; g) O julgamento será feito entre 2 de abril e 31 de julho de 1949; h) Ao autor vitorioso caberá o prêmio de 30 mil cruzeiros, passando a pertencer à Prefeitura a obra premiada.

gente. Essa obra monumental constará de cinco volumes e virá enriquecer a cultura de nosso povo amante das grandes conquistas mentais.

LITERATURA INFANTIL

Os únicos livros para pequeninos que merecem, entre nós, as honras da imortalidade, são os que saíram do prodigioso cérebro de Monteiro Lobato. Esse escritor polígrafo escreveu as coisas mais sérias em livros destinados à infância e à juventude, de maneira que crianças, adultos e velhos neles podem aprender e deliciar-se sem enfados. "Emília no País da Gramática" é um curso de português animadamente vivo; "O Poço do Visconde" ensina tudo o que se pode desejar sobre petróleo, sua origem, sua influência, seu veneno político. E assim por diante, grande número de obras sérias, históricas, filosóficas, científicas, através das personagens imortais criadas pelo pranteado escritor brasileiro, são lidas com imenso prazer e proveito cultural por pequenos e grandes.

Noticiam agora que um renomado escritor francês, herói da aviação na última guerra, Antoine de Saint-Exupéry, abatido no litoral da Córsega pelos caças germânicos, vai novamente aparecer em português com a edição de seu livro para crianças intitulado "Le Petit Prince". Seu nome figura em traduções anteriores para nossa língua, como sucedeu com "Terre des Hommes", despertando agora muito interesse a nova edição portuguesa de sua obra oferecida às crianças.



Ilustrar livros para crianças é arte e ciência. Aqui está uma inspiração da autora norte-americana Betina, que também é a ilustradora de suas próprias obras dedicadas à garotada. Seu último livro se intitula "Cocoto", para crianças de 5 a 8 anos

PLANTAR... INDÚSTRIA

Texto de A. FERRAZ

Plantando, dá

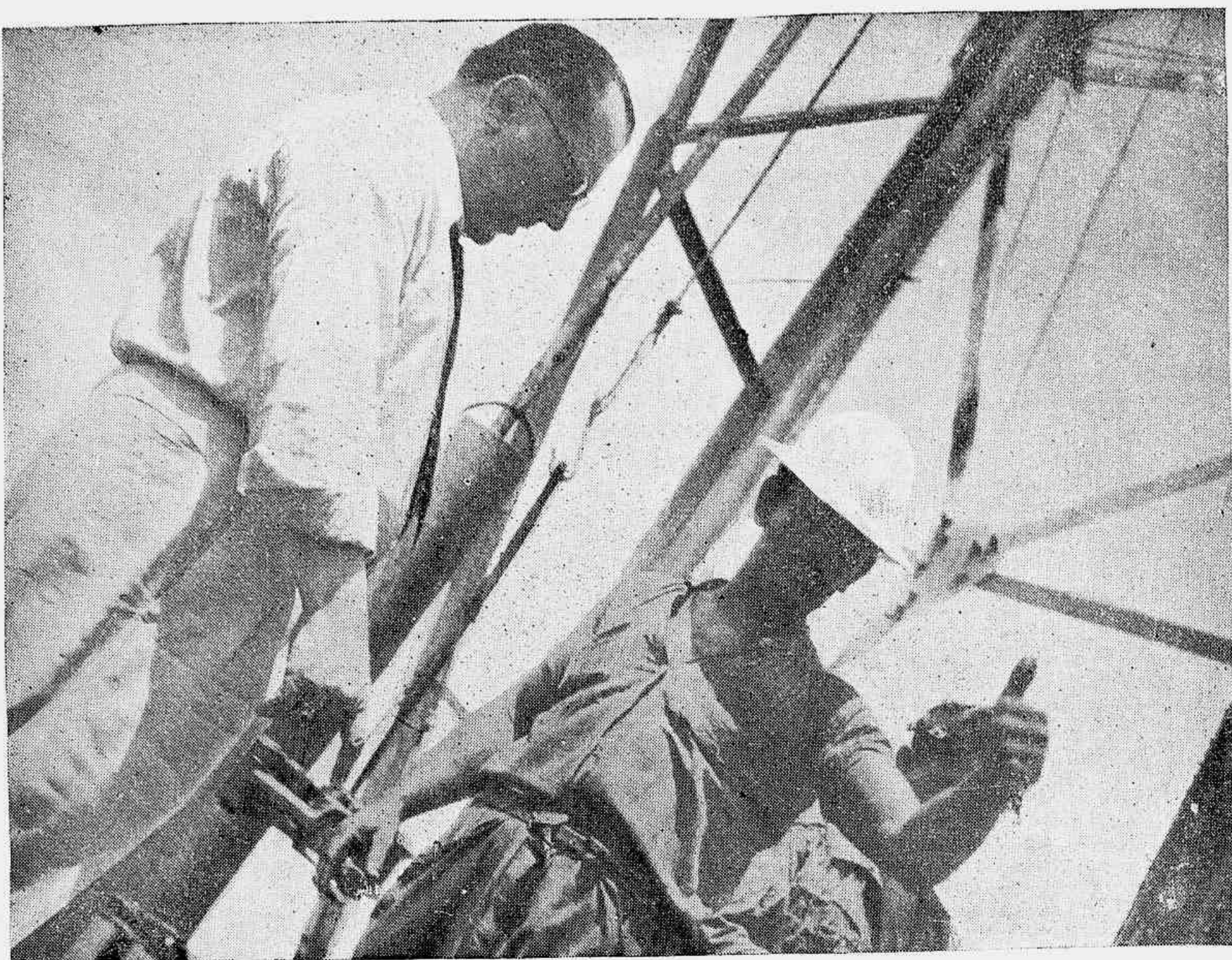
O mal não é disto nem daquilo. O mal vem de muito longe, dos distantes 1.500, quando aquele amável Pero Vaz Caminha escreveu a célebre frase que nos estereotipou, para o resto da vida, um país "essencialmente agrícola". O mavioso Pero Vaz, que hoje seria chamado de demagogo, não quis nem mesmo fazer demagogia, mas literatura. Era ele apenas um poeta à procura de um pretexto para botar sua poesia em pena de pato.

E ficamos nós, carregando uma frase, através dos séculos. O "plantando dá" passou a ser a ordem do dia do povo. Pioneiro do ulanismo, Pero Vaz, lançou, inconscientemente é verdade, a semente do "não vale a pena". O brasileiro cresceu acreditando em tudo no Brasil, menos em si próprio. Acreditou que tinha a natureza mais prodigiosa e pujante do mundo, sem perceber que ela o esmagava. Foi preciso um Euclides da Cunha dizer bem alto que o nosso sertanejo é um forte. Mas não é bastante que isso seja dito, é preciso darmos ao brasileiro a oportunidade de mostrar que é realmente um forte, côncio de sua força.

O homem no Brasil

Na sua recente viagem à Bahia, Euvaldo Lodi assim retratou o homem do Brasil:

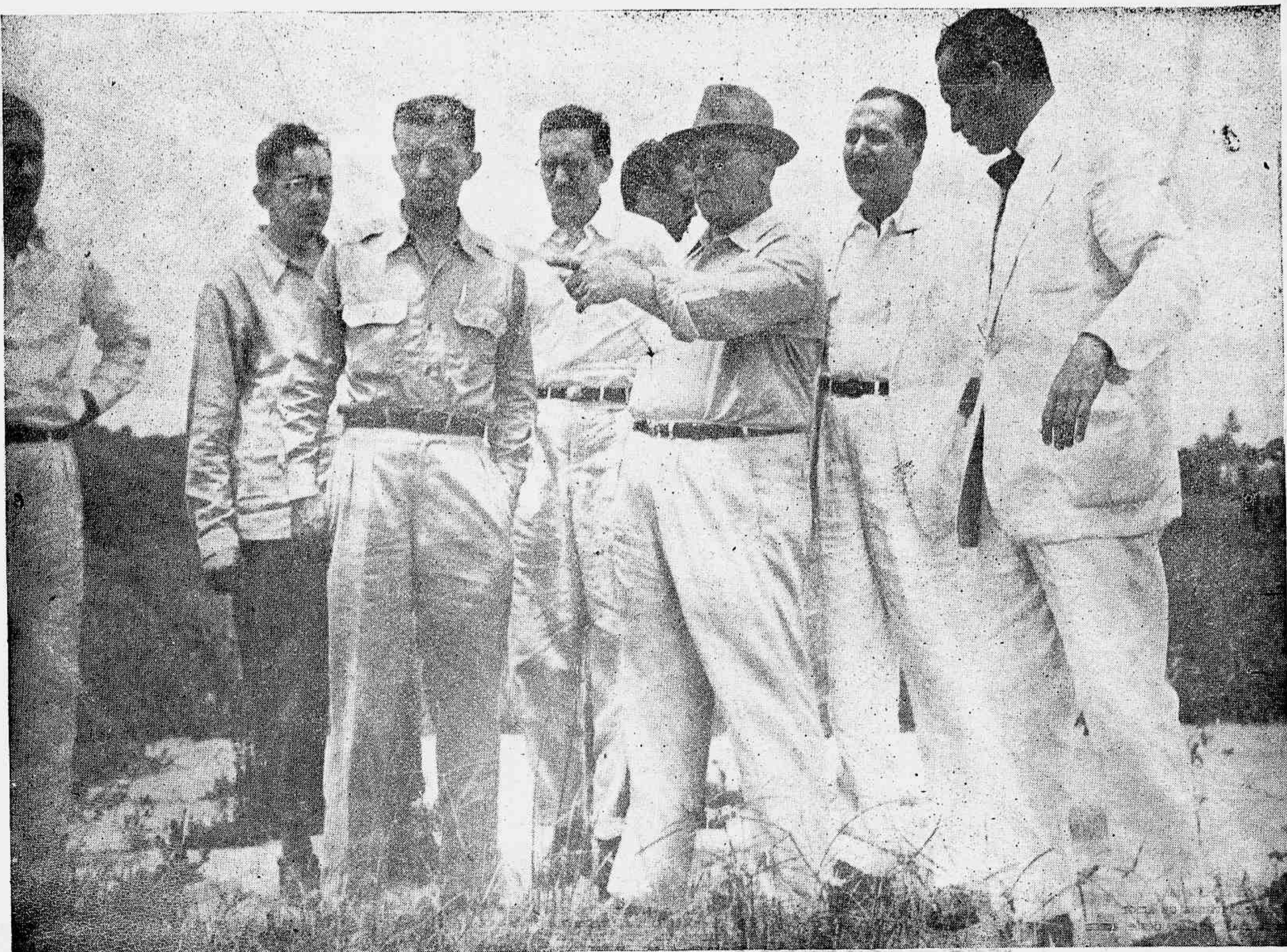
"Vejam o homem — forte porque conseguiu sobreviver e conseguiu organizar-se em nação. **Abaixo da linha equatorial, somos a maior nação do mundo.** É estranho isso. Ainda não foi assinalado. Mas é uma realidade. O homem teve que marchar sobre pântanos, depois de vencer o interminável areal e galgar as serras. Quase não temos planícies na zona central. Uma estrada tem seu custo multiplicado pela consolidação do terreno, pelas pontes, pelos túneis, pelos viadutos. Por isso, ficamos sendo um arquipé-



No taboleiro da baiana... tem petróleo



— Abaixo da linha equatorial, somos a maior nação do mundo, fala Euvaldo Lodi, no seu discurso em Salvador.



É o outro lado da Bahia. É a Bahia da produção, da industrialização, do trabalho, da energia

lago no litoral, com algumas tentativas heróicas de fixação no interior, determinadas principalmente pelo sonho do Eldorado.

Eis a nossa terra — magnífica, exuberante, opulenta, mas difícil de ser vencida. Sua integração na vida humana é um problema apenas esboçado, em princípios de solução."

Indústria é inteligência

Continuando a sua síntese sobre a situação econômica do Brasil, apontou Euvaldo Lodi o "tabu" da industrialização:

"Industrializar, não quer dizer abandonar os campos. Ao contrário. Precisamos beneficiar nossa produção rural. Indústria não é fábrica. Indústria é uma fase de civilização. Indústria é essencialmente inteligência."

São essas as palavras que o homem que produz precisa ouvir. A lavoura não deve temer a indústria como uma inimiga, mas associar-se a ela. O trabalho em equipe da produção com a indústria gera a eficiência e, portanto, a riqueza.

O brasileiro precisa meditar nesta verdade, simples como a verdade: qualquer industrial pode ser um industrial. A "raiz" é a mesma, o princípio é também o mesmo. Na sala de direção de uma das maiores fábricas do mundo, em S. Paulo, está guardada, como relíquia, a banca de sapateiro onde seu presidente começou a trabalhar.

Bahia rima com poesia...

Não há estado mais brasileiro do que a Bahia. Não há nisso uma pitada de separatismo, mas de unidade. Todo brasileiro, seja do extremo Norte dos Pampas ou do Centro, é "históricamente" baiano. Por ter sido o seu pedacinho o primeiro a ser descoberto, todos nós temos direito a ele. E por isso, a Bahia é de todos nós. É a história, a poesia, a cor local do Brasil. Se estamos no es-

trangeiro e queremos apresentar a nossa música regional, ela têm que ser baiana. E o que dentro do Brasil é baiano, fora do Brasil é ... brasileiro.

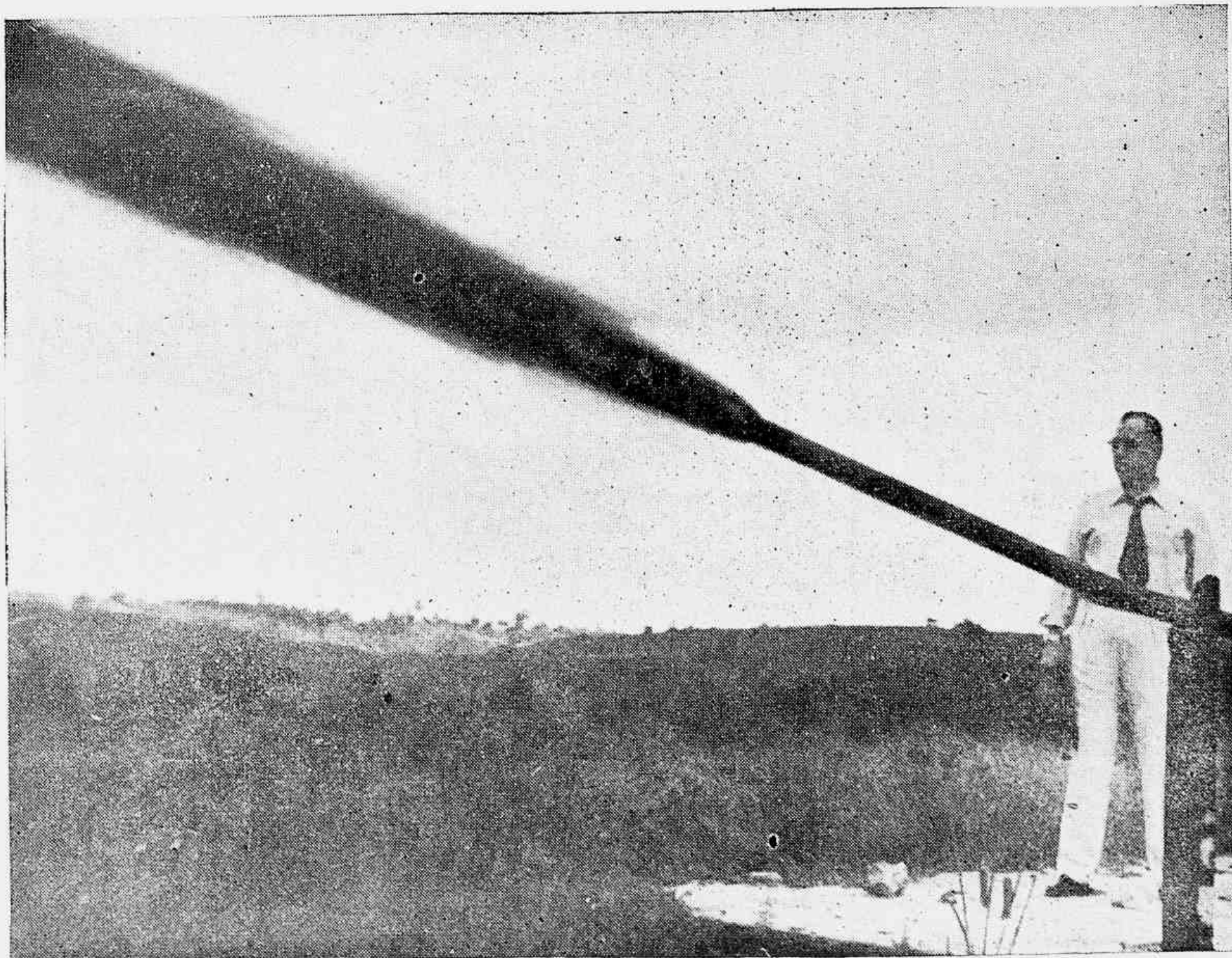
No taboleiro da baiana...

Tem petróleo. Bahia não rima apenas

com poesia. As possibilidades do seu solo, a força dos seus rios, são um convite à riqueza. Um destino de prosperidade. Mas não podemos ficar apenas gritando que "o petróleo é nosso". O petróleo é nosso, no dia em que trabalharmos com nosso petróleo.

Já passamos do período de êxtase. Todo mundo já viu que no taboleiro da baiana "também" tem petróleo. É o outro lado da Bahia. É a Bahia da produção, da industrialização, do trabalho, da energia.

É a Bahia, futuro do Brasil.



Já passamos do período de êxtase...



NOVA ILUSÃO (Samba)

De Luis Bittencourt e José Menezes

Foi o destino talvez
Causador deste sonho feliz
Ter você junto a mim outra vez
Relembrar todas as juras que fiz.

Tão satisfeito fiquei
Ao sentir nosso amor reviver
Que nem sei se sorri ou chorei
Custei mesmo a crer.

Recomeçamos assim
A nossa felicidade
Jamais alguém pensaria
Que aquela amizade
Viesse de novo a ter fim.

Mas durou pouco afinal
E esta nova ilusão terminou
Eu não sei se por bem ou por mal
Você foi e não voltou.

★

AO SORRIR DA VALSA (Valsa)

De Rogério Cinnelli (Elizeu)

I

Quando tu juravas
Ao céu tu meditavas
Por entre lágrimas de amor
Despetalavas a flor deste amor
Rias valsando
A dizer amortalhando esta dor
Na voz desta canção
Nós viveremos de sonho
De uma eterna ilusão.
Nós viveremos na ilusão de uma
[valsa sem par
Na paixão desta dor pus-me ao céu
[meditar
Desvasiando-se o céu
O salão desvasiou-se também
E a valsa findando a meditar es-
[pere
Nossa valsa que aí vem...

II

Ris, pela dor
De um sacrossanto amor
Ris destas flores
Que matastes infeliz sem amores
Eu, em uma valsa a dizer-te que o
[mundo

Um sonho feliz
Quando tu beijavas estas flores
Juravas amores a um trovador
Não rias que o riso transforma-se
[em pranto
E os prantos são um amargo sentir
Para nós sermos felizes
Só numa valsa sem fim...

★

TEU AMOR E O MEU (Fox-Blue)

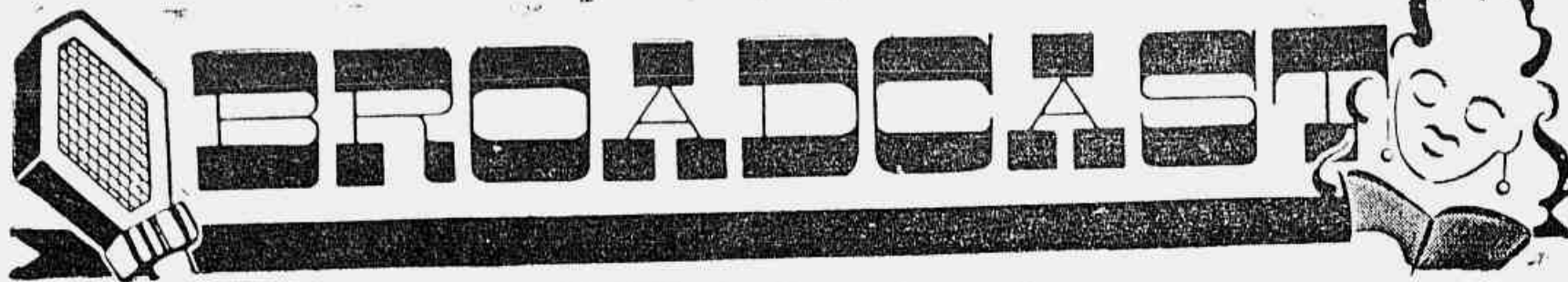
De José Maria de Abreu. — Gravado
por Orlando Silva. (Odeon)

Entre o teu amor e o meu
Existe diferença atroz
Que há muita origem deu
A um grande abismo entre nós...

Teu amor é interesse
E o meu é afeição
Meu amor aumenta e cresce
O teu, acho que não...

Ai, de mim!...
O nosso amor é um mal
Sempre assim
Dois, nunca se amam igual!...

Entre o teu amor e o meu
Foi justamente o que se deu:
— Você ama com a razão
E eu amo com o coração.



CRÍTICOS E CRITICADOS As restrições impostas pela crítica especializada contra a maneira de certos elementos se conduzirem diante do microfone, embora visem o benefício para quem as sofre, em geral acarretam sérios aborrecimentos para quem as faz, porquanto a maioria dos que integram a família radiofônica ainda não conseguiu compreender o valor de um reparo, afirmando de pronto ser obra derrotista ou questão pessoal...

★

A honestidade profissional daqueles que exercem com destemor a espinhosa missão de criticar é sempre posta em jogo pelo astro decadente, que finge desconhecer o fracasso não admitindo o crepúsculo, por só acreditar no sucesso...

★

Na maneira de julgar o valor de um artista, aquele que o faz deve ter em mente palavras elogiosas, para não se tornar desagradável ao cantor da voz de veludo amorrotado... — assim pensam os "entendidos" que, para bem de todos, ainda não lograram cartaz na imprensa.

★

Existem determinados artistas que buscam na amizade do cronista o meio mais fácil de conseguirem críticas favoráveis às suas interpretações catastróficas. Mas, diante da sinceridade do pobre ouvinte obrigatório, eles iniciam, em represália, a vulgar campanha do descrédito...

★

E' muito comum, aliás isto acontece na maioria dos casos, o artista ao ser entrevistado, dizer cobras e lagartos, autorizando a publicação de tais verrinas; porém, quando a entrevista é publicada, ao ver o barulho provocado, o "astro", bancando o inocente, exclama: "Eu não falei semelhante absurdo. Isso é conversa do cronista..."

A. MIGUEIS



Voltou à baila o ingresso de Orlando Silva na Rádio Guanabara. Esquecido pelos seus fãs, o "Cantor das multidões" continua lutando para sobreviver

RADIO-FLASHES

Dick Farney apresta-se para visitar o Rio, aproveitando o período de descanso observado no "broadcasting" lanque. O feliz intérprete de "Um cantinho é você", conquanto seja exclusivo da Capitol talvez venha a gravar, para a Continental, atendendo a concessão feita pela primeira



Uma mexicana e dois portenhos formam "Los Huastecos". Mil e quinhentos cruzeiros é o preço que eles cobram por uma audição de trinta minutos. E' barato ou não é?

As fábricas. ★ E, por falar em gravação, temos a lamentar que a marcha "Chiquita Bacana", primeira colocada no concurso da Prefeitura, que mereceu as honras de ser interpretada por Carmen Miranda, não chegou a entusiasmar os carnavalescos. Quanto ao disco feito pela "Pequena Notável" parece se ter perdido em viagem... ★ A Nacional, resistindo a pressão carnavalesca, lançou um novo programa, a que deu o título de "Há remédio para tudo". Esse "broadcast" tem a desenvolvê-lo seu elenco de rádio teatro. ★ Oscarito desmentiu, categoricamente, a notícia de que assinara contrato com Heber de Boscoli para participar das viagens do "Trem da Alegria". O apreciado comico está firme no elenco de Walter Pinto, não lhe interessando muito o rádio. ★ A propósito de Heber de Boscoli, fomos informados de que o mesmo está interessado em rescindir o contrato que o prende à Rádio Globo. Contudo, tal desejo parece difícil de se concretizar, uma vez que os dirigentes da PRE-3 se mostram irredutíveis. Ele terá de cumprir o contrato até o fim, caso não queira desembolsar alguns pacotes... ★ Sagrador de Severo desistiu de abandonar o microfone PRE-3, já tendo renovado seus compromissos com a Globo por mais quatro anos. Assim, ficam desfeitas as informações sobre seu ingresso na PRE-3. Também o rádio ator Gerdal dos Santos renovou contrato com a Globo. ★ Volta-se a falar no ingresso de Orlando Silva na PRE-3. Está em entendimentos com a PRE-3, o produtor César de Freitas. ★ Wolner Camargo está sendo cobçado pela "emissora associada". ★ Carlos Gutenberg entregou ao desempenho do elenco de teatro cego da PRE-3, sua mais recente produção, a que deu o título de "A última gargalhada".

OPINIAO

A astúcia é a arma dos mediocres. Os que não podem afrontar o grande sol das batalhas em campo aberto, apelam para o recurso das armadilhas. Ora, no rádio, como em toda parte, há mediocres. E esses mediocres, quando vêem ameaçado o que nunca para eles devia constituir uma profissão — O Brasil precisa de braços para a lavoura! — recorrem a este primor de intriga: transferem para o rádio as restrições que lhes são lançadas. — Sodré Viana.

UM PASSO A FRENTE

A Rádio Globo acaba de entrar em entendimentos com o maestro José Siqueira, assumindo este o compromisso da organização da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, a qual levará a efeito, sob o patrocínio da estação mencionada, uma série de concertos populares. Esse empreendimento, tal como acontece nos Estados Unidos, terá a coadjuvância, um apreciável número de firmas comerciais, que entrarão com determinada importância para cobrir parte das despesas. De início, podemos garantir que essa nova organização trará ao Brasil consagrados gênios da música, como Iturbi, Stokowsky e vários outros famosos regentes. Iniciativa de vulto, ela merece o máximo apoio de nossos rádio ouvintes, dado



Ela também cantou a "Chiquita Bacana", apesar de distante do carnaval carioca. Mas o disco parece que se perdeu na viagem, porque o reinado de Momo acabou e... nada

o ensejo proporcionado aos amantes da boa música que, desse modo, poderão ouvir as mais famosas figuras do momento.

SABIA...

... que Los Huastecos, apreciado trio mexicano, ora em exibição ao microfone da PRE-3, recebe doze mil cruzeiros por uma série de oito audições?

... que esse mesmo trio, embora considerado mexicano, é composto de uma cubana e dois portenhos?

... que a maior soma desembolsada por uma emissora carioca para contratar um rádio ator, o foi pela Rádio Globo, quando esta chamou para seu elenco de teatro cego o galã Urbano Lóes?

... que Carlos Galhardo sempre foi um apaixonado das corridas de cavalos, a ponto de adquirir um belíssimo puro sangue que, na pista da Gávea, correu com o nome de "Ojos Negros"?

... que coube a Alda Veróna, quando da apresentação da novela "Em busca da Felicidade", viver o papel de Ofélia, uma empregada bastante camarada da patrão?

ASSIM FALOU RAUL BRUNINI

Raul Brunini veio de Rio Claro. Aqui chegando, conquistou dinheiro e fama, graças a completa noção que sempre teve das coisas radiofônicas. Hoje, radicado na família PRE-3, ele é um dos expoentes do "broadcasting" nacional, razão de o auscultarmos sobre o que gostaria de fazer, além do rádio. Aqui vai sua resposta:

— Sou um rapaz do interior, sem vaidade e satisfeito com o que a vida me proporciona; tenho grande atração pelo campo e no próximo ano ingressarei na Faculdade de Agronomia do quilômetro 47, a fim de entrar em contato direto com a terra. Dentro, portanto, de alguns anos estarei habilitado como agrônomo e me especializarei, tanto podendo servir no interior como na capital; portanto, além do rádio, gostaria de ser agrônomo e esse desejo dentro de pouco tempo espero ver concretizado. Quem sabe se não darei um técnico de agricultura dentro de um programa especializado no rádio? Ai, então, estaria resolvida a minha situação, pois gostaria imensamente do rádio, vivendo dele, serviria a Pátria contribuindo nesse setor vital da sua economia, ou seja, a sua agricultura.

NOS BASTIDORES FEMININOS



Andrea King, da Universal-International, exibe um suntuoso modelo para a noite em lamé prateado, guarnecido de lantejoulas pretas,

À MORENA TRISTE

Não sei se você viu, Morena Triste, um filme de após-guerra no qual aparecia um ator sem os dois braços. Aquilo não era "fita", era a realidade. O moço que ali aparecia, usando ganchos de ferro no lugar das mãos, existe. Aquela sua tragédia foi real. Aos terríveis meses de adaptação seguiram-se os de compreensão e felicidade. Ele não era um resignado, mas um homem forte que soube dominar um mal que poderia levá-lo ao desespero. Amou e foi amado — apesar dos ganchos — e encetou uma campanha patriótica em prol do levantamento do moral das mutilados da guerra. Fez um grande trabalho e hoje vive normalmente, como qualquer homem normal. Ele devia ter compreendido, como você tam-

bém deve compreender, que outros casos existem muito piores do que o seu. É preciso, de fato, um grande controle de nervos e muita força de vontade, para chegar a aceitar naturalmente qualquer defeito físico. Existem casos extraordinários de cegos e aleijados que vivem como se fossem iguais a todo mundo, isto é, como se fossem perfeitos e espiritualmente o são melhor do que quaisquer outros. Você também poderá chegar a esse ponto; o seu caso ainda não é dos piores; você tem a seu favor um físico perfeito e uma figura simpática. Já ama e é amada. O fato de você ser noiva já demonstra que existem pessoas de espírito superior e que não ligam muita importância ao seu defeito. O que importa, Morena Triste, são os sentimentos que inspiram as suas

palavras e não a maneira como as mesmas são pronunciadas. Talvez que você possa vir a dominar a sua ganqueira; sem considerá-la um grave defeito, sem se irritar, sem se desesperar, talvez você consiga pelo menos distarçá-la. Existem pessoas, e eu conheço algumas, que para isso recorrem a diversos truques. Umas falam pausadamente e outras muito depressa, conforme o caso. Experimente também; no seu quarto, sozinha, fale primeiro devagar e depois depressa, e veja se algum dos dois sistemas dá resultado. E se nada conseguir, não desespere; olhe sempre para baixo e veja que existem casos piores, muito piores...



NOVAS

NOVAS e encantadoras são as sugestões para a praia, que selecionamos nesta página. São modelos alegres e elegantes, que por certo muito enfeitarão o seu guarda-roupa esportivo, para o nosso alegre verão.

Sugestões

TRÊS

Dresses

DIFERENTES



JEAN DESSÈS

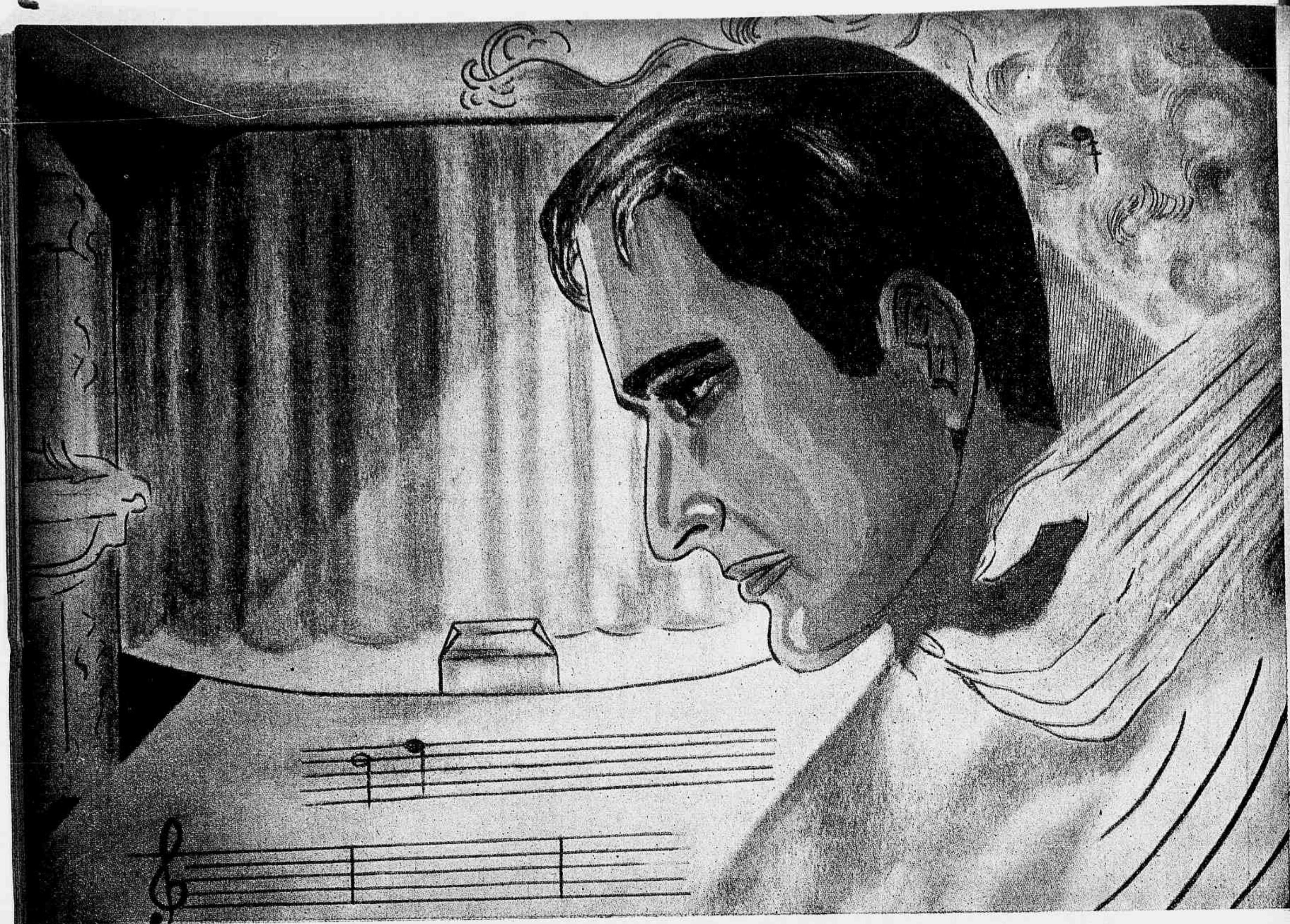


BALENCIAGA



CHRISTIAN DIOR

URTOS ou longos, de silhuetas diferentes, êles mantêm, no entanto, a mesma elegância. A amplitude é estudada. Dessès a projeta de um babado colocado à altura dos joelhos, que dá à figura um movimento ondulante. Balenciaga é fiel à silhueta "evasée". Dior é pelos drapeados e pelo volume que se acentua de um só lado.



CEM CRUZEIROS PARA MATAR A FOME

CONTO DE H. D. BLAKE ★ ILUSTRAÇÃO DE SIBILLA

ERA uma dessas tardes que o Rio sabe apresentar — o céu de um azul contínuo, sem farrapo de nuvens sequer. O jardim estava pouco frequentado, pois ainda trabalhava a cidade. Dentre do verde e calmo gramado, contrastando com o alegre colorido das flores, erguiam-se os postes em sua nova roupagem prateada, que lhes davam austeros ares de castiçais e candelâmbros. Atrás da murada o mar arfava em ondas mansas.

Aquele homem, mal vestido, que se recostava no banco da praça, começou a refletir. Em seu cérebro, pouco a pouco, retalhos de pensamentos tomaram corpo em recordações. Os globos apagados, lentamente, se transformaram em brilhantes lâmpadas de um teatro, onde camarotes e frizas contornavam a platéia cheia e delirante. Os acordes da orquestra se fizeram ouvir e o pano de cena correu. No palco seria representada a Traviata, coincidindo com a estréia do novo barítono Telmo Ricardo... mas os sons se foram e o teatro voltou a ser jardim.

Ali sentado, em aspecto de miséria, estava o antigo cantor. Os anos tatuaram em seu espírito a decadência e traçaram o amargo caminho das vicissitudes. As mãos calejadas não eram as mesmas que, em tempos idos compunham a flôr na lapela da casaca. Se ele contasse a alguém a sua história, começaria assim: "Depois de minha estréia no Municipal, ganhei a simpatia dos críticos e o entusiasmo do público. A glória e a fortuna me abriram as portas, por elas entrei confiante. A notícia de meus sucessos chegaram ao exterior e certo dia recebi o convite do Metropolitan House, para figurar em seu elenco. Depois percorri os centros mais famosos. Cantei na

Grande Ópera de Paris, em Milão, na Inglaterra, Berlim e Moscou.

Os prazeres, que alguns chamam efêmeros, eu os tive todos. Mulheres a mim ofereciam seus amores, os empresários me disputavam e o dinheiro era fácil, abundante.

Certa vez conheci uma jovem aluna de canto. Arvorei-me em seu padrinho. Com os conhecimentos oriundos de minha popularidade, procurei encaminhá-la ao teatro lírico. O talento musical de minha afilhada, entretanto, não chegava a entusiasmar meus bem intencionados amigos. Quando julgava nada poder fazer pela moça, observei que já não a podia encargar como simples pupila. A maneira dócil com que ouvia meus pretensiosos sermões e a voz cariciosa de seus agradecimentos, fizeram nascer, em mim, um sentimento quase absurdo para meu caráter — o amor. As noites se alternaram em pensamentos e reflexões demoradas. Como poderia eu, amado e disputado pelas mais belas e ricas damas, encontrar na menina simples e pobre, a companheira de minha vida? Hoje, nos momentos desesperados, dou graças aos céus de a ter escolhido dentre a revoada feminina de outrora. Casei-me com Cristina. Ofereci-lhe momentos magníficos, riqueza e amor. Ela, não obstante, continuava a ser a burguesinha caseira, amante da culinária e da costura. As horas passadas no lar, eram bucólicas e reconfortantes. Os dedos macios acariciando-me os cabelos, falavam de felicidade. Não haviam perguntas sobre a vida fora do palco e o silêncio discreto, substituiu qualquer observação, ante as telefonemas femininas. O ciúme, ocultava-se sob o caráter elevado e devotamento completo.

O casamento não conseguiu colocar ponto final às aventuras românticas, porém o aconchego das "quatro paredes", era como um revigorante aos meus nervos.

Construí uma casa de campo em Petrópolis. Nas montanhas passávamos os dias de repouso. Em nossa vivenda havia um gramado que galgava, suavemente, a colina — era ali que nos deitávamos nas manhãs claras de verão, sentindo a natureza bem perto. Num desses momentos, Cristina expandiu toda a ânsia de seu íntimo, em palavras doces e meigas:

— Desejava poder reter-te, para sempre, nestas deliciosas paragens! Como é bom ver-te afastado da artificialidade do palco. É tão maravilhoso ouvir coisas simples e observações singelas. Só aqui posso sentir o Telmo marido e não o barítono consagrado!"

Ao terminarem as férias, as palavras de minha esposa continuavam a ballar em meus ouvidos. Senti o que se chama "pêso na consciência". Procurei deixar a vida alegre de extra teatro. Mas, em Paris, cometi o grande erro. Festejava, com alguns amigos, mais um sucesso. A champagne, servida abundantemente, torturava o cérebro e fazia surgir os mais absurdos desejos. Chovia quando resolvi cantar, sem camisa, em plena rua. Quando o guarda conseguiu me convencer da inconveniência de tal coisa, a humidade já fizera o mal. No dia seguinte encontrei-me preso ao leito, sob os olhos apreensivos de Cristina. Fitei-a, numa súplica de perdão, mas, naquele rosto não se refletiam recriminações, era inteiramente amor.

— Descança Telmo, não é nada grave!"

Os médicos aconselharam um prolongado repouso. Regressei ao Brasil, para a casa de Petrópolis. Após três meses, nos quais amei mais do que nunca a minha esposa, resolvi ingressar na temporada lírica do Municipal no Rio. Meu empresário estava ausente, mas, resolvi ir em pessoa, ao concessionário do Teatro. Entretanto, ao lhe expor o meu intento, tive a surpresa de ouvir:

— Poderia cantar algo, antes de resolvermos o assunto?"

Pedir a Telmo Ricardo para fazer um "test" de voz! Que absurdo! Retruquei: — O senhor parece desconhecer minhas qualidades vocais!"

O homem sorriu polidamente a crescentou:

— O senhor compreende, a sua enfermidade pode ter ocasionado algum distúrbio."

Como resposta inciei uma ária. Ao terminar, esperei o resultado. A mão gorda do homem pousou-me nos ombros.

— Meu caro amigo, creio não ter sido suficiente o repouso... aconselharia um pouco mais."

E ante a raiva que já me estampava no rosto, finalizou:

—... Sua voz vacila!"

Arrebatei, colérico, o chapéu que me oferecia.

— O Metropolitan House me compreenderá melhor que um idiota como você!"

Na semana seguinte partimos para os Estados Unidos. A viagem acalmou-me e ao divisar a Estátua da Liberdade, senti renascerem as esperanças. Levantando à altura da murada, o filho que nascera em Petrópolis, exclamei:

— Meu filho, aquele colosso diz ao teu pai: "Os Estados Unidos de novo lhe abrirão os braços!"

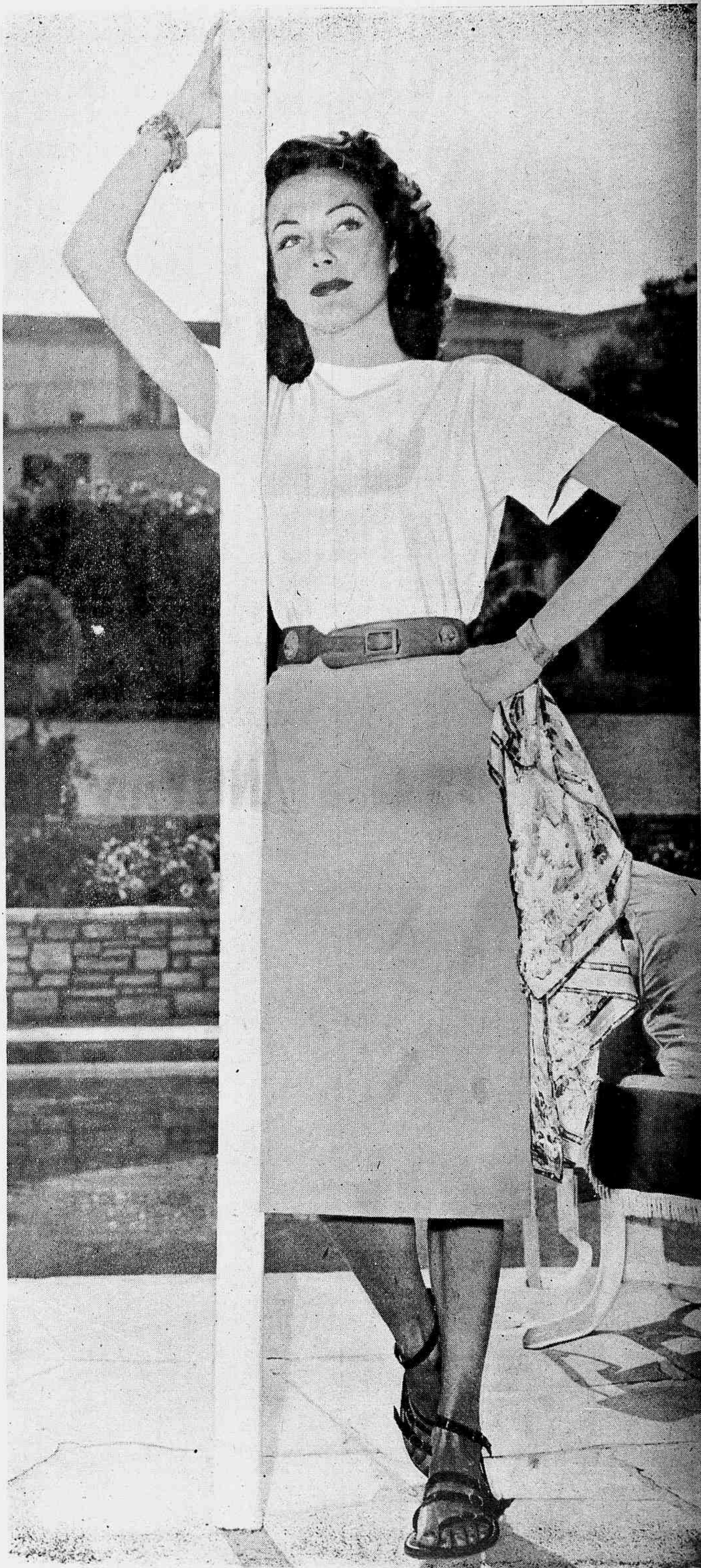
Mas, bem cedo o entusiasmo enfático da chegada caiu por terra. A recusa foi menos polida que a do empresário patricio. Percorri, quase alucinado, todos os teatros onde recebera entusiásticos aplausos, mas sempre respostas como esta:

— O público é inflexível, Telmo Ricardo — ele quer uma boa voz e não reminiscências!"



DE HOLLYWOOD

ALGUNS modelinhos simples e ligeiros, próprios para o veraneio no campo, são aqui apresentados por Lynn Bari e Lois Butler, "estrélas" da Eagle-Lion.



UM PENTEADO ROMÂNTICO



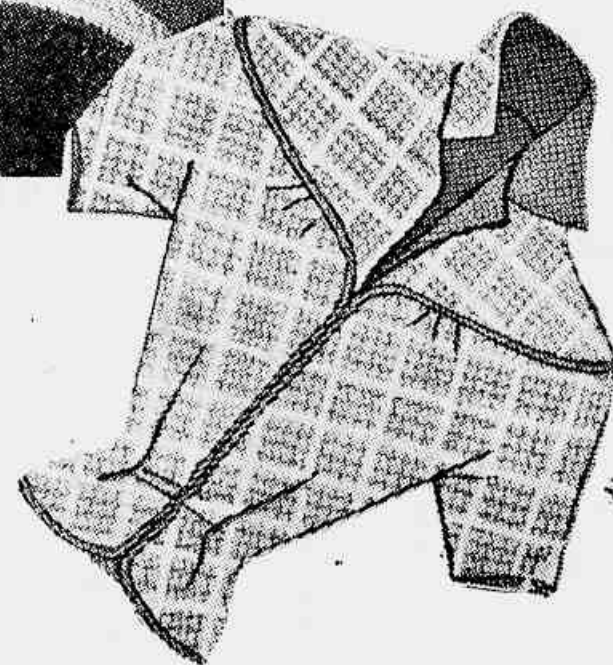
Lynn Bari, da "Eagle-Lion" escolheu para si, um penteado bastante romântico. Ei-lo visto sob três aspectos: — Do lado direito, cáem dois grossos "cachos". — Do lado



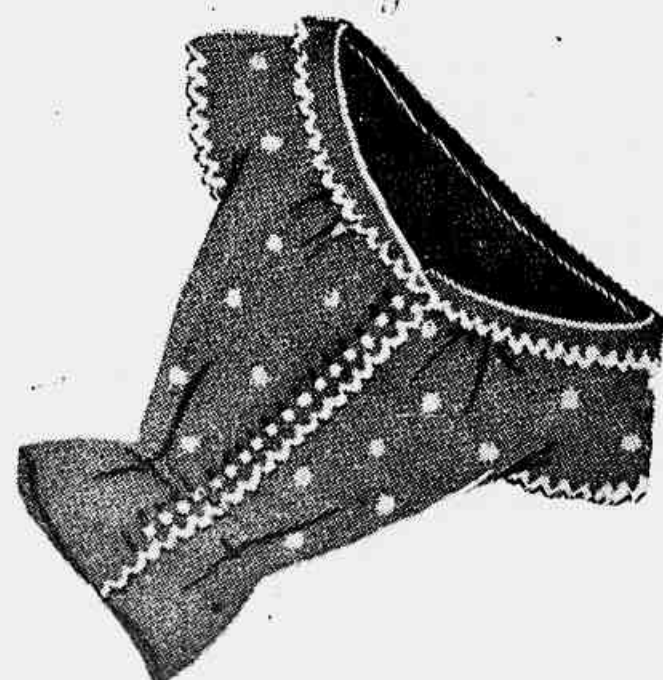
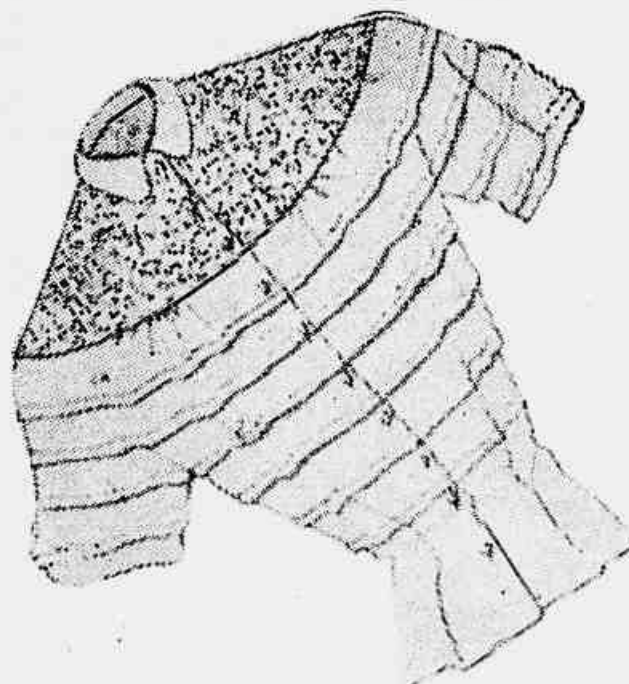
esquerdo o cabelo é apanhado em "boucles". — Uma franjinha graciosa cá sobre a testa, também do lado esquerdo.



MAIS uma blusa não faz mal a ninguém... Por isso eis aqui novas sugestões, graciosas, juvenis e elegantes, dos mais variados e encantadores feitios.



NOVAS BLUSAS



Bordado

Os bordados não são vistos apenas enfeitando os vestidos para o dia, mas também os de noite, tornando-se então mais ricos e suntuosos. Marzane garante um vestido de tafetá preto com bordado de pérolas e pedrarias. Carven (2) borda também em pedrarias este elegante modelo em tafetá cinza. Jacques Heim borda a ouro o seu modelo em "moiré" azul, e Madeleine Vramant apresenta um belo vestido de cetim azul também bordado a ouro.



NOTÍCIAS

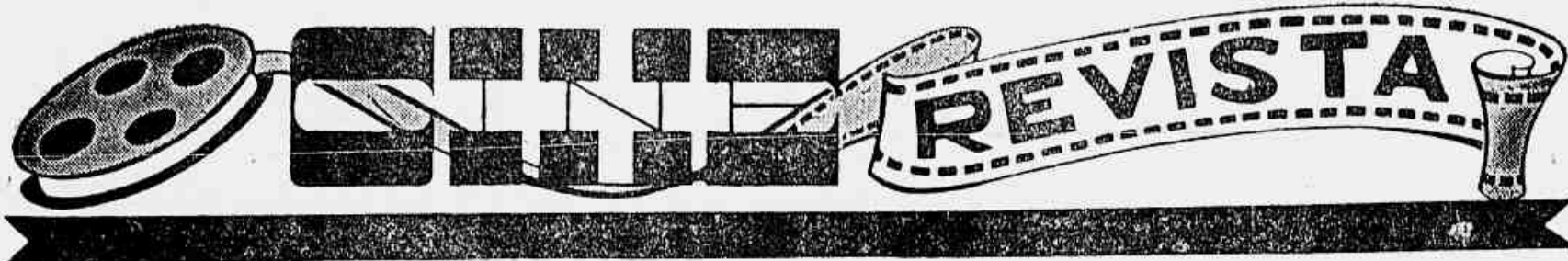
Audrey Totter fez interessantes revelações há pouco tempo a um jornalista: "Aqui nesta terra de ilusões, uma jovem de 25 anos que ainda não tenha se casado é considerada 'solteirona'. E é para evitar esta 'catástrofe' que muitas moças imprevidentes se casam com o primeiro galã que lhes surge, aumentando, em consequência, o número de divórcios por incompatibilidade de gênios". Diz miss Totter que, quando se casar, será mesmo "até que a morte nos separe". Daí a sua falta de pressa, analisando calmamente o caráter e o temperamento dos candidatos. E se até hoje ela ainda não disse "sim", é porque o seu "marido ideal" anda muito escasso na praça. Que tal uma viagem ao Rio de Janeiro? Estamos aqui, prontos para recebê-la...

★

A R. K. O. pode agora reclamar a distinção de ter empregado o mais dispendioso cenário de cinema de todos os tempos. Trata-se do cenário empregado na filmagem de um drama de mistério — *Follow Me Quietly* — em que aparecem nos papéis principais William Lundigan e Dorothy Patrick. A história se passa numa usina de fabricação de gás, construída pelo preço de 40 milhões de dólares pelo governo dos Estados Unidos, para a produção de borracha sintética. A usina, que se acha situada na parte baixa da cidade de Los Angeles, foi fechada pelas autoridades do governo, depois da terminação da guerra. É uma construção de ferro e concreto, em que se encontram tubos gigantes e complicados, escadas em caracol, e quilômetros de andaimes de metal, no interior de sete andares do edifício. Nesse cenário fabuloso e real é que se filma a derradeira sequência da história.

★

Mais de cem galões de água foram empregados na cena espetacular de uma tormenta que constitui o "climax" da fita *The Green Promise*, da R. K. O. Mais de uma centena de técnicos tomaram parte, durante nove dias consecutivos, na criação e na filmagem da explosão que, nessa cena argumental, ameaça as vidas dos personagens interpretados por Marguerite Chappman e pela menina-artista Natalie Wood, de dez anos de idade. Foi necessário usar um equipamento formidável para os efeitos sonoros. Os que assistiram à rodagem do filme asseguram que se trata de algo comparável à tempestade de "O Furacão" ou ao terremoto de "São Francisco". Sem dúvida essa grandiosa cena se tornará uma das clássicas no seu gênero, na história do cinema.



TRÊS FILMES ITALIANOS



"UM DIA NA VIDA"

Poesia e lirismo dentro da tragédia

O ritmo que foi imprimido ao cinema italiano de após-guerra é, realmente, digno de registro. Nota-se que não só a produção foi intensificada, mas, e sobretudo, foi elevado o padrão de suas obras. Sua principal característica é focalizar a verdade. Sua narrativa crua e humana, bem revela o seu temperamento revoltado ante os males da guerra e suas consequências. A opressão que sufocou suas almas, que tentou estrangular sua liberdade de pensamento, transformou-se num grito de desabafo através da imagem em movimento. E a sinceridade de seus protestos é bem uma obra de artista.

"O DELITO" — Filme inspirado na obra de D'Annunzio — Giovanni Episcopo — conta-nos a vida de um pacato cidadão que exercia a função de contador nos arquivos do governo. Vida serena e tranquila, seus hábitos e costumes tinham uma forma mecânica; até que atravessou o seu caminho uma mulher de vida fácil, com quem vem a casar-se. Alberto Lattuada focaliza o íntimo de seu personagem de forma segura, desvendando-nos, detalhadamente, todas as suas reações em face das ocorrências da história, até o momento do crime, num belíssimo e sugestivo estudo psicológico. As imagens, de uma força de expressão fora do comum, são revestidas de uma poesia branda — ainda que deixem exalar o cheiro da tragédia que se aproxima, e que se

vem fazendo sentir em cada cena. Aldo Fabrizi é um ator de recursos inegáveis e sua performance está simplesmente soberba. Yvonne Sanson tem boa máscara e representa a contento. Roldano Lupi, num tipo de chantagista à moda americana, convence perfeitamente. Fotografia e música muito boas, fazendo o conjunto harmonioso e resultando num belo filme. Lux-Mar-Film.

"ANGELINA A DEPUTADA" — História apanhada dentro da cruel realidade da própria vida, é um pedaço da miséria humana. A tragédia daquela gente pobre, sem pão e sem teto, que não vivia, propriamente, mas morria lentamente, Luigi Zampa, o realizador de "Viver em Paz", aquele humaníssimo filme com tema bélico, foi mais objetivo, desta feita. Sua cinematografia é inferior ao filme citado, e, apesar de ter colaborado na confecção do cenário, não se preocupou em evitar o excesso de diálogos. Apesar disso, a película não sofre prejuízos, devido à sua realidade, ao seu humanismo, emprestado, especialmente, pela performance de Anna Magnani. A grande atriz italiana é dona de uma personalidade única, e já mais sabemos quando ela está representando, tal a sua naturalidade, tal a sua espontaneidade. Nando Bruno, Ave Ninchi, Agnese Dubbini, Ernesto Almirante e Armando Migliari completam o "cast". Lux-Mar-Film.

"UM DIA NA VIDA" — Não foi sem razão que esta película foi premiada no Festival de Veneza. Alessandro Blasetti assina sua direção. A primeira impressão que sentimos, com o decorrer das primeiras cenas, lentas, arrastadas, por vezes, foi fazer um confronto com "Também Somos Humanos". Como Welman, Blasetti imprimiu um ritmo lento ao desenrolar da história trágica dos guerrilheiros que se refugiam no convento para escapar aos nazis. Ali dentro é que tem início a verdadeira história. Abusando um pouco do diálogo, Blasetti vai criando o "clima" de sua obra. Apreensão. Amor. Ódio. Compreensão e solidariedade. Raramente a objetiva se fixa em determinado. Está sempre em movimento, inquieta, como se fôra, ela mesma, uma vida que busca a liberdade. Blasetti não é um só um poeta, um lírico. É também um trágico. A perseguição do alemão dentro do convento; a queda da imagem sacra sob o bombardeio aéreo; a loucura repentina da Madre Superiora; a morte brutal do sol-

gado germânico, são cenas de um realismo chocante. Mas Blasetti não para aí. Seu entusiasmo é tão grande que chega ao patético. O fuzilamento das Freiras, sugerido apenas pelo pipocar das metralhas, e o silêncio repentino logo após, enquanto a câmera se move lentamente, indecisa, com medo mesmo de olhar para o quadro que se expõe aos nossos olhos; um amontoado de cadáveres estendidos no solo, almas puras e inocentes que não desejariam ser vingadas porque condenam os atos bárbaros. Os "close-ups" apanhados por Blasetti são impressionantes. O ambiente é tétrico. A câmara vira-se para

ANNA MAGNANI
"Angelina a Deputada"

a porta, por onde retiram-se os alemães. A silhueta do assassino desenha-se na claridade da abertura, e tomba morto pelos guerrilheiros que regressam. A câmera fica perplexa, imóvel pela primeira vez. Sente-se paralisada. E no final, a freira louca repete a frase que não saiu mais de seus lábios, desde o momento em que ficou perturbada: "eles não sabem o que fazem..." No "cast" figuram Amedeo Nazzari, Massimo Girotti, Elisa Cegani, Mariella Lotti, Ave Ninchi e outros. Boa fotografia de Craveri, prejudicada pela copiagem. Música sugestiva e bem cinematográfica de Masseti. Europa Sul América Filmes.

FRANK STEIN



Shirley Temple — que está atualmente tomando parte na filmagem de "Baltimore Escapade", da R. K. O., submete-se a uma filmagem "in-loco", em plena rua, sendo assediada por um grupo de curiosos. Isso porque seus trajes datam de 1905...



Franz Waxman — um dos melhores compositores de música para cinema, responsável pelos êxitos de grandes filmes da Warner, recusou há pouco a renovação de seu contrato com aquela companhia. Ainda jovem, Franz resolveu tornar-se "free-lance" — e não são poucas as propostas que recusa, inclusive para dirigir orquestras sinfônicas. Na foto, Waxman assiste à comemoração do 82.º aniversário de sua mãe, lado a lado de sua irmã e filho.



Um filme realista explora o sadismo

O tema fascinante de "Hets" é um profundo estudo de psicologia

COUBE à Suécia arrebatador o primeiro prêmio no Festival de Cannes, para filmes estrangeiros. Pouco ou mesmo nada sabemos sobre o grau de seu adiantamento técnico no setor cinematográfico. De quando em quando, aqui desponta uma película de origem sueca, amarelada pelo tempo, lançada sem publicidade, com artistas desconhecidos — sem nada, enfim, que possa atrair o público. Nem tampouco chamam a atenção, pois seu conteúdo nada apresenta de original, sua cinematografia é comum, e as obras são, via de regra, inconsequentes. Do noticiário cinematográfico sueco, consta-nos, apenas, as aquisições que os estúdios de Hollywood fazem por aquelas bandas, importando uma Greta Garbo, uma Ingrid Bergman, uma Marta Toren e uma Viveca Lindfors — tôdas mulheres de personalidade e de rara e expressiva beleza. Fora disso, nada se diz e nada se comenta sobre o cinema sueco.

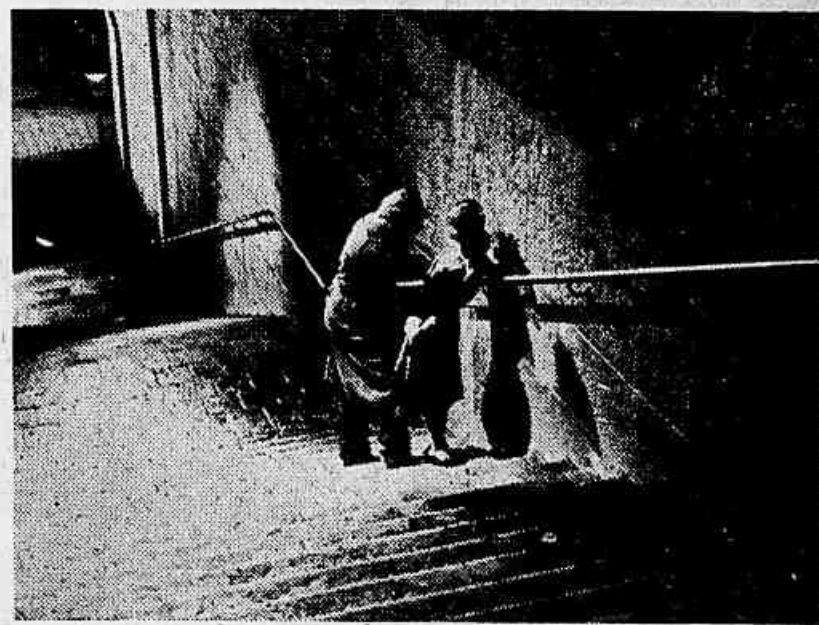
Foi nos grata a surpresa do prêmio oferecido a "A Tortura de Um Desejo", película dirigida por Alf Sjöberg, e interpretada por Stig Järrel, Mai Zetterling, Alf Kjellin, Olaf Winnerstrand e outros. Evidentemente, o cinema europeu de após guerra evoluiu consideravelmente. Não só em França se fazem obras de arte. A Inglaterra intensificou a produção e aprimorou seus trabalhos, não só técnica como artisticamente. A Itália lançou-se vitoriosamente no mercado mundial, com produções realistas que se tornaram a característica primordial de seu cinema. Não existe ali uma censura obtusa a impedir os passos de seus cineastas. A Arte, para ser verdadeira, deve ser livre. Sem a liberdade de pensamento, a Arte estará cerceada. Poderá apresentar quadros belíssimos, aprimoramento técnico perfeito, diálogos magistrais, perfeitas performances de seus astros e segura direção. Mas se

o conjunto não está uniforme, tudo será desfeito. E se a Arte não for livre, não se terá alcançado o objetivo de seu criador.

"A Tortura de Um Desejo" é um filme audacioso. Seus 90 minutos de duração, revelam um diretor seguro e realista ao extremo. Seu argumento talvez não seja original. É um pedaço da vida focalizado no celuloide. Mas da vida real, sem convencionalismo, sem as concessões que a cinematografia habitual abre ao seu grande público. É um estudo profundo de psicologia, sobre o sadismo, numa linguagem crua e humana. Alf Sjöberg contornou de maneira extraordinária tudo o que pudesse haver de chocante nas cenas. Ainda assim o filme impressiona. O domínio que um homem sádico exerce sobre determinadas criaturas torturando-as, causa emoção violenta a todos que lhe assistem, pela habilidade e inteligência de seu diretor em desvendar as paixões humanas, em penetrar no íntimo de seus personagens, em não esconder a realidade dos fatos. Fotografado por Martin Bodin, que nos apresenta ângulos sugestivos, a partitura foi composta por Hilding Rosenberg, cuja música impressionante segue paralela aos quadros pungentes e de força interior onde a poesia e a tragédia se confundem. Apresentando ao mundo, Hets conseguiu louvores unânimes da crítica, e as referências que lhe fizeram o "Daily News", "Le Spectateur", "Kinematograph Weekly" e "The Tribune of London", bem o recomendam como um filme de sentido altamente elevado e artístico. A Suécia, entra, assim, no cenário dos países que têm cineastas idealistas capazes de dar a sua inteligência e o seu talento por verdadeiro cinema, que é o Cinema-Arte, onde, à força das imagens se constroem as obras que elevam o nível do pensamento humano.



Cenas de "A Tortura de um Desejo", o audacioso filme



sueco que arrebatou o primeiro prêmio do festival de Cannes, e cujo tema é um profundo estudo psicológico



O DESTINO TEMPESTUOSO DA OPERA DE LONDRES





Na página à esquerda: Flagrante tomado do alto, de uma cena de "Peter Grimes, levada na Ópera de Londres, quando se processava o ensaio geral. Ao alto: As meninas do Ballet de Covent-Garden também são levadas. Por isso, diariamente Mrs Johnstone vive a consertar-lhes o vestidos. Constance Shacklock preparando o seu "make up" afim de entrar em cena em "Rosenkavalier" na Ópera de Londres, sob o sorriso amigo de Nellie Melba

Texto de HAROLD GREEN

O famoso e mundialmente conhecido Teatro de Covent-Garden, um dos mais suntuosos de toda a Europa e dos mais antigos e célebres de Londres, está situado em Bow-Street, quarteirão de Westminster, e foi construído, como indica seu nome, em local onde se achava antigo convento.

O "Convent-Garden" data dos primeiros anos do século XVIII, ou seja de 1732, tendo sido destruído por dois incêndios que o reduziram a cinzas, depois do que dele não restou mais que os alicerces. Isso sucedeu em 1808 e 1856.

Durante mais de um século esse grande teatro, famoso desde sua inauguração, graças aos maiores ar-

tistas que lhe ilustraram a ribalta, foi unicamente consagrado ao drama e à tragédia, tendo as obras primas de Shakespeare constituído o seu vasto repertório, em grande parte.

Foi aquele o belo tempo de Garrick e de Mackin. Nos primeiros anos do século XIX, assinala-se ali grande número de artistas de renome mundial, dentre os quais três se tornaram excepcionalmente célebres: Charles Kemble, Macready, filho, e Edmund Kean.

Em certo período e por mais de meio século, porém, o Teatro da Ópera de Londres mudou de gênero passando a consagrar-se exclusivamente à ópera italiana, ou, para melhor clareza, à ópera em língua italiana, pois o maior número de obras que passaram a constituir seu repertório, são traduções italianas de óperas fran-

Fotos KEYSTONE

cesas, bem como adaptação das principais obras de Richard Wagner.

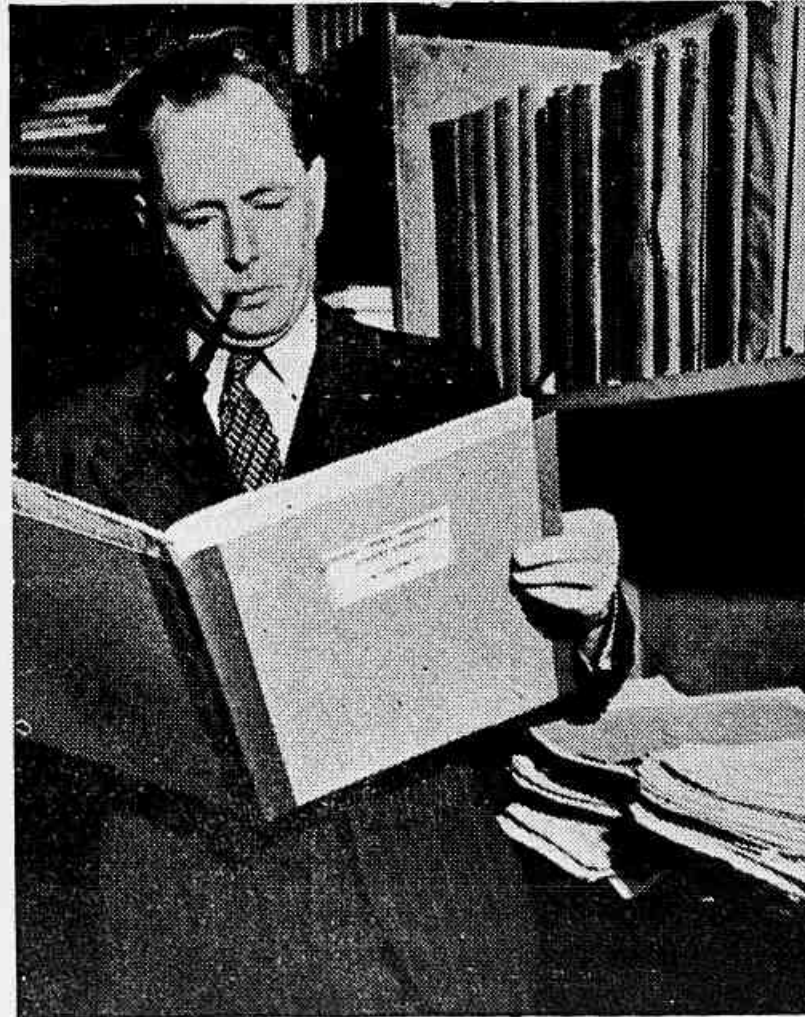
E a Lumley que se deve a transformação do teatro de Covent-Garden em cena italiana, partindo desse momento seu prestígio como centro de exibição da moda e "rendez-vous" da alta aristocracia inglesa.

Muita coisa tem acontecido através desses dois séculos de existência da grande casa de espetáculos de Londres, desde aquele recuado ano de 1732 até ultimamente quando se anunciou sua compra pelo Governo, iniciando-se capítulo completamente novo em sua história tempestuosa e agitada.

Em seu local de hoje já existiram três teatros, nos



Relíquia de uma época de grande florescimento da Ópera, representando em seda e franjas, o programa de comemoração do 60.º aniversário da ascensão da Rainha Vitória.



Mr. R. Temple Savage, bibliotecário do Covent-Garden Ópera House de Londres, quando procurava entre as partituras para violino uma a selecionar



Em memória da grande cantora sueca Jenny Lind, considerada um Rouxinol da Europa, foi oferecido e inaugurado no vestibulo da Ópera de Londres o seu retrato



Ao alto: O centro em que está situada a Ópera de Londres é o que há de mais confeitório: mercado de verduras, frutas e flores, cheio de caminhões e carroças... Em baixo: Para que uma grande Casa de Espetáculos de Arte Classica tenha fama, é preciso que se cuide das Artes Plásticas como vemos aqui uma cena sob a direção de Clement Glock (À esquerda).



Karl Rankl, diretor de música em conferência com Peter Brook (à direita), antes de ter início a representação de "Rosenkavalier" no palco da Ópera de Londres

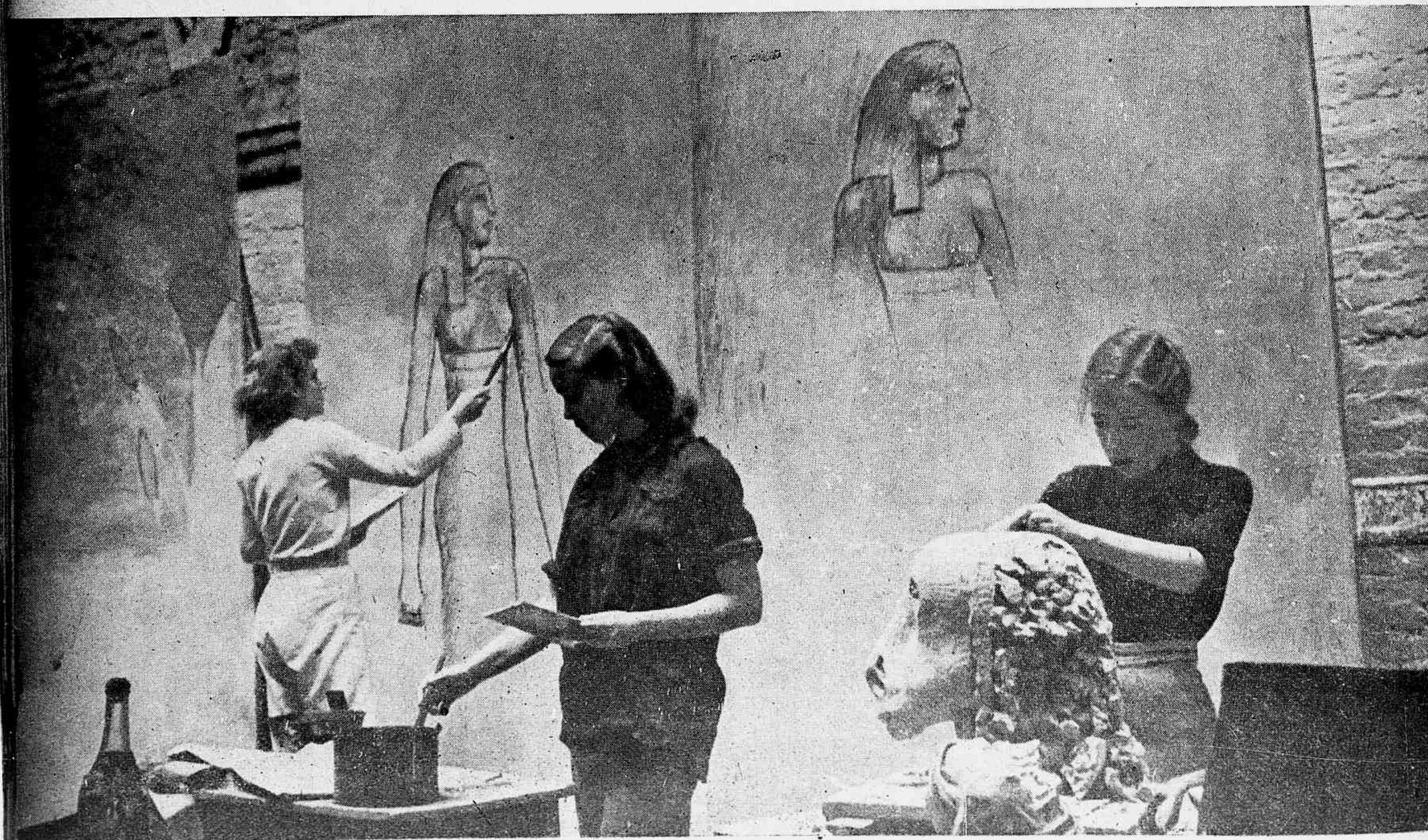
quais se representavam, mais ou menos exclusivamente, óperas e ballets. Ao tempo de Carlos I, aquele trecho de Covent-Garden era um local de exclusiva aristocracia londrina, enquanto hoje não é mais que um mercado de frutas, flores e hortaliças. Nas estreitas ruas se vêem constantemente filas enormes de caminhões e carroças. Ao lado, à frente, fora desse centro de tumulto e movimento comercial de feira típica, edifícios com suas torres e fachadas em colunas a exemplo do grande prédio da Ópera Real. O contraste é flagrante.

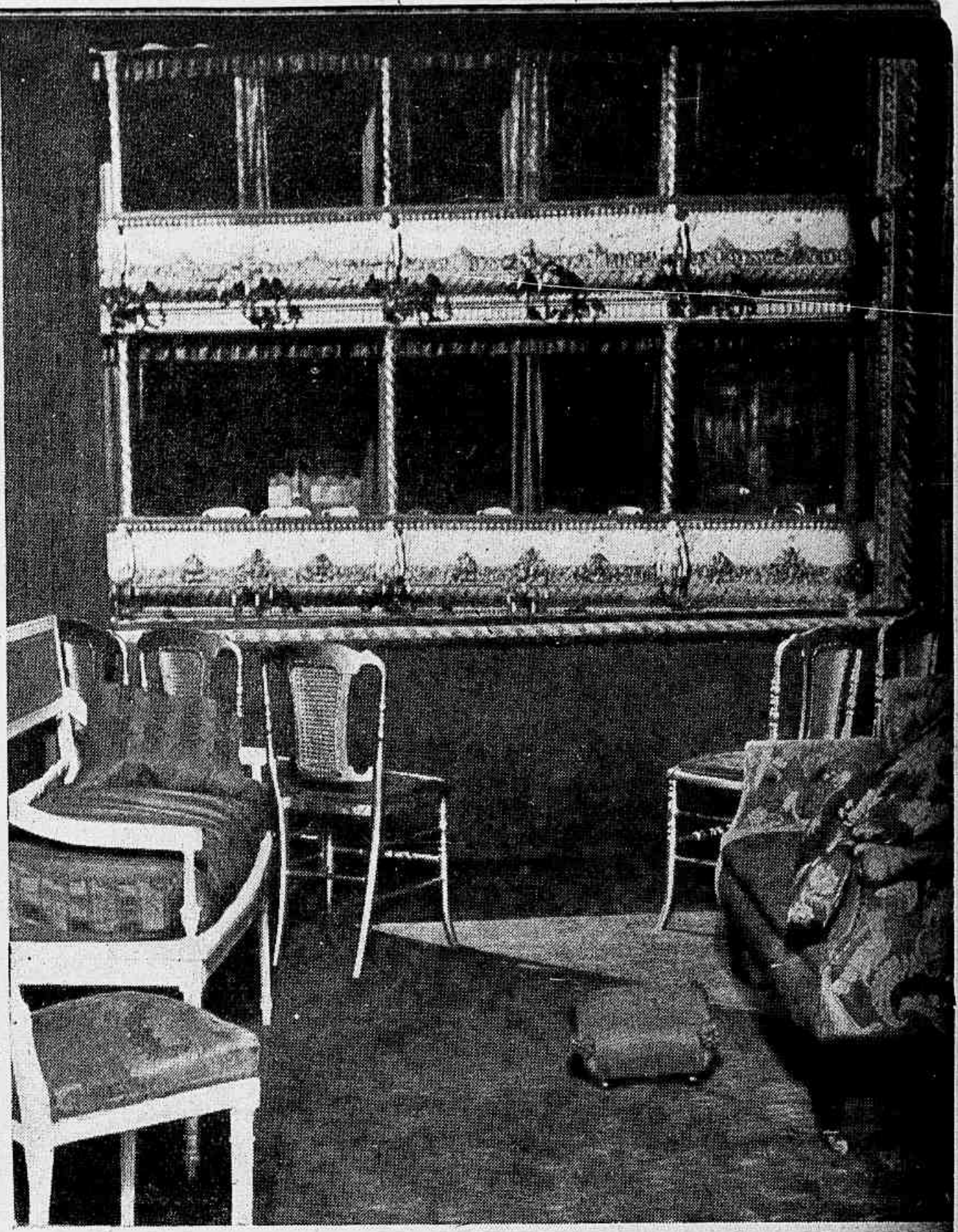
Dentre as aflições por que passou esse teatro, há o incêndio de 1808, não restando pedra sobre pedra; mas, no mesmo ano, deram começo à sua reconstrução, voltando a brilhar como em seus tempos passados, com Mrs. Siddons e outros astros do bel-canto.

Após ter-se caracterizado como verdadeira Real Ópera Italiana, durante mais de dez anos nomes de grande consagração como Rossini, Bellini e Jenny Lind causaram as delícias da aristocracia em noites inesquecíveis.

Poucos anos mais tarde foi novamente presa das chamas só sobreexistindo os alicerces. Estávamos nos meados do século XIX, promovendo-se incontinenti a re-edificação do edifício, já em linhas características da renascença, justamente como se vê ainda hoje.

Depois de tantas vezes convulsionado em acidentes e nos embates da direção artística, foi o velho e glorioso teatro surpreendido agradavelmente por um acontecimento culminante em toda a sua existência. Em 1888 o mundo elegante voltou a dar-lhe as mãos





Ao alto: Aspécto do luxuoso salão de fumar anexo ao camarote real da Ópera de Londres, e onde se vê a inovação de um bar ideado por Eduardo VII. Vista tomada de dentro para fora, do camarote da Família Real da Ópera de Londres. Ao lado, se encontra o bar mandado construir por Eduardo VII. Em baixo: No interior da Ópera de Lon-

dres também há as crises de espaços. Aqui vemos uma improvisada câmara de secagem de peças de roupas de seus artistas. Antigamente o pano de boca era erguido por um funcionário cognominado "Greenback", mas hoje isso é mecânico e o "greenback" passou a ser "preto" e "branco"

belas vitórias com o patrocínio social do Príncipe e Princesa de Gales, liderando suas reuniões de aristocracia e de arte.

Com o advento da primeira Grande Guerra de 1914 a 1918 tiveram as autoridades que usá-lo como armazem de mercadorias em geral, sofrendo ele outras intervenções com a última grande guerra, passando a servir de salão de baile para os soldados que lutavam contra os países do eixo.

Desde 1946 para cá, vem-se fazendo muito esforço no sentido de dar-se à Ópera de Londres um sentido nitidamente britânico, com óperas inglesas e cantadas por atores ingleses, e se incluem artistas estrangeiros, isso é de natureza ocasional.

Os ingleses, amantes da arte e da literatura dramáticas, não se esqueceram de uma das maiores cantoras que visitaram o país e atuaram com imenso êxito no famoso Covent-Garden Theatre, Jenny Lind.

Sueca, filha de Estocolmo, onde nasceu em 1820, morreu em Malverne, na Inglaterra, em 1887. Educada na Escola de Canto do teatro real da capital de seu país, entrou ali em 1838, interpretando o papel de Agata, em Freischütz. Em 1841, vai a Paris recebendo lições de Manuel Garcia, partindo, em seguida, para Berlim, onde atua com muito sucesso na Ópera da capital, na peça Camp de Silesie, de Meyerbeer. Dali

(Continua na pág. 52)



Vejam com que cara feia o motorista chama a atenção dessa senhora ao advertir que faltava dinheiro para completar a passagem

GUERRA FRIA NOS ÔNIBUS

NÃO é somente no Rio de Janeiro que se verificam choques entre passageiros de ônibus e seus motoristas e trocadores. Esse fenômeno também é constatado nas grandes cidades como Nova York, por exemplo.

Parece que o mal é pandêmico e resultante do excesso de passageiros e "deficit" de meios

de transportes. Daí a crise de serenidade. É possível ainda que se trate de falta de escola de boas maneiras por onde deveriam passar esses servidores do público antes de serem investidos de tais funções. Seja como for, o fato é que não é apenas nesta Cidade Maravilhosa que os passageiros mantêm a "guerra fria" dentro dos ônibus; em Nova York também é assim, conforme passamos a descrever.

Numa tarde muito bela uma senhora tomou um desses veículos. Ao se aproximar da caixa de coleta e depor os níqueis da passagem, foi surpreendida ao ouvir do motorista estas amáveis palavras:

— Dia lindo, não?

A jovem ficou assombrada. Deus do céu! Um "chauffeur" cortês! Diante dela aquele homem parecia mais um milagre.

A ausência de polidez é uma calamidade generalizada. Se um passageiro pergunta se o ônibus passa em determinada praça ou rua, ou quanto é a passagem até tal lugar, nunca o condutor ou o trocador respondem com urbanidade, se alguma vez se dão o trabalho de responder. Quase sempre ficam silenciosos, acintosamente. Quando respondem é com um **não sei** ríspido, frenético, agressivamente mecânico.

De uma vez um senhor míope se aproximou da caixa de coleta de um desses gostosões de longa distância com várias seções e perguntou ao motorista:

— Quanto é?

Virando-se incomodado e cheio de irritação gritou ao velhote:



E, no fim de dez horas de trabalho exaustivo e pontilhado de incidentes quando não também de acidentes, o "chauffeur" puxa seu caderno e anota as ocorrências



Uma palavra delicada e gentil é, às vezes ouvida quando uma jovem senhora pergunta qualquer coisa ao motorista e ele atende urbanamente

— O senhor não sabe ler?...

Em Nova York um dos motivos mais constantes de antagonismos entre passageiros e motoristas é a questão do preço das passagens. Muitos colocam moedas insuficientes e os motoristas têm que suportar as diferenças. Daí as discussões, entre esses cinco milhões de passageiros de ônibus que diariamente são registrados nos veículos e os respectivos "chauffeurs". Lá, ao contrário daqui, há duas caixas de depósito, uma de décimos (dimes) e outra para o quebrado ou penny, como lhe chamam. Para atrapalhar também existem as passagens com transferências de uma linha a outra, e basta que um passageiro a perca ou a coloque em lugar de que não mais se lembre, para provocar discussões, que ainda surgem quando determinadas linhas não têm tais transferências.

Pelo depoimento de um reporter norte-americano, cabe às mulheres grande parte do atropelo no tráfego dos ônibus na imensa e tumultuosa Nova York. Umam entram nos veículos sobrecarregadas de embrulhos, outras querem que o carro pare fora do lugar determinado pelas autoridades, longe do respectivo "bus stop"; por sua vez os cavalheiros também causam complicações. Por isso já disse um "chauffeur": nossa vida é estragada pelos passageiros que extraviam as passagens ou não trazem o troco em ordem.

Há os que, ao tomar o veículo, se dirigem ao motorista em atitudes de censura e desespero alegando que já estão ali no ponto há quinze minutos (15 minutos! que felizardos!) e somente agora chega um ônibus. Não satisfeitos com isso, insistem em saber por que motivo tanta demora.

Quando o preço das passagens é aumentado para dez, onze ou doze centavos, a perturbação entre povo e motoristas aumenta também... Os carros, ao subir o passageiro, registram automaticamente a passagem de sete centavos, por exemplo, devendo a fração ser depositada noutra caixa coletora. Se tal não sucede, fica por culpa do penny a teima entre povo e condutores.

Mas o que ainda concorre para a perturbação da paz entre classes tão desunidas é a tagarelice de certas pessoas sentadas ou em pé muito próximas ao motorista.

Costumam contrariá-los com perguntas impertinentes, até acerca do itinerário a que eles estão habituados e de que são conhecedores como ninguém.

— O senhor não está indo para a Broadway!

— Sim, senhora, estou.

— O senhor, certamente, não está indo pelo itinerário da rua Setenta e Dois!

Naquele momento já estávamos — diz o "chauffeur" — na Vinte e Dois.

Diariamente os motoristas de ônibus são postos à prova diante de várias singularidades da natureza humana. Disse um desses "chauffeurs" entrevistados pelo jornalista americano que uma das particularidades do transporte de passageiros que mais o irritavam era aquela em que alguns se enganavam na importância a pagar e tinham de ser advertidos por ele. Então irrompiam, por vezes, verdadeiros urros de indignação.

Mas, por mais estranho que pareça, já houve uma mulher que se acercou do ônibus e perguntou ao motorista se lhe permitia mudar as meias sujas... O consultado, revestindo-se de paciência, respondeu que nada tinha a opor, salvo se ela escondia a intenção de deixar ali as meias velhas para que ele se encarregasse de botá-las no lixo!

E ainda não é tudo. Revelou outro motorista que uma senhora viajante de seu veículo lhe disse com toda a seriedade que não podia pagar-lhe a passagem com dinheiro, pois não tinha um centavo; mas que lhe oferecia um exemplar de jornal daquela manhã,

(Continua na pag. 52)



Cena diária tanto no Rio como em Nova York nos pontos de ônibus para tortura de passageiros e outros mártires da civilização...



Eis um aspecto comum em nossas ruas e também lá em Nova York; autos de passeio, táxis e caminhões tomando o lugar dos ônibus sob desespero dos passageiros.



É inútil continuar a insistir, meu senhor! — Diz-lhe o motorista já de mau humor, só poderéi parar o ônibus nos lugares de parada oficial

ANAMARIA CÉLIA



O AMBIENTE ADEQUADO

MORANDO num palacete, numa casa ou num minúsculo apartamento, os pais deveriam, de qualquer forma, saber proporcionar aos filhos o ambiente adequado. E nem por isso se trata de coisa difícil. Para quem dispõe de espaço, de bom terreno, naturalmente tudo será mais fácil.

Um milhão de coisas poderão ser arranjadas para distrair as crianças. Faz pena vermos, muitas vezes, casas grandes, com ótimos terrenos, e que, no entanto, nem só um palmo de terra é destinado ao benefício da criança, quando muito fácil e proveitoso seria aplicá-lo nesse sentido. Uma mesa de "ping-pong", uma rede para "volley", balanços, gangorras, coisas enfim que estivessem de acordo com a idade das crianças, e também com as suas possibilidades poderiam ser ali introduzidas, tornando a criança mais alegre e mais feliz, porque sabiam dispor de um lugar apropriado para as suas distrações, longe de impedimentos e proibições. Com prazer, reuniriam os seus amiguinhos para participar das brincadeiras e dos jogos, e esse prazer poderia ser ainda maior se os pais, de vez em quando, resolvessem também participar dos folguedos. As crianças receberiam os pais como amigos, depositariam neles maior confiança e daí surgiria uma camaradagem muito útil para as relações entre pais e filhos.

Mesmo aqueles que dispõem de pouco espaço poderão ainda fornecer à criança o ambiente necessário ao seu desenvolvimento e à sua felicidade. Existem numerosos jogos e distrações que não requerem espaço; tudo o que é preciso é que os pais compreendam a necessidade que a criança tem de se distrair e que façam tudo para prover essa necessidade. Quando isto não acontece, é comum vermos crianças que preferem as casas dos amigos às suas próprias; é que lá, certamente, encontraram um ambiente mais agradável, mais de acordo com as suas necessidades e tendências. E isto, sem dúvida, depõe muito contra a capacidade de educação e compreensão dos respectivos pais.



Essa jovem e alegre garotinha não esconde o seu amor pelo seu cãozinho

ASSIMETRIA



MAGGY ROUFF

JEANNE LAFAURIE

É nos modelos mais "habillés" que mais se acentua a linha assimétrica. Grès, num modelo de tafetá verde, aumenta a amplitude da saia de franzidos que partem de um só lado Maggy Rouff, num modelo de jersey preto, de linhas retas, apresenta uma ve

JEANNE
LANVINGERMAINE
LECONTE

GRÈS

quena "basque" só de um lado. Jeanne Lafaurie, criou o modelo também preto, com bolso saliente de um lado. Jeanne Lanvin, reune toda a amplitude do seu modelo, de um só lado e, finalmente, Germaine Lecomte, criou este modelo em "faille" com banda "godet" de um lado também.

SEGREDOS DE BELEZA

Para ajudá-la a manter-se sempre jovem e conservar o seu "make-up" brilhante, eis alguns segredos, que você deve conhecer, para que possua uma beleza radiante.



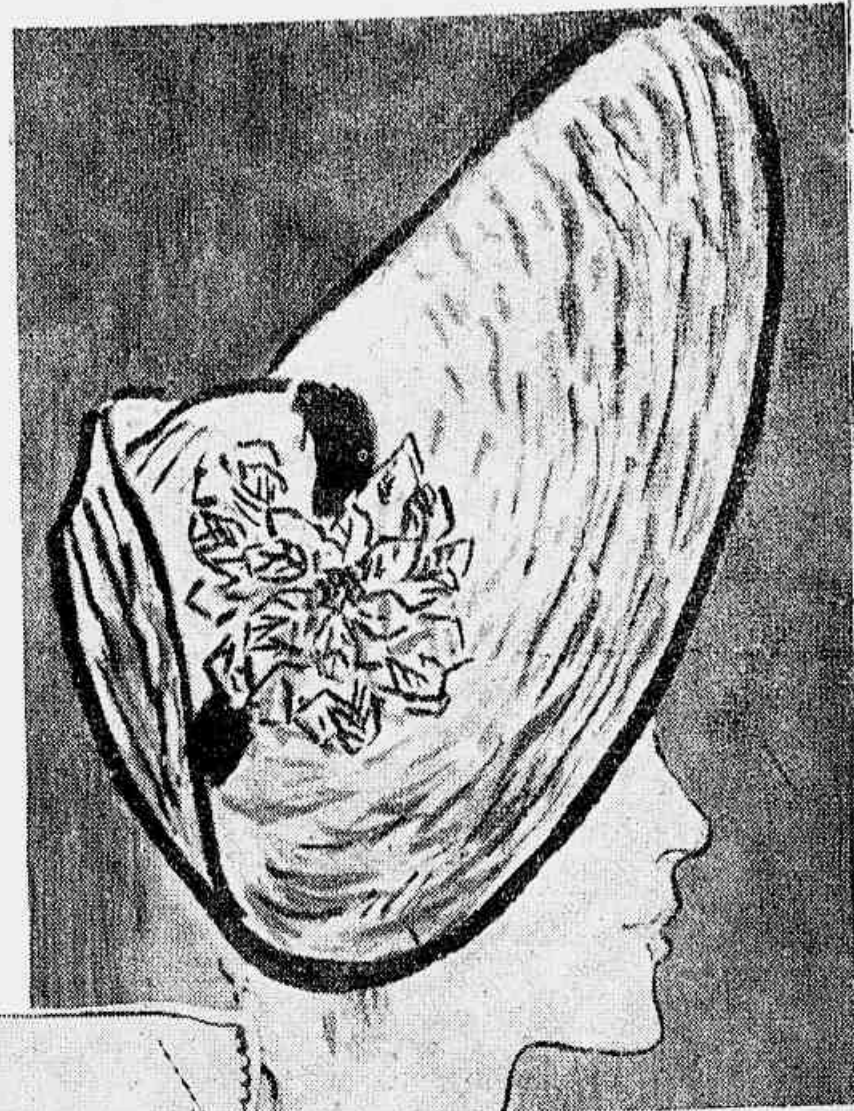
A ESQUERDA: A base deverá ser da tonalidade exata da pele e aplicada muito ligeiramente. A DIREITA: O "rouge" em pasta é o mais indicado para as peles secas. Coloque um pouco na face e espalhe em seguida com os dedos.



A ESQUERDA: Você precisa de três tons diferentes de pó. Dois para o dia e um para a noite. Deverão ser escolhidos de acordo com a tonalidade da sua pele. A DIREITA: Para evitar que o cosmético para as pálpebras fique muito espesso, convém espalhá-lo primeiro entre os dedos.



A ESQUERDA: Com os olhos baixos, aplique o cosmético, com parcimônia, porém. A cor deverá combinar com a tonalidade da pele e a cor dos olhos. A DIREITA: Para os lábios, será conveniente usar um pincel, afim de que o seu contorno seja mais perfeito.



Chapéu em palha amarela,
grandes flores



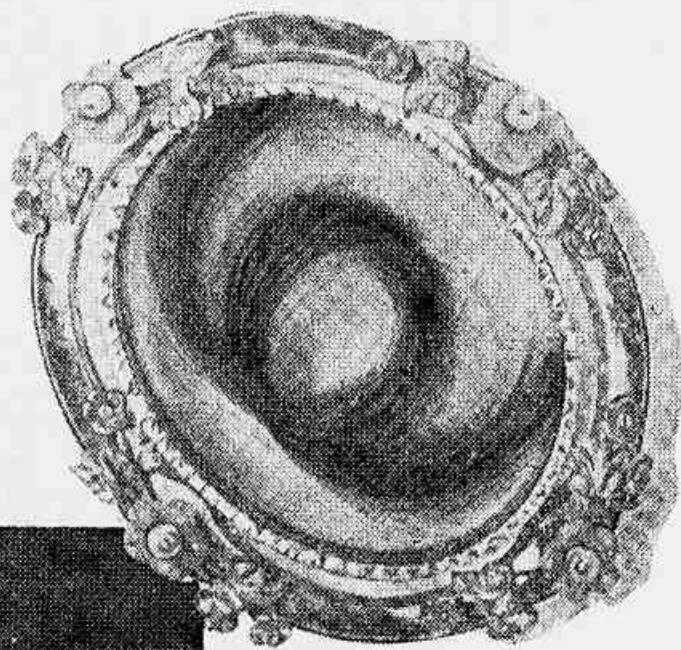
Uma blusinha bastante juvenil,
executada em fustão branco com
festone vermelho

Originalíssimo penteado de gala
ornado de flôres naturais



Gola e punhos de fustão
com festonec vermelho,
alegram um vestido preto
ou marinho

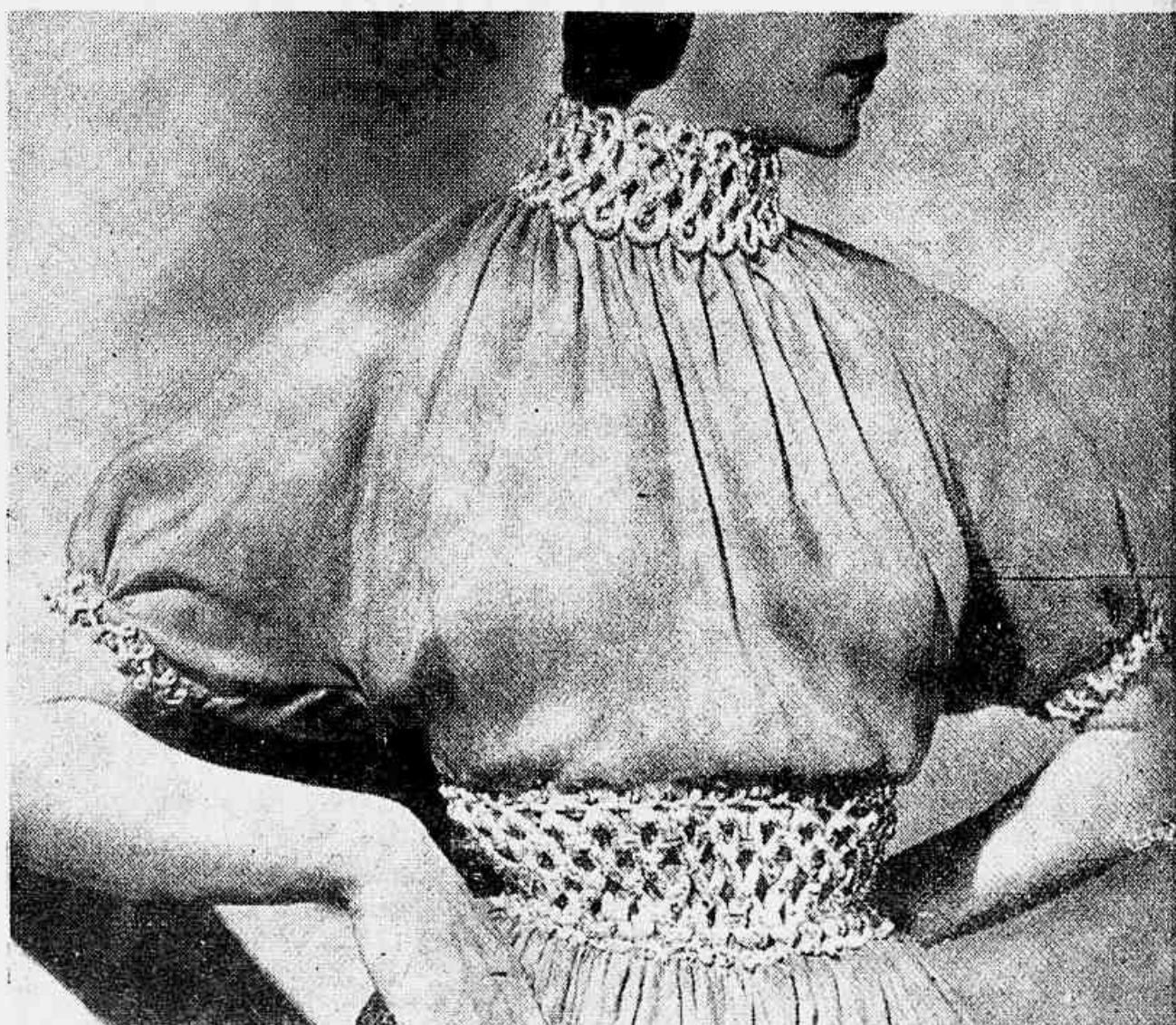
DETALHES E NOVIDADES



Medalhão em ouro e pe-
dras, com cabelo



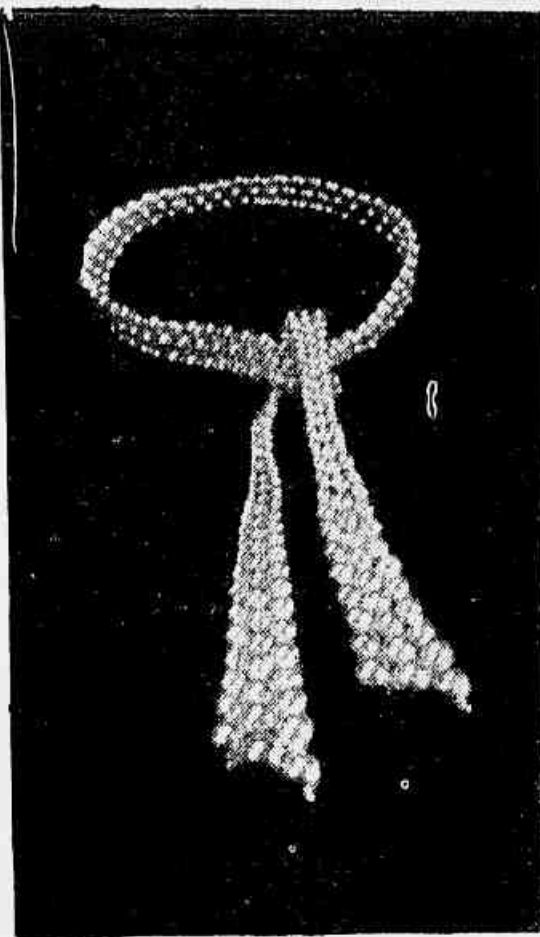
Sapato em havana, muito
"chic", cordões e solas
brancas



Original corrente feita em fios dourados, aplicada na gola, cintura
e punhos, de um vestido de jersey para "cocktail"

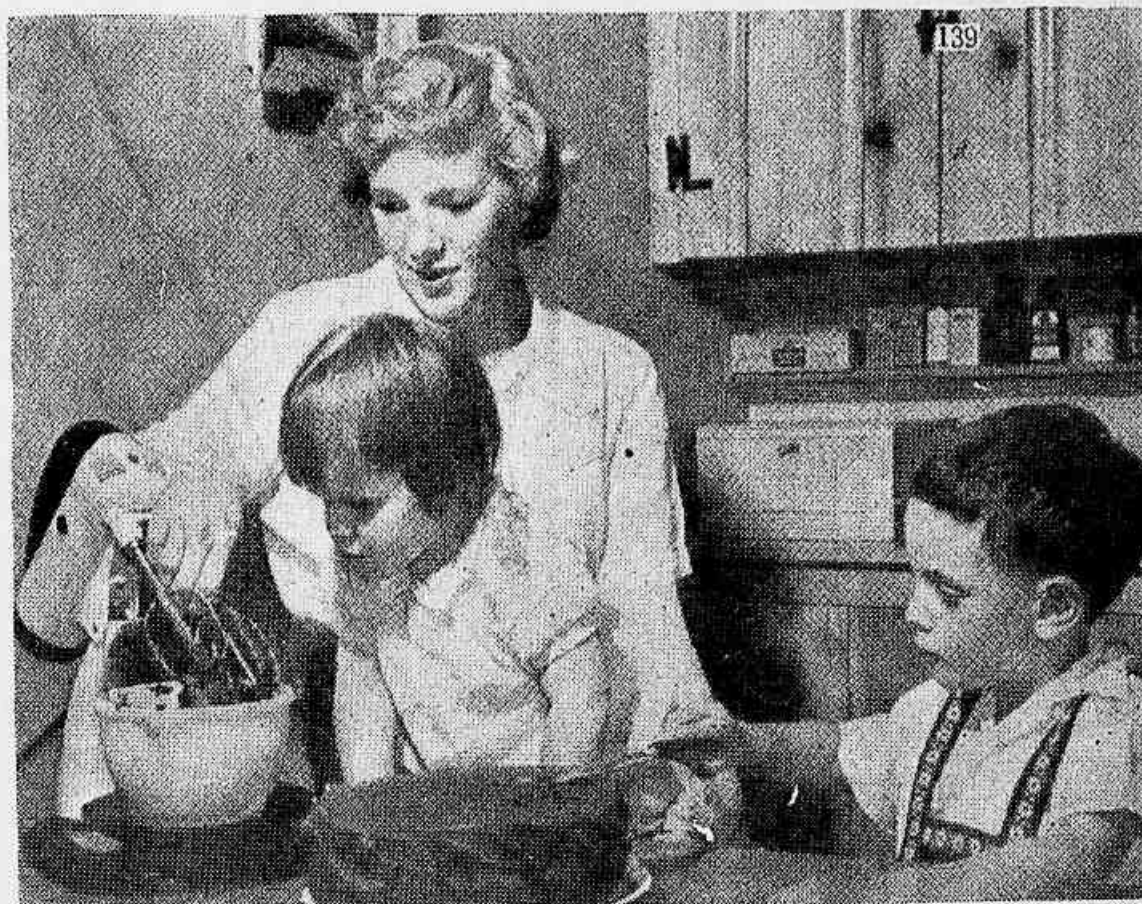
Uma novidade em matéria de colar de pérolas. Da um nó na frente, caindo em ponta

A saia "ciclone" é formada por grandes gomos, esta é uma das imposições da moda atual



Para o seu veraneio, calça marinho, blusa listrada e casaco branco.

week-end NA COZINHA



Quasi toda a família poderá participar da confecção de um bolo. Será até divertido.

OMELETE DE COUVE-FLÔR

Cozinhe 1 couve-flôr em água e sal e parta aos pedacinhos. Leve ao fogo numa frigideira com 1 colher de manteiga e 100 grs. de toucinho inglês aos pedacinhos e deixe fritar. Bata 12 ovos e deite sobre o toucinho mexa um pouco depois deite no meio os pedacinhos de couve-flôr. Polvilhe com queijo ralado e dobre depressa a omelete, fora do fogo. Deite num prato, polvilhe com queijo, leve ao forno por 2 minutos e sirva. É melhor fazer em duas frigideiras ou em duas vezes.

MOLHO PICANTE DE TOMATES

Leve ao fogo 1 colher de manteiga, 1/2 de açúcar e outra de cebola ralada. Deixe tostar e junte 1/2 colher de farinha. Toste mais um pouco e adicione 1 colher cheia de extrato de tomate e 1 xícara de água. Leve ao fogo, numa panela, 1/2 xícara de vinagre com 6 pimentas em grão, e deixe reduzir à metade; junte ao molho, adicione 1 colher-de-chá de mostarda, passe pela peneira e leve ao fogo para tomar consistência.

BATATAS ASSADAS

Escolha 12 batatas grandes e perfeitas; lave, enxugue com um pano e leve a assar no forno quente. Quando ficarem moles ao apertar, estão prontas. Parta as batatas ao meio, pelo comprimento, mesmo com as cascas e arrume com a parte interior para cima. Deite uma bolinha de manteiga em cada uma e sirva.

MOLHO DE MORANGOS

Passe na peneira 150 grs. de morangos crus e bem maduros. Faça 1 xícara de calda em ponto de açúcarar, deite sobre os morangos, bata e sirva. Serve para pudins gelatinas e sorvetes.

PUDIM DE CHOCOLATE

Basta 6 gemas com 200 grs. de açúcar, junte 1/2 colher de manteiga e 1 de maizena. Dissolva, no fogo, 2 paus de chocolate em 2 xícaras de leite e despeje quentes sobre a primeira composição. Misture e leve a assar em banho-Maria no forno, com forma untada.

DOCE DE PÃO

Encha 1 xícara de pão dormido, cortado e, dados de 1 cm. Misture 3 gemadas, 3 xícaras de leite quente, 1 colher-de-chá de manteiga e açúcar, unte o pão, ferva, despeje num prato, polvilhe com canela e toste no forno.

COMPOTA DE MANGA

Tome 6 ou 8 mangas maduras, descasque e corte em pedaços grandes. Faça uma calda grossa com 1 kg. de açúcar e 2 xícaras d'água; junte logo as mangas, deixe ferver e tome o ponto que desejar.

DOCE DE OVOS COM LARANJA

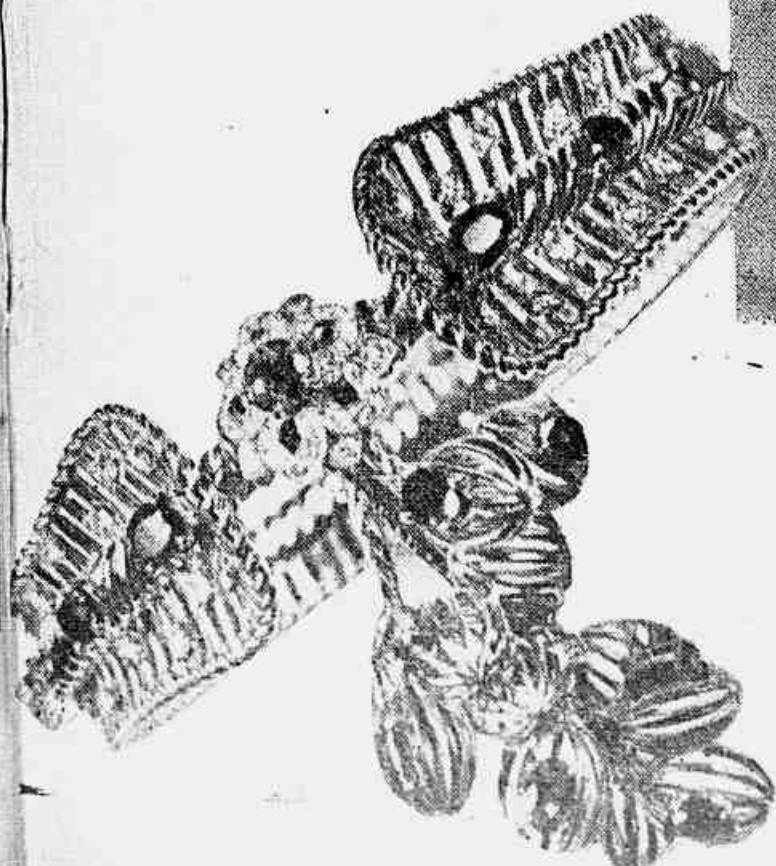
6 ovos 400 grs. de açúcar, o caldo de 2 laranjas. Do açúcar faça uma calda em ponto de pasta: Bata as claras em neve, junte às gemas o caldo de laranja e a calda. Misture tudo, leve ao fogo fraco até aparecer o fundo da panela. É muito bom para recheio de massas.

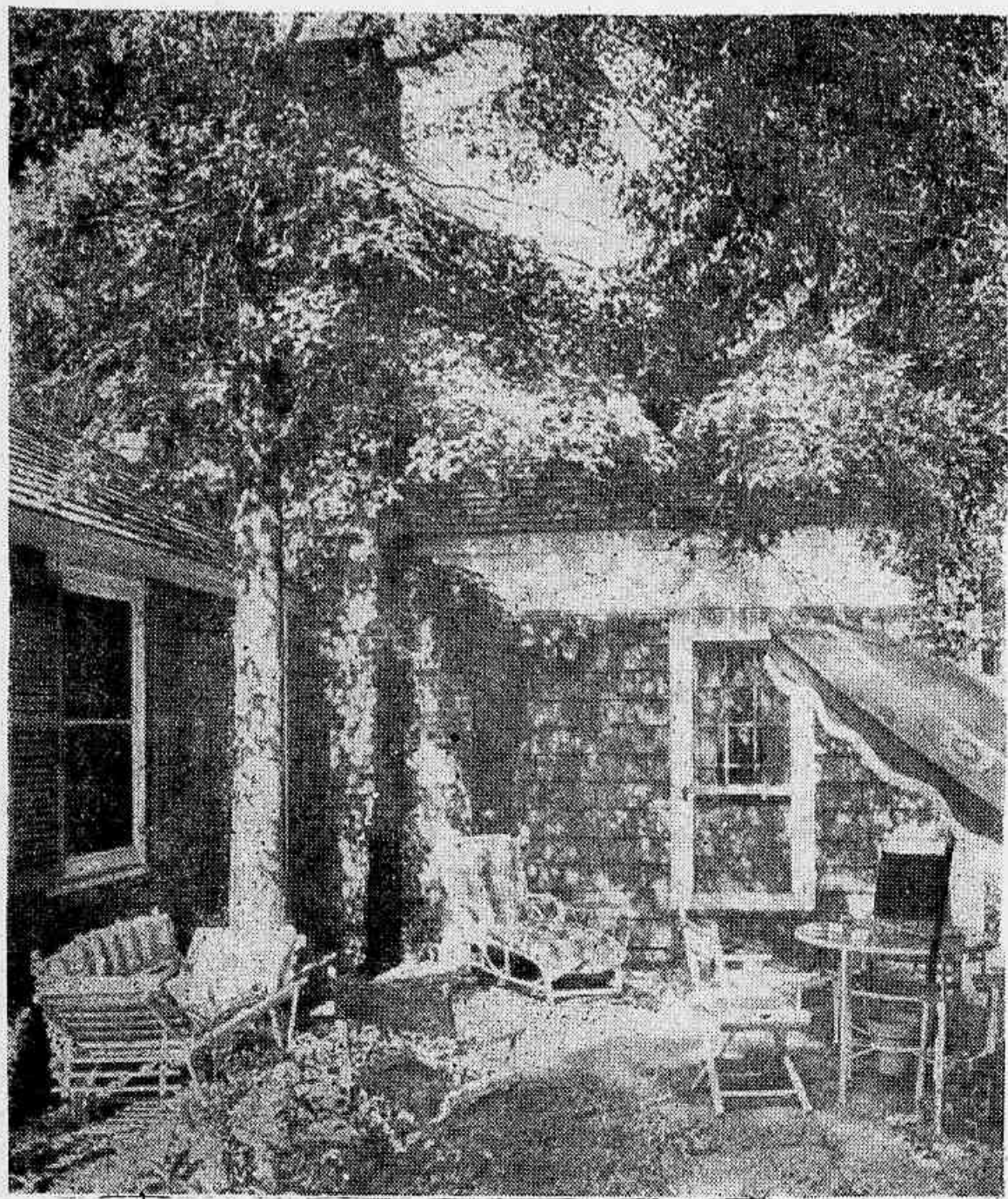
A última cousa que se acrescenta numa mistura para bolo, são as claras em neve ★ Quanto mais se bate a manteiga com o açúcar, melhor sai o bolo ★ Ao fazer-se um bolo, o forno deverá estar, no início da cocção, regularmente quente, tornando-se mais suave depois.



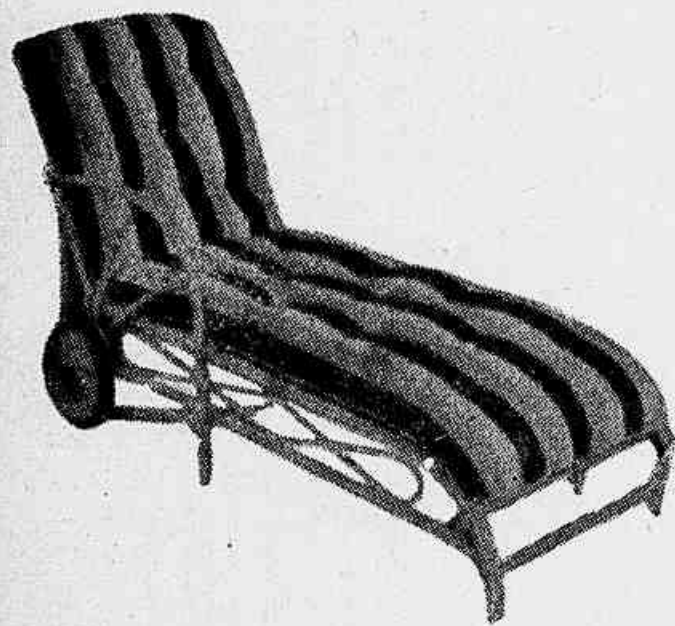
Luvas para "cocktail", guarnecidas de passementerie

Linda essa pulseira de rubis, safiras e esmeraldas, montadas em ouro

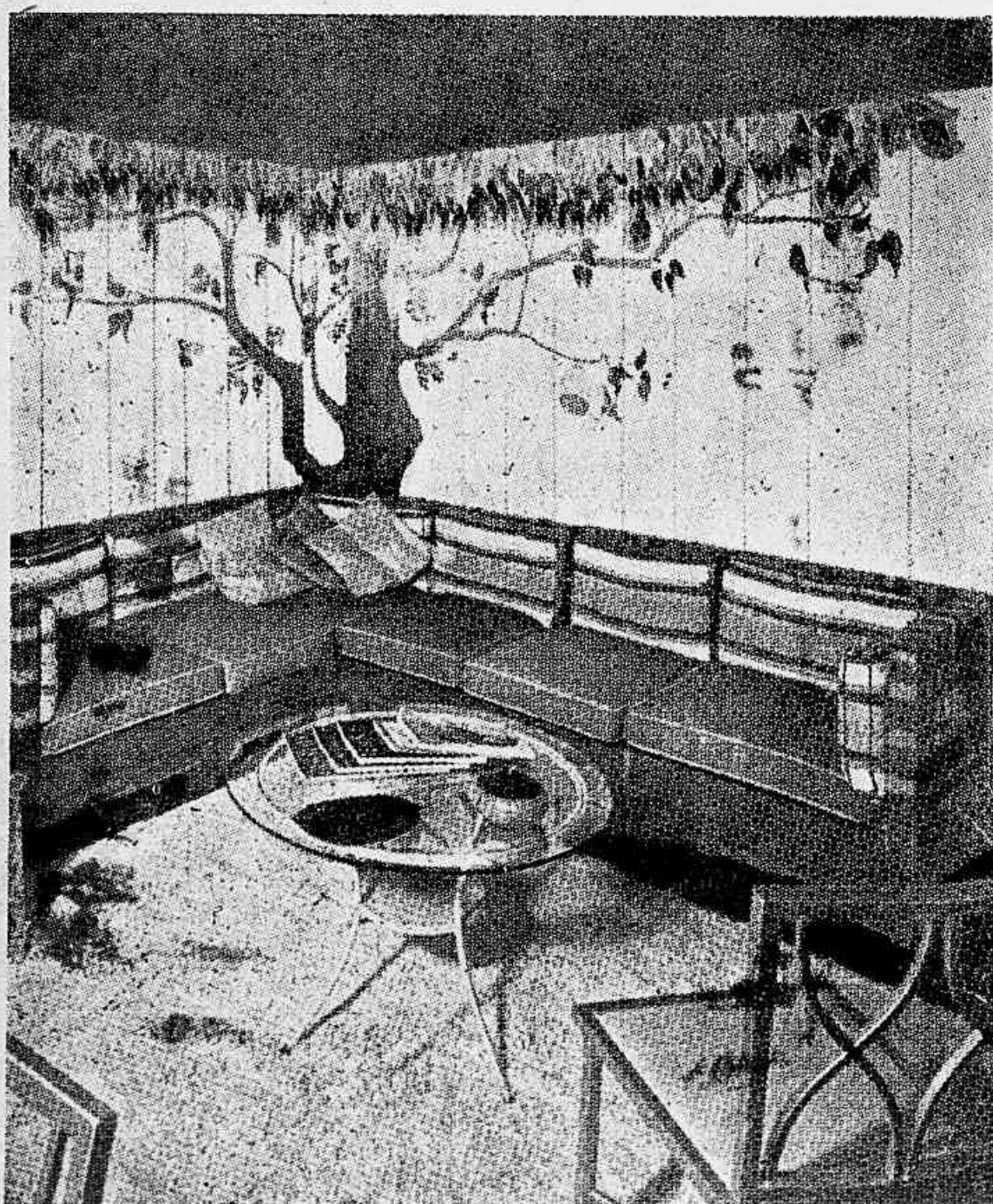




INTERIORES



Nada mais agradável e delicioso do que um terraço ou um jardim, onde você possa ter esses encantadores móveis de linhas alegres e coloridos vivos. Porém, mesmo que você não disponha de um jardim, poderá ter um, no seu próprio apartamento. Basta mandar forrar as paredes de madeira, pintar nela uma árvore bastante frondosa, instalar, móveis adequados, colocar um tapete que lembre a relva, e pintar o teto de um azul céu... A sugestão aí está; não parece mesmo um jardim?



CAMISOLAS

Nada mais delicioso do que uma camisola bem delicada e bem feminina. Aqui, sugerimos uma em cambraia branca com nervuras e bordados, outra em lingerie estampado com rendas verdadeiras e outra em mousseline guarnecida de franzidos e rendas.

O "MOVIMENTO" DAS

Saias

INDISCUTIVELMENTE mais curtas, as saias apresentam, no entanto, uma variedade maior de amplitude e "movimento". Para Jacques Heim, a amplitude está na frente da saia. Ela dá ao andar um encanto maior. Mas também Jacques Heim é favorável ao movimento lateral. Christian Dior (1) dá amplitude para trás, na forma de "godet", enquanto que Grès (2) prefere as pregas muito estreitas para o mesmo fim. Finalmente, Balenciaga também é favorável ao "godet", para trás, conforme nos indica este seu modelo em seda preta.



CRISTIAN DIOR, procura dar aos seus modelos maior amplitude para trás, um exemplo do que afirmamos, é este modelo em cinza

BALENCIAGA, também é favorável ao "godet" atrás, que sem dúvida dá maior graça à silhueta feminina e ao figurino

GRES, no entanto caracteriza-se pelas pequenas pregas, muito estreitas, que também concorrem para maior elegância dos modelos



BASTANTE elegantes e de grande efeito são os modelos para noite, que nesta página submetemos à apreciação das nossas leitoras. O material empregado na confecção destes modelos é o mais variado possível, como tafetá, sêda, tule, organza, etc.

LINHAS

Elegantes



SIM, são estes os primeiros modelos que nos chegam de Paris, para os dias mais frios ou chuvosos. Há sempre lugar no guarda-roupa da mulher elegante, para um "tailleur" de casemira ou um vestido de lã, próprio para passeios ou viagens. Para as que



se ausentam do Rio nêstes dias de verão, certamente serão muito úteis as sugestões aqui apresentadas; esperamos que sejam bem aceitas, o que certamente acontecerá, pois, são estes modelos o que de mais recente Paris criou para a meia-estação.



PRIMEIROS

Modelos



POR CAUSA DE UM *Radio*

Conto de
CRISTINO DE MIRANDA

Ilustração de
O. CUNHA

AINDA mal feito da tensão nervosa que me restou da discussão de ontem com o meu maior amigo, entrei no meu quarto de estudante solteiro. A batida ritmada dos meus passos sobre os 46 degraus que tive de contar até o sobrado da velha cabeça de porco ribombeam ainda dentro dos meus ouvidos. O relógio marca vinte e duas horas e o seu tique-taque se mistura com o eco dos meus passos dentro de minha alma formando um frenesi encalistrante. Como um autômato ligo o rádio novo que comprei hoje a prestação e traço o NOME DO PADRE para o SENHOR CRUCIFICADO que, da parede, olha para mim com piedade e para os livros dos filósofos malucos, dentro da estante, cujo conteúdo tenho devorado ultimamente. Os livros cristãos estão dentro do armário... por falta de espaço. E talvez por causa disso, há muito, dentro do meu peito não há também lugar para um momento de satisfação. Vivo sempre mal humorado e o resultado deste estado de espírito foi a bruta explosão de ontem com o primo, rompendo uma amizade que contava tantos dias quantos têm os nossos vinte anos de idade. E tudo por causa de um rádio velho, marca Kadete, que compramos em sociedade há mais de dois anos.

Com a cabeça doente e o cérebro pipocando como milho seco no caldeirão sobre brasas, tirei o domingueiro azulão e fui enfiando pernas acima o surrado pijama que por muitos olhos já me via com tristeza.

O rádio novo começou a despejar no quarto uma melodia clássica. Súbito olho para aquele engenho da arte moderna, todo verde, com mostrador vermelho, coberto de uns floreios artísticos e me deu uma vontade louca de abri-lo, para ver se era igual àquela que tantas vezes abria e fechava com carinho. Imediatamente desliguei-o e fui desparafusando tudo. Tirando o esqueleto da caixa verifiquei que, por dentro, tudo era idêntico. Dei um suspiro de alívio. Consola-me saber que só na aparência exterior há disparidade e isto para mim é fato de somenos importância. O que importa é a alma e esta me lembra o meu rádio velho. Esta era moderna e mesmo engraçada. Pega as almas velhas, bota-lhes um corpo novo e dá-lhes nova vida.

Satisfeito com o resultado da operação, peguei um cigarro marca Cr\$ 1,20, pendurei-o ao beijo, acendi-o e iniciei a operação inversa. No final do trabalho sobram uns dois parafusos. Não faz mal. O meu kadetezinho também havia perdido e ganhado muito nestas operações, inclusive o esquecimento de feramentas dentro da barriga. Tudo recomposto, novamente ligo a tomada e convoco um programa de músicas finas. Sim, porque, desde a expulsão dos filósofos cristãos para dentro do armário, sob o jugo ditatorial destes sábios malucos da humanidade, passei a repudiar as coisas do povo, como samba...

Deitei-me ainda com aquela inquietação que me roia a alma há mais de 24 horas e comeci a pensar. Primeiramente vinha-me a impressão de que o primo, zangado, me viesse enforcar de noite, por isso mesmo me levantei, fechei bem a porta e ainda coloquei uma cadeira encostada a ela para dar o alarme a qualquer hora. Garantida a minha segurança voltei a me deitar.

Lobo me veio à mente uma interroga-

ção. Poderia eu, um estudante barnabé, comprar um rádio por Cr\$ 1.200,00 a prestação?

Com as prestações do sapato, do terno domingueiro e do livro de anatomia a minha mesada e o vencimento já estão reduzidos a uns cruzeirinhos para o almoço e janta, na fila da U.N.E., sobrando alguns quebrados para o bonde e o cigarro mata rato e olhe lá. Mas se não podia adquiri-lo, porque o fiz? Teria sido apenas por birra, para encalifamar mais o primo enamorado? — Não. Começo a recordar a briga. Boa música faz redemoinho nos meus ouvidos e a luz impressiona fortemente a minha vista formando ondas circunvagantes que tremeluzem entre as fumaçadas do cigarro. As minhas idéias embaralhadas não param em fato algum. Querendo recordar a briga fui parar nas origens dela. Sim, aquilo tinha de estourar qualquer dia. A coisa começou lá em Mato Grosso no meu povoado nativo que dorme num leito de diamantes por entre as serranias. Sempre brincamos juntos, jogamos bolita, chutamos bola de meia no largo da igreja, roubamos goiabas no quintal de D. Mariquinha, uma boa velhinha, rezadeira, que dava ótimos conselhos a gente, e disputamos inocentemente o amor da mesma professorazinha do beabá. Construímos juntos castelos imensos sobre os alicerces da cultura que então planejavamos adquirir, por nosso próprio esforço, de vez que nossas famílias eram pobres.

Terminamos o curso primário e era preciso agora ir a Cuiabá afim de concluirmos o ginásio. Devíamos porém ir um por vez. O que fosse primeiro prepararia o terreno para o outro. Decidimos a parada no "par ou ímpar". Ele ganhou. Eu fui preparando a viagem.

Com um carrinho de mão eu ia de ribanceira em ribanceira, rio abaixo e rio acima, catando as garrafas vazias, cuja pinga os garimpeiros bebiam a bom beber. Trabalhei que só um degredado até juntar uns cobres para comprar um paletezinho daqueles de abotoar até o guigó. Um capangueiro me deu a passagem. E com as calcinhas remendadas fui dar com os costados na Capital. Caí diretamente nos braços dos padres Salesianos, entrei para a banda de Música e para a oficina de encadernação, conquistei a amizade dos religiosos, ganhei colégio de graça e fiz um movimento tal que no fim do ano já recebia de braços abertos o primo amigo. Mas sempre no céu no Quicó um certo ar de superioridade. Desde os tempos das peraltagens de criança, sempre ele me levava a melhor. Até a sorte lhe favorecia. Levei o Ginásio todo lendo livros sacros e estava impregnado de uma resignação de santo. Tudo o que o primo desejava eu fazia sem relutância, por mais impossível que parecesse. Nas rodas de estudantes nós nunca perdíamos a oportunidade de exaltar a nossa desinteressada amizade. Mas fora das rodas o caso era outro. Ele estava por cima. Era imperioso, o manda chuva e não o amigo. Lucrava muito com isto, porque eu sempre fui mais entrão e conversador, de modo que tudo arrumava com uma boa papa. Até estudei 4 anos de graça e no meu rasto ele estudou dois. Mas só andava atrás de mim em matéria de estudo. Praticamente era o mais forte. Não importava a mim, porém, esta situação, de vez que eu era de terço e catecismo e disputava a so-

cos com colegas o direito de ajudar uma missa. O meu único recurso frente ao seu autoritarismo era convidá-lo para disputar no "par ou ímpar" qualquer questão que entre nós surgisse.

E foi o que fizemos para ver quem viria primeiro ao Rio de Janeiro depois do Curso Científico. A esta altura a gente já contava com amizades nos meios políticos, de modo que ambos desejávamos vir à Cidade Maravilhosa em primeiro lugar. Não haveria tanta dificuldade como dantes. O emprêgo era coisa certa.

A grande Metrópole exercia magno poder atrativo no coração da mocidade provinciana e conhecê-la primeiro era grande honra. Era sair do inferno e ir para o céu direto, sem passar pelo purgatório e ainda esticar um bom palmo de língua para quem ficou lá em baixo. Pois não foi que o diabo da sorte mais uma vez esteve com o Quicô. Ele ganhou o "par ou ímpar", meteu-se num avião, por conta dos que fazem da mocidade escada para subir, e foi-se embora.

Da Capital escrevia-me cada carta de botar água na boca. Descrevia cada paisagem e cada morena que me deixava todo besta. O complexo de inferioridade ia me cavalgando devagar.

Ele não se esqueceu, porém, de preparar a minha cama e no fim do ano eu também chegava a S. Sebastião do Rio de Janeiro. Encontrei-o bem empregado, orgulhoso e todo cheio de farol. Até olhava para a gente como quem pergunta: — Como vai isso aí? — A sorte, que, francamente não é minha amiga, me deu por baixo mais de dois anos e quando me sorriu com um empregozinho de Cr\$ 700,00 ele já avançava para os Cr\$ 2.000,00.

Eu, entretanto, lia os meus livrinhos sacros e me resignava até a piadas como estas "você não dá p'ra nada", "você é mesmo uma vaca", um mané besta" e outros elogios.

—Mas este maldito despertador me bota nervos na alma com esta barulhada infernal. Parece que tem motor de avião. Vá p'ra baixo do travesseiro e não me faça cócegas, por favor.

Ao procurar nova estação, voltei a pensar no rádio velho e lembrei-me que o compramos de sociedade para matar as nossas tristezas. O primo mora aqui no quarto ao lado. Disputamos no "par ou ímpar" em que quarto ele deveria ficar. Como sempre, ele ganhou. Mas como quem gostava de ouvir boa música era eu, que sou músico; quem gostava de ouvir um comentário político antes de dormir era eu como era eu quem gostava de tantas outras coisas, depois de algum tempo, ele concordou em que o Kadete viria para o meu quarto. E mesmo acontece que o seu coração resolveu pendurar-se nos encantos de uma loirinha gaúcha do Edifício fronteiro, de modo que rádio não lhe faz falta nas horas de lazer. Ao seu coração de moço a loirinha irradia melhores programas.

E os programas da catita estão modificando o seu gênio. Já o vejo triste, cabisbaixo, pensativo. Em compensa-



"Descubra um noivo para mim.."



Oh! Laura... Não creio!... Honestamente, você também não acredita que a cartomante possa descobrir um noivo para você... Antes, você deve descobrir sua beleza que está oculta sob um excessivo maquiagem.



Sim... Você usa o maquiagem em demasia para disfarçar as imperfeições da pele. E, assim, sua beleza torna-se artificial. O certo é corrigir as imperfeições com Leite de Colonia. E... aguarde o romance.



Foi um conselho de verdadeira amiga... Laura usou diariamente Leite de Colonia e, em breve, recebia declarações como esta: "Querida! Ontem, nos conhecemos... Hoje, estou ansioso para revê-la... Roberto".



EMBELEZADOR BÁSICO

O depoimento de milhares e milhares de jovens e senhoras, em vários inquéritos, revelou que a mulher brasileira - famosa pela sua beleza - considera o Leite de Colonia o seu embelezador básico!

Não artificialize sua beleza! CORRIJA imperfeições da pele com LEITE DE COLONIA

É um perigo! O exagerado maquiagem para disfarçar as imperfeições do rosto artificializa sua beleza! Ainda mais: prejudica a vital respiração da pele. Corrija manchas, cravos, sardas, espinhas e outras erupções com Leite de Colonia. Use-o, pela manhã, numa ligeira massagem protetora. Durante o dia, para fixar o pó de arroz. E, à noite, numa última limpeza da cutis. Assim, conquistará aquela irradiante beleza natural... que os homens adoram. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pele.

Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

Record

O TEMPO PASSA...

...mas o que é bom fica.

Pode-se assim dizer da ÁGUA INGLESA GRANADO que há mais de 60 anos é usada com os melhores resultados nos casos de ANEMIA, CLOROSE e CONVALESCÊNCIAS.

TÔNICA E APERITIVA

ÁGUA INGLESA GRANADO

ção quando entro no meu quarto agora acho um vazio imenso. Antigamente ali estava um moço debruçado sobre um tratado de anatomia, com uma porção de ossos esparramados na mesa e a mudes de uma caveira emprestando austeridade científica ao ambiente. Hoje só vejo pulgas pulando espavoridas quando abro a porta e até uma ou outra barata vagabunda já tenho visto tomando o seu assento na cadeira.

Do alto da parede pende a figura do Cristo no Horto das Oliveiras parecendo pedir a Deus que dê juízo a esta criança.

— Opa! Aprofundo-me nas minhas reflexões e o cigarro me vai queimando os dedos. Vá para o cinzeiro meu amigo.

Fugindo um pouco destas recordações que me maltratam, encaminho-me para o espelho do guarda-roupa.

Miro-me nele e vejo a minha figura tosca. Têm razão os meus colegas quando dizem "mais feio que você pode pegar que é bicho". Um nariz pontagudo, uma cara quadrada, cabelo eternamente assanhado atrás, onde não há pente que o abaixe, baixotinho demais, amarelo e todo ruim de corpo, sou mesmo o espantinho do amor. E nem sei

como alguém já teve a estúpida coragem de querer casar-se comigo. Deve ter sido pelo encanto que os meus olhos de boi têm, modéstia a parte. Bom, mas o espelho que vá plantar nabos, pois estou com sono e vou dormir. Volto e deito-me. Neste momento ouço o resultado das dedadas do velho Rubinstein, arrancando do piano a introdução do Concerto de Grieg. Fiquei doído de novo. Lembrei-me da briga de ontem. Esta música parece uma tromba de água despenhando-se num precipício e escoando como um trovão dentro de minha alma conturbada. Começo de novo a recordar.

Cheguei cansado do trabalho e encontrei no meu quarto o Quicô colando com esparadrapo a caixa do rádio que, coitado, caiu da mesa e espatifou-se bem... Por cima dos remendos Quicô escrevia coisas como estas: "fratura exposta do rádio", "escoriações de 1.º e 2.º grau" e outras gracinhas.

— Boa tarde, bichão. Que operação está fazendo?

— Estou preparando o rádio para emprestar à minha namorada. Ela vive triste e sozinha lá no apartamento e o rádio lhe vai fazer bem.

— Ótimo. Ela está triste, mas tem um namorado e eu que também estou e não tenho um amor, com que me vou distrair?

— Não me interessa, disse ele. Vou levar o Kadete.

— Tenha paciência amigo. Vamos a razão. Quando a nossa moringa seca aqui em cima tiramos o "par ou ímpar" para ver quem é que vai enchê-la. Os momentos mais decisivos de nossa vida temos decidido assim. Quero dar-lhe uma demonstração de boa vontade. Vamos disputar a parada.

— Não, já dei a palavra a ela e tenho de levar.

— Está bem. Já que isto é uma ditadura, pode levar. Mas seu exijo que o tragas de volta amanhã. Já desrespeitou os meus direitos, quero ao menos esta consideração. Você é um indivíduo que não tem gosto para coisa alguma. Jamais se assentou para ouvir um programa sequer, a não ser o OBRI-GADO DOUTOR, assim mesmo por mania de grandeza. Eu, pelo contrário, já fiz desse rádio velho parte de minha vida. Não posso passar sem determinados programas. Este aparelho é o meu companheiro de solidão, meu conselheiro.

(Continua na pág. 50)

DEDOS QUEIMADOS

HISTÓRIA AMOROSA QUE VAI EMPOLGAR A MOCIDADE BRASILEIRA

Na REVISTA DA SEMANA de 12 do corrente terá início a divulgação, em português, do emocionante e enternecedor romance de amor da famosa escritora Kathleen Norris, intitulado "Burned Fingers", vertido para nosso idioma com a tradução literal de DEDOS QUEIMADOS.

Trata-se de uma história de amor vivida com todo o encantamento de um coração ferido na trama de sentimentos de juventude. Uma jovem moça de dezoito anos que, sem a experiência que só os anos trazem, viu-se ameaçada de naufrágio no caminho de sua felicidade.



Mrs. Kathleen Norris, cujos romances de amor fazem as delícias da mocidade, é a autora de "Dedos queimados", que a REVISTA DA SEMANA vai publicar a partir de 12 de março

Chamava-se a heroína Jennifer Richie e seu primeiro amor foi marcado pelo martírio de sua alma de jovem. Tendo-se encontrado casualmente com Sidney Borrows num dia de cerração em S. Francisco, ela se vê envolvida pelos encantos do jovem, rico, de excelente posição social, experiência da vida, tudo o que faltava a Jennifer. Amou-o em extremo, e qualquer um que ficasse sob aquêle amor estaria subjugado completamente. Um dia, viu ela com desespero que Sidney a abandonava e tomava outro caminho. Então seu coração abrigou outro amor, a quem foi devotada e sincera, mas nunca deixou de transparecer a sombra do que se foi... Finalmente decidiu expulsar de sua consciência aquela tortura e passou então a sentir-se feliz.

Mrs. Norris é uma das maiores romancistas na seara do amor, cujo talento literário tem o condão de jamais ter falhado nesse difícil tema humano. Em DEDOS QUEIMADOS ela conquistou um dos maiores triunfos, mostrando compreender e interpretar maravilhosamente os problemas da mocidade.

Revista da Semana

DE 12 DE MARÇO DE 1949

CEM CRUZEIROS PARA... (Continuação da pág. 22)

Desanimado e vencido, voltei ao meu país. Não fora Cristina, teria posto termo à vida.

Minha fortuna se originara da arte, e aos poucos, aquela acompanhava a extensão desta. Habitado aos grandes gastos, não media despesas, embora sempre avisado pela companheira de meus destinos.

Organizei uma companhia lírica com jovens cantores, a qual levou-me à falência. Fui obrigado a vender a casa do Rio, depois a de Petrópolis. Então já um casal de filhos povoava o nosso lar.

Completamente arruinado, senti a necessidade premente de trabalhar. Iniciei a procura de emprego. A falta absoluta de prática, tornava difícil a minha aceitação. Terminei por ser admitido em uma fábrica, como auxiliar de almoxarifado! Cristina fez um curso de costura e dedicou-se a essa profissão. Passamos a morar em pequena casa de avenida. Quando chega a noite, deixo-me cair na espreguiçadeira, resto do antigo esplendor, e fico a refletir nas amarguras da vida. Ali está minha mulher, curvada sobre a máquina de costuras... outrora a curvatura era bem menor... para saborear o chá, nas casas elegantes de Paris.

Assim vivo presentemente, sem ilusões, trabalhando pelo pão de cada dia. Hoje é, talvez, o dia mais amargo para mim — estou completamente sem dinheiro. O meu primogênito esteve doente, e todas as economias foram gastas em remédios... Sinto a garganta comprimida e o coração esmagado no peito, ao dizer que nada temos para comer... Os filhos esperam pelo alimento, mas, na verdade, nada posso adquirir... Como se pode baixar tanto, meu Deus!...

O homem se ergueu do banco e seguiu, lentamente, pelo passeio. Suas pernas se moviam ao léu. Quando deu por si, Telmo Ricardo estava ante um edifício, no qual muita gente entrava. A curiosidade sugeriu a pergunta ao mais próximo:

— O que acontece aqui?

O outro quase surpreso pela ignorância do primeiro, respondeu:

— É o programa de calouros! Basta chegar naquela mesinha, dar o nome e depois cantar!...

Cantar! Como a palavra soou em seus ouvidos! Cantar... cantar...

— Qual o seu nome?

Telmo olhava, apavorado, para o rapaz em sua frente. Estava diante da mesa de inscrições.

— Vai dar o nome ou só veio me admirar?

— O nome... ah! sim... Ricardo... Ricardo só!

— Muito bem, sente-se e aguarde a vez. Já haviam desfilado sambistas desafiados, cançonetistas pretensiosos, uns elogiados e a maioria ridicularizada, quando o locutor chamou:

— Número vinte, senhor Ricardo!

Ele se encaminhou para o palco.

— Qual samba vamos ouvir, "seu" Ricardo?

O antigo barítono olhou a platéia heterogênea e pareceu ver a refinada assistência de outrora.

— Como é, ficou "embasbacado"? "Mete lá"! Vai "traçar" o que?

Telmo Ricardo tomou uma decisão:

— "Ária do capote" da Boêmia!

— "Obã, obã, o "seu" Ricardo gosta de coisa fina! Ei maestro, apanha o capote e "lasca"!

O auditório riu do "trocadilho". O pianista levou algum tempo procurando a música, até que lhe trouxeram, lá de dentro, a partitura.

A voz de barítono, com imperfeições só notadas pelos conhecedores do assunto, encheu o recinto. Era um tanto insegura, mais ainda bela. O microfone reforçava a potência. Telmo estava vivendo as próprias amarguras dos companheiros de Mimi. Não resistindo a tentação de reviver a saudosa cena, despiu o velho casaco e revestiu de colorido vivo a sua atuação. Ao terminar, a platéia, rompeu em aplausos. Poucos o entenderam, mas todos se impressionaram. Parecia uma consagração!

O locutor, arrastou-o a realidade:

— Pegue a "gaita" com o "Bolinha", "seu" Ricardo!

E acrescentou para o público:

— O nosso amigo tem jeito, vai ver que ainda acaba no Municipal!

Telmo recebeu a nota de cem cruzeiros do rapaz a quem chamavam "Bolinha". Desceu os degraus em direção à saída. Em seu íntimo já não havia a ilusão de uma glória, mas dinheiro com o qual compraria alimento. Quase corria, afim de não prolongar mais a espera dos filhos e da sempre fiel Cristina.

Naquele sábado, ele conseguira, com sua voz, cem cruzeiros para matar a fome!

DELÍRIO DE PAIXÕES

(Continuação do número anterior)

— Espera! Espera, Orin! Quando ele voltar ao camarote!

Emboscaram-se sob a ponte do comando, e, quando Brandt passou por eles, Orin o atacou: um tiro, pelas costas, outro tiro quando o infeliz estava tombado. Com Vinnie a seu lado, de pé, Orin esvaziou todos os bolsos de Brandt, para parecer que o móvel do atentado tinha sido o roubo.

De repente, Orin exclamou, assombrado:

— Realmente, parece com papai... — E, olhando pela última vez o rosto do morto: — ...e comigo também. Tenho a impressão de que cometi um suicídio... Porque se eu estivesse no lugar dele teria feito o mesmo que ele — amá-la como ele a amava... e mataria papai para poder tê-la. Que ironia da sorte!

Assim a mansão dos Mannon ocultava agora mais um segredo, mais um fantasma... Christine pensava que Orin e Vinnie tinham ido dar um passeio a Brekenridge, mas começou a se sentir tomada de terror, caminhando pelos amplos salões desertos, sob o olhar mudo e acusador dos antepassados dos Mannons. Pensava: "Que estarão fazendo Orin e Vinnie? Terão ido à polícia?". Quando os dois finalmente chegaram, correu para eles, com medo do que lhe poderiam dizer, mas desejando saber tudo. Orin não desperdiçou palavras:

— Nós a seguimos quando você foi falar com o seu amante — disse friamente. — Eu matei-o. — E, mostrando um jornal: — Esperamos, para ver o que polícia pensa. Acreditam que foi morto pelos ladrões das docas.

Christine tombou sobre a escada, sem sentidos, e Orin ajoelhou-se junto dela. — Mamãe, não fique assim... Você se esquecerá dele. Ficarei a seu lado... Deixaremos Vinnie e iremos para longe, para uma ilha...

— Orin! — exclamou Vinnie, em tom imperioso. — Deixe-a! Vamos para dentro de casa! Vamos! — E sua voz parecia um eco da voz de Erza, fazendo com que Orin obedecesse.

Vinnie ficou olhando sua mãe com um sorriso mau. De repente, Christine, com uma risada histérica, se ergueu e entrou, a correr, em casa. E quando, pela janela do escritório de Erza, se ouviu um disparo de pistola, Lavinia murmurou, olhando para o céu: "A justiça se cumpriu! A sua justiça, meu pai!"

A gente da vila dizia que Christine se havia matado porque não pudera sobreviver a Erza, pelo bem que lhe queria... Mas a velha mansão recebeu em seu seio outro fantasma, que moraria para sempre entre suas vetustas paredes... E Vinnie, com medo de que Orin perdesse a razão, foi viajar com ele, para visitar as Ilhas Beneditas que eram o sonho de seu mano.

VI

Quando Vinnie e Orin regressaram, um ano depois, seus fiéis enamorados, Peter e Hazel os aguardavam. Vinnie vinha radiante de formosura, cheia de confiança em si mesma, como era sua mãe, e assim o notavam Peter e Orin. Na mansão, entretanto, Orin não podia reprimir o horror que lhe traziam as trágicas recordações daquela casa. Começou a se sentir receoso, porque via que Vinnie procurava separá-lo de Hazel. Mesmo assim obedecia à irmã, como outrora obedecera à sua mãe. Por sua parte, tinha prazer em contar a Peter que Lavinia tinha gostado de um belo rapaz, nas Ilhas. Mas o fato era que Lavinia parecia disposta a conquistar Peter agora. Era a sua última esperança para fugir daquela mansão maldita, onde o ódio velho dos Mannons envenenava o ar...

E assim teria sido se não fosse por Orin. Atormentado, fechou-se no escritório do velho Erza, para escrever a tragédia da família. A morte parecia rondá-lo aí de todos os lados... Terminada a história,

meteu-a num envelope e entregou-a a Hazel, com a recomendação de que só abrisse aquela carta se alguma coisa acontecesse com ele, Orin, ou se Vinnie quisesse se casar com Peter.

A pobre Hazel, com lágrimas nos olhos, prometeu que assim o faria. Mas implorou a Orin que deixasse Vinnie e que fosse visitá-la, esperando que com seu amor Orin recobrasse a paz de espírito.

Lavinia, temendo que Orin pudesse revelar o segredo deles, vigiava sempre o irmão. Ao ouvir as palavras de Orin e o pedido de Hazel, apareceu de repente, e Hazel foi surpreendida com a carta de Orin nas mãos.

— Orin, que faz você? — Lavinia estava realmente aterrorizada, talvez pela primeira vez em sua vida. — Diga a Hazel que me entregue essa carta. Por favor, Orin! Você sabe como gosto de você. Diga a Hazel que me entregue a carta, e eu farei tudo o que você quiser!

Orin ficou olhando a irmã, fixamente... Como sempre, o seu caráter fraco o traiu. E Vinnie ganhou mais uma vez. Quase que mecanicamente, tomou a carta das mãos de Hazel e deu-a à irmã, sem olhá-la.

— Perdoa-me — disse, dirigindo-se a Hazel. — O Orin que você amava morreu na guerra. Lembre-se dele... não dêste fantasma vivo... Adeus.

E quando Hazel foi embora, chorando, Orin olhou morbidamente para os retratos dos seus antepassados, dizendo-lhe com ar de troça:

— Verão que Lavinia Mannon é mais difícil de abrandar do que eu. Terão que a perseguir toda a vida!

Peter e Lavinia estavam juntos, quando se ouviu outro disparo de pistola no escritório de Erza. Orin tinha ido lá para "limpar a arma", e visivelmente tinha havido um acidente. Mas a velha mansão contava com mais um fantasma, na sua grande lista de tragédias...

E agora Lavinia estava sozinha. Era a última daquela geração dos Mannon, e estava livre de ódios e de lutas, entre os vivos... E Peter, apesar de tudo, ainda a amava e queria casar-se com ela. Poderia, enfim, encontrar a felicidade. Mas agora surgira outro obstáculo inesperado na pessoa de Hazel — uma Hazel inteiramente diversa, desafiante e acusadora... Dizia que Vinnie tinha levado Orin ao suicídio, e que Peter, por causa dela, tinha discutido com a mãe e saído de casa.

— Você não há de arruinar a vida de meu irmão, como arruinou a do seu! — declarou ela a Vinnie.

— Deixe-me só, vá-se embora, ou pego da pistola de Orin e dou cabo da sua vida! — gritou Vinnie, afogueada de ira.

— Sei que você é capaz disso, Vinnie — replicou Hazel, recuando. Sentiu-se então tomada de piedade, e disse, sem amargor: — Sei que você sofre... e Deus a perdoará.

— Não peço a Deus, nem a ninguém, que me perdoe. Eu mesma me perdoo! — gritou Lavinia, com um derradeiro gesto altivo, enquanto Hazel se afastava. Entrou em casa, queimou os papéis de Orin, como se com eles tivesse queimado todo o passado.

Vinnie estava no pátio, quando Peter chegou. Tratou-a com ternura e carinho. Mas Vinnie lhe disse:

— Hazel não quer que você se case comigo, porque você discutiu com sua mãe. Mas eu quero me casar com você, Peter... hoje mesmo!

— Mas Vinnie... não seria direito, logo depois que Orin... Que receia você? Por que você está mudada, Vinnie? Foi algo que Orin deixou escrito? Tenho o direito de saber. Orin dizia coisas esquisitas sobre o que aconteceu nas Ilhas. E' por causa do tal nativo de lá?

— Peter! — Lavinia sentiu como se houvesse sido esbofetada. Em seus olhos brilhou uma astúcia trágica...

— Bem, já que você quer saber, eu conto o que houve. Eu quis saber o que era o amor... e fiquei conhecendo, eis tudo!

Peter olhou para Vinnie com asco... E ela pensou que a expressão do rosto de Peter talvez não fosse tão amarga, se ele soubesse da verdade, isto é, que o que se interpunha entre eles não era nenhum rapaz bem parecido de além-mar, mas sim aquela tragédia de ódios da família, aquela amaldiçoado conflito de paixões. E Peter, agora, nunca o saberia...

Peter desceu os degraus da varanda, incerto e cego de amargura. Para sempre, ia-se embora. E Lavinia permaneceu imóvel, no alto do pátio, com o rosto pálido

e sem expressão, como o dos seus antepassados, nas suas molduras...

— Viverei sozinha com os meus mortos — disse consigo mesma. — Guardarei seus segredos e deixarei que me persigam até que se cumpra a maldição da família — até que eu, a última dos Mannon, também morra.

Chamou Seth, que estava ocupado no jardim.

— Pode ir embora, Seth. Feche as persianas, pregue-as a martelo. E bote fora todas as flores...

Lavinia entrou em casa. Era outro fantasma — um fantasma vivo.

E Seth fechou as persianas com fortes marteladas que retumbavam pela casa, como num túmulo, enquanto que na penumbra da sala a silhueta negra de Lavinia Mannon se dissolvia, envolta pelo ódio mortal de uma série de Mannon...

A VIDA DE HUMBOLDT

(Continuação do número anterior)

IV

Ao regressar, Humboldt descobriu que era um dos homens mais comentados da Europa. O rumor de suas viagens alastrara-se como um incêndio por todas as capitais. Em várias ocasiões tinham-no dado por morto. Seu irmão Guilherme esperava-lhe ansiosamente as notícias. E um belo dia de agosto as notícias vieram. Humboldt chegara a Bordéus, e dentro de pouco estaria em Paris!

Sua chegada foi como o regresso triunfal de um general vitorioso. Muitas coisas haviam acontecido para a América. Os exércitos de Napoleão tinham enfrentado e vencido a mais forte oposição que a Europa lhe pudera apresentar. Napoleão, buscando a glória, destruíra impérios, derrocara dinastias, fizera morrer milhões de homens. No entanto, em sua busca de ciência, Humboldt excitara com igual intensidade a imaginação da Europa. O "vencedor da ignorância humana" trouxera de suas "batalhas pacíficas" uma multidão de "prisioneiros" — espécimes de botânica, geologia, mineralogia e zoologia — a coleção mais rica até então reunida em outro continente. Em poucos anos, Humboldt assimilara a experiência de uma vida inteira — experiência que serviria de inspiração para todos os naturalistas futuros, todos os pensadores audazes e esforçados.

Começou então a traçar os planos do seu grande livro, a história de suas viagens. Dedicaria o resto da vida ao preparo e realização dessa obra. Aquêl homem notável, que aliava o corpo do aventureiro ao espírito do sábio, podia agora acolher-se à reclusão do claustro com a mesma alegria com que mergulhara numa floresta de animais ferozes.

Lenta e metodicamente examinou os materiais para o seu livro e dividiu-o em seis partes. Na primeira seção relataria a história de suas aventuras — sem outro fim que o de "preservar algumas dessas idéias fugitivas que acodem a um naturalista cuja vida se passou quase toda ao ar livre". Depois consagraria um volume a cada um dos ramos particulares da ciência — zoologia, astronomia, física, geologia e botânica. Além das subdivisões principais, incluiria uma história política e moral dos espanhóis e portugueses na Nova Espanha, e um estudo sociológico das numerosas tribos nativas das regiões inexploradas do continente. O título dessa obra gigantesca? — o *Cosmos*. Pois o tema abarcava em seu âmbito o universo inteiro.

Somente um outro homem — Aristóteles — pudera levar a efeito um trabalho tão amplo. Humboldt percebeu que para essa empresa necessitaria a ajuda dos maiores cientistas de sua geração. E imediatamente se dedicou à tarefa de indicar e organizar o seu corpo de colaboradores famosos — o químico Gay-Lussac, o astrônomo Arago, os anatomistas Latreille e Cuvier, o matemático Laplace, os mineralogistas Vauquelin e Klaproth, e os botânicos Bonpland e Kunth.

Era em Arcueil, aldeia situada a cerca de três milhas de Paris, que os cientistas se reuniam para discutir os seus planos e comunicar uns aos outros os resultados de suas pesquisas individuais. Quanto a Humboldt, preparou uma série de livros que deviam servir de estudos preambulares ao *Cosmos*. Escreveu sobre a geografia das plantas, sobre agricultura e mineração, compondo também uma narrativa



A saúde do BEBÊ

DR. SABÓIA RIBEIRO

A CRIANÇA EXSUDATIVA

RARO não reconhecerá o pediatra, de pronto, à criança exsudativa. Ou realizando esta o tipo magro e mirrado, ou o tipo pastoso, de carnes flácidas e tendência à obesidade, o exsudativo é assaz típico na grande maioria das vezes. Há uma anomalia, nessas crianças, comprovada por análises químicas e experiências diversas, do tecido adiposo e conjuntivo, e à qual são devidas suas reações próprias, mas sobretudo interessando a esfera do aparelho respiratório, digestivo e órgãos linfáticos (baço, fígado) e órgãos linfóides (amígdalas, gânglios). Existe, em suma, uma sensibilidade exagerada dessas crianças, congênita, umas vezes extensiva a todo o organismo, outras localizada em alguns órgãos apenas, graças à qual o organismo da criança responde aos estímulos normais de forma anormal, e caracteristicamente pela inclinação às exsudações quer da pele, quer das mucosas. Em geral se descobre nos pais a asma, a gota, a obesidade, o diabete, distúrbios nervosos. Daí aparecer em série, ou seja em alguns ou até todos os membros da mesma família.

Já no próprio nascimento é de notar a dissemelhança de complexão da criança e seus pais — aquela, emagrecida, mirrada; os pais, fortes e robustos. E fato notável e característico: enquanto o leite materno é para o bebê, em geral, o melhor dos leites, ao exsudativo não prova bem esse leite, e provoca até crises dispépticas (diarréia mucosa, com grumos), e ainda que abundante o leite, jamais o menino prospera, e mesmo que mude de ama.

Somente algumas crianças exsudativas aumentam de peso com a alimentação natural; na artificial, os distúrbios gastro-intestinais logo se patenteiam e adquirem grande intensidade, e a criança vai de mal a pior, sobretudo porque é imensa a facilidade com que se desidratam no decurso das doenças (diarréia, febre, intoxicações).

Mas observa-se que, a engordar, a criança o faz com manifesta anomalia da nutrição, pois a gordura é de aparência mole, infiltrada, e a criança, como já dissemos, tem em geral o aspecto obeso. E' que nessa eventualidade a criança mostra a tendência positiva em face da água da alimentação, retendo a água, e é isso justamente o que explica a consistência pastosa das carnes do exsudativo.

Quase nunca deixam de ser atingidos os órgãos linfóides; umas vezes a amígdala, outras a tonsila palatina, ora o sistema linfático (gânglios, aumento do baço).

Quase de um modo constante, absoluto, os exsudativos são particularmente sujeitos aos resfriados. Há uma extrema vulnerabilidade das mucosas e, mais do que isso, uma espécie de íntima solidariedade de uma com as demais. Observa-se, mesmo, que quando uma criança exsudativa se resfria, logo o tubo intestinal mostra as fezes catarrais. O muco, ora esbranquiçado, ora esverdeado, aparece nas evacuações; as fezes, pouco numerosas, se acompanham por vezes de sangue misturado com grumos.

Tanto quanto as mucosas, a vulnerabilidade da pele. As mínimas causas irritativas — o suor, a urina, as fezes — provocam logo reações locais intensas. Há sempre a tendência de estender-se a lesão às partes sãs vizinhas. Ora é a seborréia do couro cabeludo, ora a crosta da face; a intertrigem (assaduras, de certo as mais frequentes), o eczema.

Mas o exsudativo é, além do mais, um debilitado de suas próprias defesas orgânicas. Daí constantes piodermites, furunculose, abscessos múltiplos. Todas as infecções, por isso, assumem muito maior gravidade nele. As doenças infecciosas o atingem com bem maior facilidade que a outros, e assim naturalmente a tuberculose. Muitos exsudativos voltam mais tarde ao consultório com adenopatias e infiltrações tuberculosas e curso febril.

O exsudativo tem uma congênita intolerância pelas gorduras; sua alimentação deve ser vigiada com relação às gorduras. Somente com um regime bem orientado nesse sentido é possível contar com a melhora das manifestações quer das mucosas (resfriados constantes), quer cutâneas (eczemas, intertrigem, furunculose, etc.).

Nos lactentes atroficos, magros, é preciso logo cedo lançar mão da mistura butiro-farinácea. O alimento poderá ser instituído de 3½ em 3½ horas (7, 10½, etc.). Dar-se-ão 200 gramas de leite desengordurado, acrescido de 1 c. de chá de manteiga e 1 de farinha, e 2 de açúcar. O leite desengordurado é fácil de obter: deixado em repouso, cru, forma-se, ao cabo de 3 horas, uma película na superfície, de gordura, que é retirada. Prepara-se a mistura, derretendo a manteiga a fogo brando numa caçarola e juntando aos poucos a farinha, mexendo com colher de pau, até formar uma massa homogênea marron; mistura-se ao leite.

O leiteiro poderá ser usado, pobre também de gordura, lucrando em ser acrescido de um caseinato (larozan ou outro).

No exsudativo gordo, dar-se-á caldo de carne engrossado com gelatina, ou caldo de legumes com gelatina. Frutas amassadas (banana, maçã, etc.), feito papinha. O cozimento de cenouras passadas por peneira vai também com acerto; lucra em ser engrossadas com 2 a 3 colheres de chá de semolina, arrozina, aveia ou fécula de batata. Outro prato é o pudim de gelatina:

200 grs. de água; 2 colheres de chá de maizena ou aveia, e de açúcar; 2 a 5 folhas de gelatina e 1 colher de chá de caseinato de cálcio. Cozer 5 minutos, e juntar 20 a 60 grs. de limão, uva, abacaxi.

De qualquer modo, já no 6º mês o leite estará totalmente abolido, e aos 9 meses, as refeições devem ser sólidas e secas: macarrão com queijo parmeizão, aletria, pirão de legumes, alguma carne magra cozida com pirão ou arroz, peixe cozido, miolos, fígado, etc. Ao dia, 4 refeições: 7 — 11 — 15 e 19 horas.

De referência ao tratamento do eczema, deve-se preservar o tratamento a seco, isto é, com abstinência de pensos úmidos (loções, etc.), pois o eczema em geral recrudescer com a umidade. A água somente será usada para a retirada do medicamento, no asseio das lesões, e logo bem enxutas com uma toalha felpuda ou outro meio. As crostas devem ser retiradas com óleo de amêndoas ou olivas. Uma boa fórmula: ácido salicílico e óxido de zinco, 1 grama de cada; óleo de olivas, 25 gramas. Passar a noite e lavar no outro dia com sabão sulfuroso (enxugar bem). Como anti-pruriginoso vai bem uma pomada tipo da de Lassar. Para as simples exsudações cutâneas, líquido de Burrow.

Como no exsudativo gordo é comum haver sinais de insuficiência da tiróide (e um sulco eczemático atrás da orelha é disso muita vez um bom sinal), caberá muita preservar o extrato de tiróide. O cálcio vai sempre bem indicado nos diversos casos, pois além de indicação dietética possui outras propriedades, inclusive de deter o caráter úmido e invasor das lesões, e, o que é muito importante, de concorrer para a formação de tecidos firmes do bebê. Existindo sempre no exsudativo uma diminuição das defesas naturais em face das infecções nele comuns, já do trato respiratório, já da pele, haverá que assegurar seu aumento por meio das vitaminas A e D, de ação especial sobre a mucosa e sobre a pele.

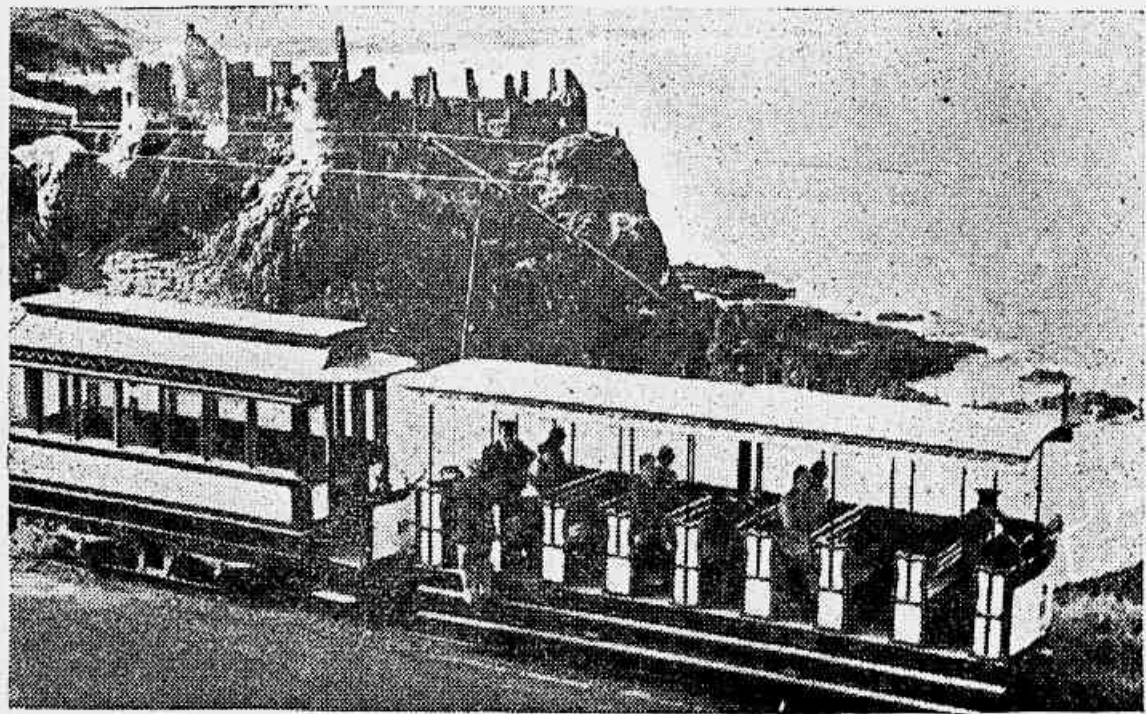
Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

Por D. G. COIMBRA

BRIGHTON, novembro de 1948 — O trem saiu de Londres rápido como uma flecha, não parou em lugar algum, com velocidade de 100 quilômetros e mais por hora. Passamos pelas estações com a rapidez de uma roleta cheia quando a casa está de azar... Primeiro, os subúrbios prolongados de Londres, com suas casas escuras pela fuligem das chaminés; depois as zonas novas, com belas casas de tijolos vermelhos; a seguir as casas dos abastados, mais distantes entre si, com mais terrenos, belos jardins, garagem para dois carros, e, finalmente, o campo, as florestazinhas, as fazendas com o feno cortado e empilhado em grandes montes como casas de sapê, as vacas pastando mansamente ao lado dos carneiros. De quando em quando, uma cidadezinha ou uma aldeia sossegada, descansando dos anos de guerra ou simplesmente dormindo como nos séculos que já passaram diante das torres de suas igrejas em estilo gótico ou Tudor. O serviço de trens é ótimo, e, como sempre, o nosso ia quase lotado. Os ingleses dão um jeito no transporte, de tal modo, que a qualquer hora há lugar. Mesmo na hora de maior movimento a gente viaja pouco em pé, pois logo, uma ou duas estações depois, saem passageiros e podemos então viajar comodamente. Apesar da curta viagem, o nosso trem levava um elegante carro-restaurante, mas preferimos não usá-lo, pois estávamos esperando almoçar bem em Brighton, como de fato aconteceu.

Esta cidade é preferida pelos londrinos no verão, e centenas de milhares deles vêm passar suas férias ou descansar aqui ao lado do mar, nas longas praias com seus elegantes e largos passeios. Há centenas de hotéis e pensões de todo tamanho e para todas as bolsas, alguns bastante grandes, com centenas de quartos, de 8 a 9 andares, outros bem pequenos e modestos. Agora, com a escassez de casas e apartamentos em Londres, muitas pessoas, mesmo as de recursos modestos, moram aqui e trabalham na Capital o ano todo. Por isso, a cidade tem uma população permanente de umas 50.000 pessoas, mas com prédios e hotéis para várias vezes esse número. E, consequentemente, fora do verão, há enorme sobra de casas e quartos para alugar. Essa abundância ajuda a desapertar os habitantes de Londres. Como esta cidade é de puro veraneio e descanso, os alemães pouco a molestaram com suas bombas, encontrando-se praticamente intacta.

Brighton é uma série de pequenas cidades à beira-mar, sendo Hove o maior satélite, e estende-se por uns vinte quilômetros ao longo da costa, todas ligadas por bons ônibus e bondes com liberdade de movimentos, sem trilhos e com pneus. As avenidas praias são largas, cuidadas e limpas, dando uma impressão de Escandinávia. As praias ficam embaixo das barrancas onde estão as avenidas. Como praias propriamente não são comparáveis às do Rio ou Santos, pois são quase todas de pedregulhos; somente uma faixa de uns 20 ou 50 metros é de areia grossa e escura. Mas assim mesmo o pessoal se diverte e toma banhos de mar. Vários trechos são ajardinados ou gramados, onde se joga "golf" em miniatura. Há piscinas rasas para crianças e divertimentos aquáticos pagos. Visitamos o aquário que se orgulha de ser o melhor da Grã-Bretanha; misturados com peixes vi jacarés e macacos, araras e papagaios, um deles parecendo ter vindo há pouco do Brasil... pois se entendia perfeitamente o seu "Alô, Louro!", na sua meia língua. As araras se contentavam com agarrar os arames da gaiola com o bico e olhar com ares de sabidonas... Havia um interessante casal de macacos. Andavam sempre juntos e o macho com o braço por cima do ombro da companheira, tal como namorados... Não ficamos sabendo se os símios copiam os ingleses ou vice-versa... Como era de esperar, o lugar dos macacos estava mais concorrido do que os lugares dos pobres peixinhos. Ao fundo do aquário há um grande restaurante e "dancing" muito frequentados. Almoçávamos num lugar frente ao mar, numa ampla avenida, quando deparamos um automóvel do fim do século passado, andando calmamente como qualquer modelo 48, depois outro e mais outro, a seguir uma fila de autos, talvez umas cinquenta maravilhas da antiguidade, modelos abertos, semi-fechados, com seus motoristas ves-



Vista do Castelo de Dunluce, situado em Portlough. Esta cidade irlandesa entrou para a História como a primeira cidade do mundo a possuir bondes elétricos

tidos mais ou menos à moda da época. Uma cena notável e inesperada nos foi apresentada. Todos os autos, sem exceção, genuínas peças de museu. Já encontramos carros de data mais recente no Museu de Veículos, em Oslo, na Noruega. Tratava-se aqui da parada dos proprietários de "reliquias automobilísticas", que se reúnem anualmente para uma passeata. O que mais nos surpreendeu foi o fato de todos andarem muito bem, sem enguiços, como se se tratasse de veículos novos, alguns com boa velocidade, outros mais vagarosos, mas nenhum ficou no caminho. Os automóveis do fim do século passado ou começo deste, geralmente não eram de confiança e costumavam parar pela estrada com muita frequência. Não sei como essas antiguidades conseguem se movimentar tão bem... E os pneus que usam estão todos fora de fabricação e de difícil obtenção. Autos franceses, ingleses, americanos e italianos, cada um bem diferente do outro, quase todos com 4 rodas, mas alguns com apenas 3. Todos com passageiros e até com cinco pessoas, andando como novos... Fizemos muitas voltas pela larga avenida da praia, e quando terminamos de almoçar ainda fomos vê-los de mais perto. Velharias automobilísticas de toda a Inglaterra... Uma parada de tal natureza nos parece que deveria ser anunciada em todos os jornais, e muito prazerosamente pagaríamos um "shilling" ou dois para assisti-la. Foi tudo grátis e sem a menor propaganda. Só isso valeu a nossa viagem até aqui...

Como acontece em muitos lugares de veraneio e turismo, os habitantes são extremamente amáveis e cumulam os visitantes com gentilezas. Aqui também o hábito é esse. Todos nos tratam com a maior cortesia e nos guiam por onde queremos ir ou nos ajudam a esclarecer as dificuldades momentâneas. Tomamos um ônibus e fomos parar lá no meio de umas fazendinhas de gado. Tudo muito pitoresco e atraente, os montes de feno com crianças a subir e descer numa brincadeira alegre. O condutor do ônibus, sabendo, pela nossa conversa em português, que não éramos dali, ia nos explicando a história dos lugares por onde íamos passando. Quando lhe oferecemos um charuto aceitou-o, para fumar... depois do jantar, sossegado, em sua casa, ao ler o jornal de domingo!... "Esses bons charutos não é todos os dias que se fuma", explicou confidencialmente e agradecido. Fomos jantar na parte comercial da cidade. Boas lojas, algumas grandes, ocupando edifícios enormes, outras menores, mas todas bem sortidas e com excelentes vitrines. Vê-se claramente que esta cidade conta com as centenas de milhares de pessoas que a visitam e se preparou para acomodá-los condignamente.

preliminar de sua viagem às "Regiões Equinoxiais do Novo Continente". A assombrosa variedade de suas obras despertou a admiração ilimitada do próprio Goethe. "Ele é como uma fonte de muitos canais; basta conseguir um vaso para receber-lhe a água, e de todos os lados brotam correntes refrigerantes a um simples contacto".

Seus escritos e sua conversação brilhante lhe haviam granjeado uma fama que, ao parecer, nenhuma obra futura poderia aumentar. A sociedade via nele "o sumo sacerdote" do mundo intelectual. "Quando entra na sala, Humboldt ofusca todas as nossas frívolas ocupações anteriores... Ele é como um elefante, que com a mesma facilidade arranca um carvalho e apanha um alfinete! Foi convidado a falar em Berlim. E no auditório se encontrava o seu amigo íntimo, o rei da Prússia. Humboldt foi nomeado para o Conselho Privado, e passaram a tratá-lo por "Sua Excelência o Barão von Humboldt".

No entanto, ele continuava irrequeto, insatisfeito. Contava agora sessenta anos e tinha os cabelos nevados como os picos que escalara havia tanto tempo. Mas era preciso superar outras montanhas. Era preciso tornar a viajar. Existiam vastas regiões do mundo que ele tinha ainda que explorar antes de completar os seus estudos para o monumental *Cosmos*. Havia os campos da Sibéria, a desmarcada extensão dos Montes Urais; havia depósitos de minérios que investigar, tribos que visitar, espécimes que reunir. Passara quase um quarto de século de pesquisas com os maiores sábios, e estava apenas no começo dos seus trabalhos. Contudo, ficaria bem a um homem da sua idade e reputação atirar ao ombro o saco de viagem com tanto entusiasmo como um rapaz de vinte anos?

Sua resposta foi afirmativa. "Não basta ser um sábio". Ele tinha de ser "o mais sábio dos homens". A convite do Czar da Rússia, partiu numa viagem científica aos Montes Urais. O Czar dera-lhe uma escolta militar para sua segurança, um bom cozinheiro para seu conforto, e um oficial de minas para ajudá-lo nas pesquisas mineralógicas.

Saíram de Moscou. Em Nijni Novgorod reuniu-se a eles um nobre, dono de vastas propriedades mineiras nos Urais. Atravessaram o país dos tártaros, onde encontraram um mulá orando diante da sepultura de um santo. Ofereceram-lhe um lugar na carruagem para que pudesse percorrer os santuários distantes. Sempre que paravam, o mulá cumpria as suas devoções enquanto o resto do grupo examinava as ruínas.

Chegaram a um posto avançado da Mongólia e Humboldt deu ao comandante chinês um pedaço de pano azul em troca de um livro de história da China. Informando ao comandante que seu irmão Guilherme era linguista e teria em alto prego o livro, pediu-lhe que escrevesse o seu nome na primeira folha. O chinês aquiesceu amavelmente e assinou "Chin-Fu" — guardando como lembrança o lápis que Humboldt lhe emprestara.

Humboldt procurou platina nos Montes Urais, coligiu espécimes de seres marinhos no Cáspio, mediu a temperatura do sol na Sibéria, e estudou as plantas e animais nas depressões das estepes russas. Tornou então a Berlim, depois de uma ausência de seis meses e um percurso de onze mil milhas.

Humboldt nunca mais saiu da capital. Estabeleceu-se na *Oranienburgerstrasse*, perto do palácio do rei. Era hóspede assíduo da corte real. De feito, o palácio se tornara a sua segunda residência. Não havia homem mais célebre na Europa. Nem mais feliz. No entanto, o avançar dos anos trouxe-lhe também mágoa, assim como ventura. Seu irmão Guilherme, um dos maiores estudiosos europeus de literatura comparada, apanhara um forte defluxo ao visitar o túmulo da esposa, e morrera nos braços de Alexander. Este nunca havia esquecido as últimas palavras do homem que ocupara tão grande parte em sua vida. "Em breve estarei com nossa mãe, e então compreenderei as leis do mundo superior".

V

Por fim, Humboldt deu início à grande obra. Contava já mais de setenta anos de idade, e ocupou-se da composição desse livro até a sua morte aos noventa anos. Como o *Paraíso Perdido*, ditado no entar-

decer da vida de um poeta privado da vista, o *Cosmos* foi escrito no crepúsculo da vida de um cientista privado de seus amigos. Um por um, como folhas de outono, eles tinham-se despenhado da árvore da existência; Nascera uma geração inteiramente nova — homens e mulheres que o respeitavam e amavam, mas que não podiam tomar o lugar dos antigos. Foi num mundo estranho a ele que Humboldt escreveu o grande poema épico da investigação científica.

Era obrigado a escrever à noite. Pois de manhã examinava as suas notas, pela tarde recebia a corrente perpétua de visitantes que vinham prestar culto a seus pés, e depois jantava com o rei.

Sua vida era uma fonte de energia sempre a borbotear. E quanto mais trabalhava, mais se exigia dele. O mundo não pode deixar em paz um homem célebre, qualquer que seja a sua idade. Convidavam-no a cooperar em tudo quanto era movimento literário, político ou social. O rei lhe explorava a habilidade diplomática assim como os sábios lhe exploravam o extraordinário gênio científico. Autores de geografias baseavam-se em seu conhecimento pessoal da América do Sul. Estudantes de economia recorriam à sua perfeita familiaridade com o sistema fiscal da Alemanha. Os principais escritores do país vinham procurá-lo para aquecer o talento na chama da sua inspiração poética. Os compiladores de dicionários alemães apelavam para o seu agudo discernimento a fim de determinar a história e a significação das palavras.

Mas a grandeza é sinônimo de modéstia. Muitas vezes Humboldt observou aos amigos, em seus últimos tempos: "Deviam ter conhecido meu irmão Guilherme. Ele era incontestavelmente o mais capaz dos dois". Considerava seu irmão como um verdadeiro mestre, e a si mesmo como um simples aluno.

E continuou aluno até o fim. Nas frias manhãs de inverno os estudantes da Universidade de Berlim acorriam à sala de conferências para ouvir Bockh discutir a literatura e as antiguidades gregas. "Estávamos habituados a ver na multidão de estudantes", observou um futuro escritor, "um homenzinho idoso, encanecido e de ar contente, num longo casaco pardo". Esse homem era Alexander von Humboldt, o "pai da ciência moderna", que vinha "recordar o que negligenciara na juventude". Durante as preleções, Humboldt sentava-se no quinto banco junto à janela e tomava notas numa folha de papel como os outros alunos. De noite assistia às dissertações de Ritter sobre geografia física. Certa ocasião, quando discutia importante problema geográfico, Ritter citou Humboldt como a sua autoridade. Todos os olhos se voltaram para o encanecido cientista, que se soergueu do assento, fez uma reverência e recomçou a tomar notas. Sempre que se achava ausente da sala de conferências, circulava entre os estudantes a notícia de que "Alexander faltou hoje à aula para tomar chá com o rei".

Gradualmente seus ombros se foram encurvando. Aproximava-se do nonagésimo inverno. Era evidente que restava muito pouco tempo para os que desejavam vê-lo, fazerem a sua peregrinação.

O poeta americano Bayard Taylor viera até Berlim para conhecer "o maior dos homens vivos do mundo". A conversação derivou para os assuntos americanos. Apesar de ocupado com a composição do *Cosmos*, Humboldt sempre se mantinha a par da história corrente. Conhecia a política e as personalidades americanas. Pediu notícias de Washington Irving. — Deve ter pelo menos menos cinquenta anos — observou.

Bayard Taylor informou-lhe que Irving tinha setenta.

— Ah! — murmurou Humboldt — eu vivi tanto que quase perdi a noção do tempo.

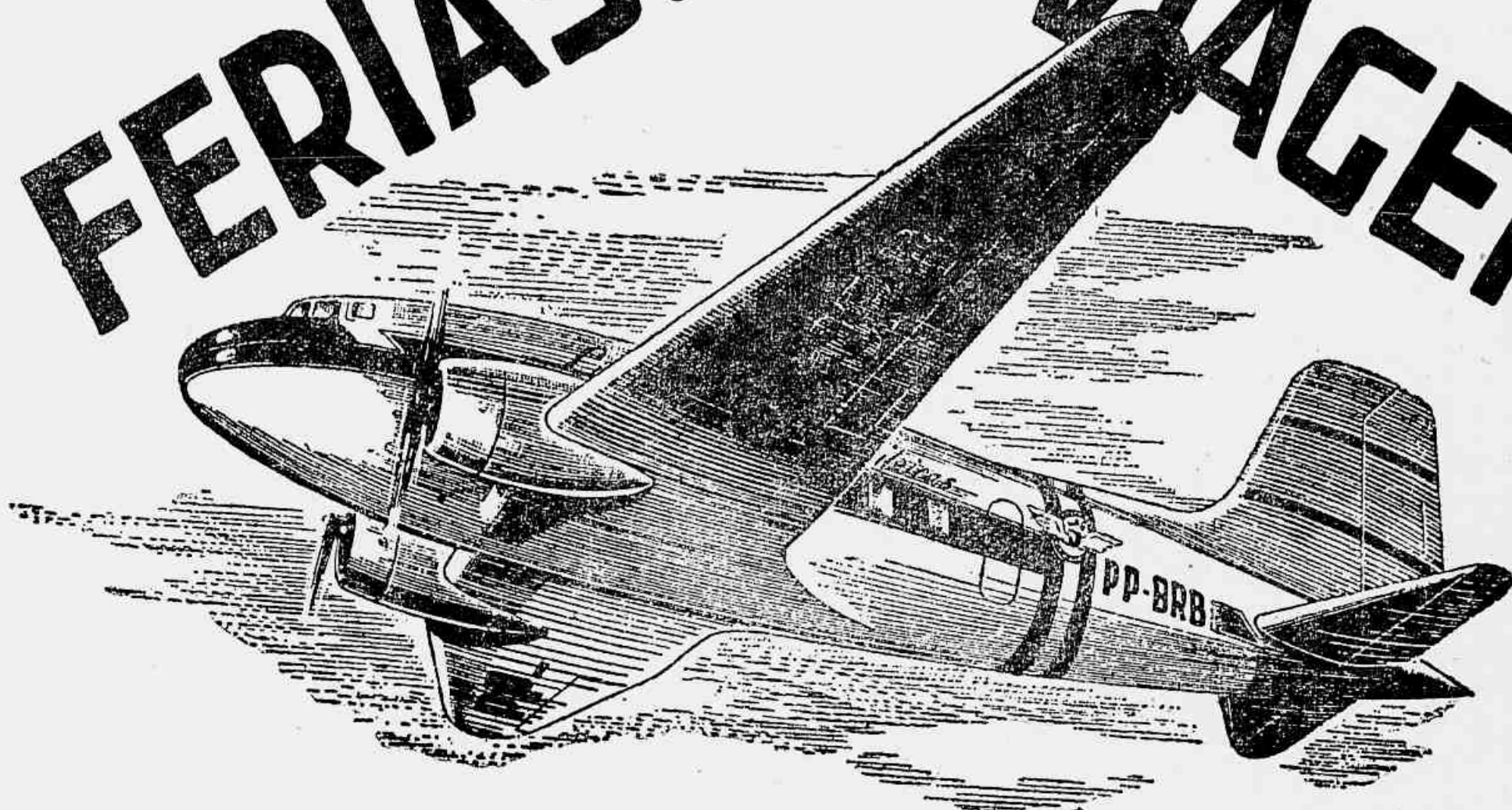
Seus olhos se anuviaram. Vivera muito, com efeito. Pertencia à época de Jefferson e Gallatin. Ouvira falar na morte de George Washington quando viajava pela América do Sul. Olhou para Bayard Taylor com um sorriso de tristeza.

— O senhor tem viajado muito, meu amigo. Tem visto muitas ruínas. Agora acaba de ver outra ruína.

Estendeu a mão para o visitante. Aquela mão apertara amistosamente a de muitos entre os principais personagens do século — Frederico o Grande e Schiller, Napoleão Bonaparte e William Pitt, Goethe, Thomas

FÉRIAS.

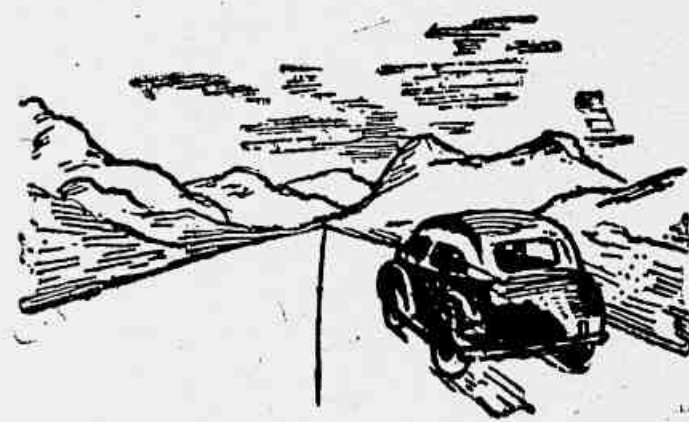
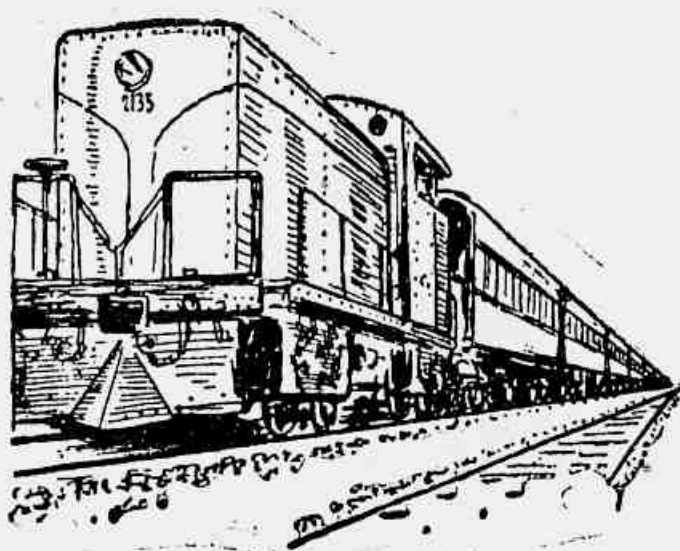
VIAJEM.



SE VAI ENTRAR EM FÉRIAS OU VAI VIAJAR
NÃO DEIXE O COMPANHEIRO INESQUECÍVEL

O ALMANAQUE EU SEI TUDO, para
1949, que está à venda em todo o
Brasil.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, —
os seus leitores conhecerão o que há
de mais moderno e interessante em
todo o mundo e o que guarda, atra-
vés dos tempos, a eterna beleza do
passado. Ciência, arte, esporte, lite-
ratura, charadas, diversões, aconteci-
mentos palpitantes, e um calendário
completo para 1949.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO
POSTAL SEM AUMENTO DE
PREÇO

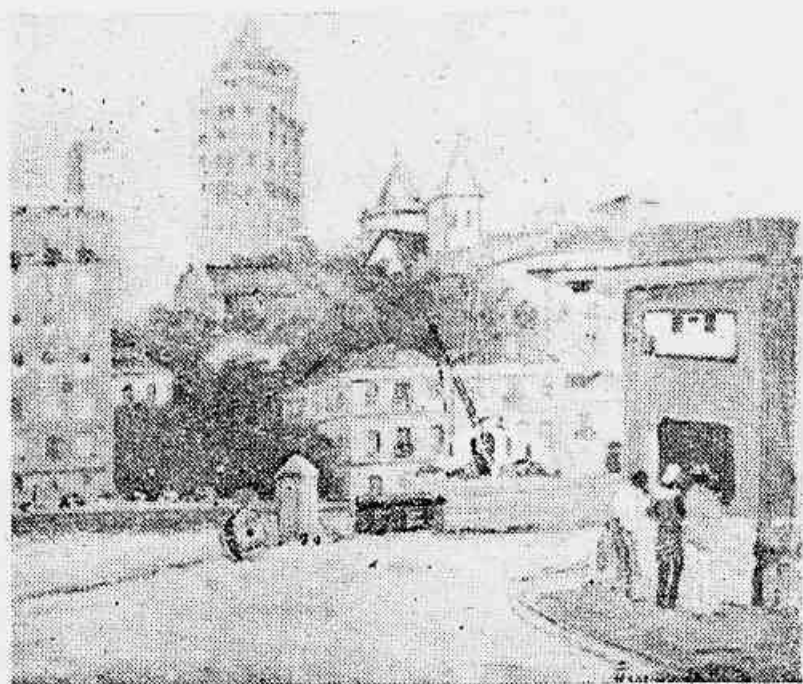
Pedidos à COMPANHIA EDITORA
AMERICANA

Rua Visconde de Mucanguape n.º 15
—Rio de Janeiro

ALMANAQUE EU SEI TUDO

Artes PLÁSTICAS

Por ANGELUS RAVEL



Um aspecto da entrada do Arsenal, vendo-se ao fundo o mosteiro de S. Bento

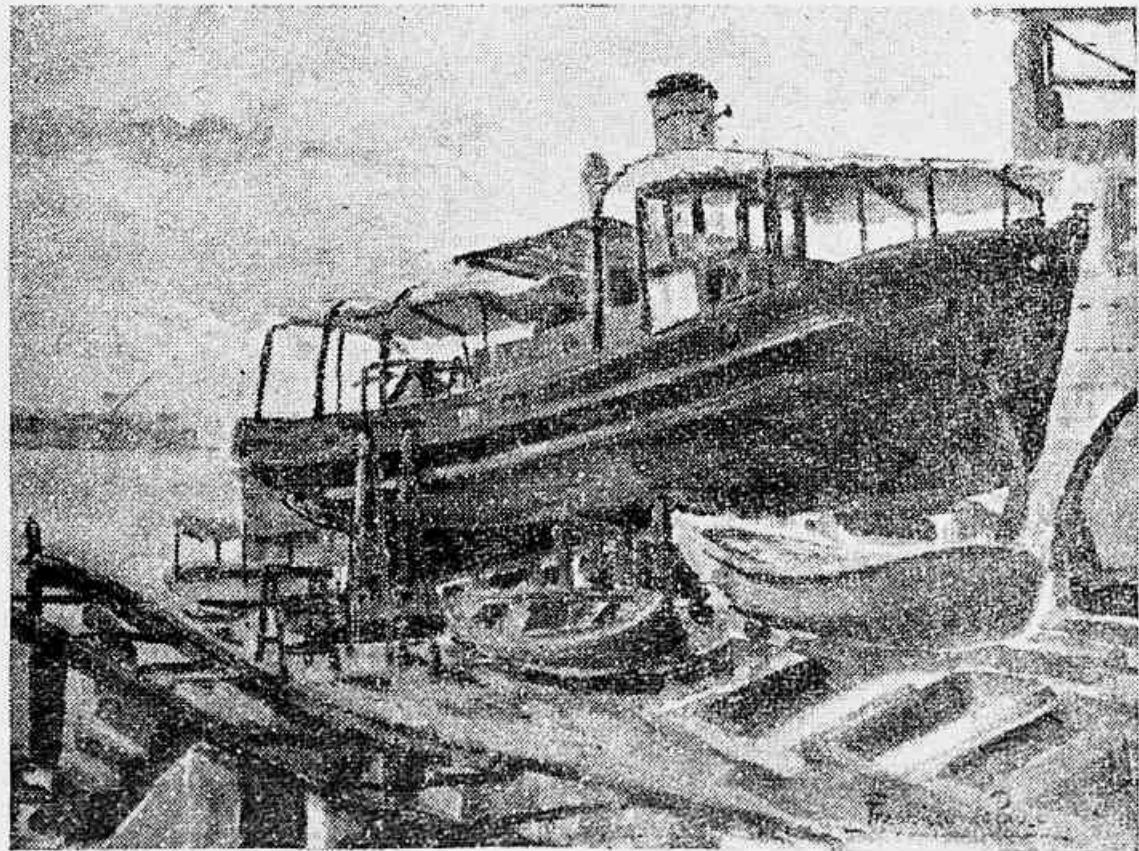
quadros, inclusive um deles, de 3 metros por 2, em que o pintor fixou, com expressão, a labuta do operário naval na reparação de duas belonaves.

Francisco é um impressionista clássico. Nasceu no Rio, na antiga rua do Areal, em 24 de abril de 1896. Não cursou propriamente nenhuma escola de arte. Aluno do S. Bento, aos dez anos, era expulso, por não se mostrar interessado no estudo, e passar a maior parte do tempo fazendo a caricatura dos professores... Quando chegou a vez do Reitor — que Francisco o reproduziu fumando um grande charuto, deram-lhe o "bilhete azul"... Passou a frequentar então o Liceu de Artes e Ofícios, ainda no tempo de Bittencourt da Silva. Ali teve oportunidade de conhecer muitos mestres do pincel da época, inclusive Malhóia, pintor português de fama, que se prontificou a iniciar-lhe, graciosamente, nos segredos da pintura. Durou pouco essa oportunidade, pois, 3 meses mais tarde, Malhóia regressava a Portugal. O artista necessitava de ganhar a vida. Numa crise séria, Francisco de Paula apanhou pincel e tinta e saiu à rua para oferecer seus serviços como decorador. Deveria ter 14 anos. Começou pelos antigos quiosques do Rio. A maioria das almofadas que guarneciam as pilastras daquelas relíquias, foi pintada pelo artista. Como decorador avulso se manteve dos 14 aos 50 anos. Durante esse período, realizou um sem número de decorações nos mais variados lugares: cafés, restaurantes, casas comerciais, residências, inclusive alguns interiores do Pavilhão Mourisco, a residência do Marechal Argôlo, e o quadro de Bidu Saitô, numa das paredes do antigo Café da Ópera, etc.

A primeira exposição de quadros seus foi em 1941, tendo sido todas as obras adquiridas, o mesmo acontecendo com os quadros das demais exposições que realizou, num total de seis, todas no Museu da Escola de Belas Artes.

Francisco de Paula é casado e possui prole numerosa, vive exclusivamente da arte. "Pinto um quadro hoje, para conseguir o suficiente para comer amanhã..." — diz aos amigos. Tem pintado quase uma tela por dia... Cerca de 1.500 quadros já produziu. E todos foram vendidos! Não possui "atelier" próprio, e um de seus maiores problemas é encontrar um lugar para pintar em casa. Apesar de as suas obras reproduzirem aspectos do Rio, cenas de vida carioca, que o pintor fixa no próprio local — sem nunca recorrer à técnica comumente empregada na chamada "pintura de laboratório", onde todos os "recursos" são permitidos — Francisco de Paula se vê em dificuldades para assentar o cavalete na sua residência. "Si estou na sala de visitas — queixa-se — lá vem a filha mais velha que a quer varrer. Si vou para a sala de jantar, é a "patroa" quem quer botar a mesa; si vou para o quintal, é a outra filha que precisa estender a roupa lavada. Então, apanho as "ferramentas" e vou para a rua..."

De sua produção, o pintor possui, apenas, em casa, um auto-retrato. E é pensamento seu executar idêntico trabalho no Ministério da Guerra e na Aeronáutica.



Lancha em reparo, nos estaleiros do Arsenal de Marinha.

Inaugurou-se a 3 do corrente, no Salão Nobre do Palace Hotel, a exposição de quadros do pintor patricio Francisco de Paula.

Todas as obras ali expostas versam sobre motivos relacionados com a nossa Marinha de Guerra, um campo vasto e ainda inexplorado para os artistas do pincel. Foi justamente esse gênero de pintura que Francisco de Paula escolheu apresentar, do mais de 40

Jefferson, Alexander Hamilton, Beethoven e Walter Scott.

Bayard Taylor fez-lhe uma segunda e última visita no ano seguinte. Quando bateu à porta, veio atender-lhe o fiel criado de Humboldt, Seiffert, que exclamou cordialmente: "Bemvindo seja outra vez!". E acrescentou que "Sua Excelência" estivera muito doente e que Mr. Taylor não ia encontrá-lo tão forte como na visita anterior. "Mas graças a Deus já está praticamente restabelecido da doença!".

Mr. Taylor foi introduzido no gabinete de Humboldt. O encanecido cientista se achava diante de uma mesa coberta com as provas de um novo tomo do *Cosmos*.

— Eis o que tenho feito desde a última vez que o senhor esteve aqui — observou para Bayard Taylor, pegando as provas.

— Já foram publicados vários volumes. Este está para sair do prelo.

— Ainda se sente capaz de um trabalho tão duro? — arriscou Taylor.

— Eu durmo pouco — respondeu Humboldt. — A vida, para mim, é o trabalho. Anteontem trabalhei dezesseis horas na correção destas provas.

Mas confessou que não estava bem. Discutiu com perfeito desprendimento científico a sua debilidade física. "Parecia considerar o corpo como algo independente dele", escreveu Taylor posteriormente. "Parecia observar-lhe o declínio gradual com um olhar curioso, como teria observado o de uma árvore nos seus tempos de explorador".

Andava absorvido em suas recordações. Contou anedotas de Alexandre I da Rússia, e referiu-se a uma viagem que fizera à Inglaterra durante o julgamento de Warren Hastings. Relatou como, em uma única noite, ouvira discursar Burke, Pitt e Sheridan. Por fim, quando Taylor ia partir, Humboldt pediu-lhe que tornasse a visitá-lo. "Traga sua esposa consigo. Hei de ser bastante cortês para viver até então".

Na primavera, andou de braço dado com o rei nos tranquilos jardins do palácio de Sans Souci, construído por Frederico o Grande como um abrigo onde repousar depois do calor de suas batalhas. Mas para Humboldt não havia repouso. Nem ele o desejava, até que, em seu octogésimo nono aniversário, ficou terminado o quinto volume do *Cosmos*.

E a terminação do livro era a consumação de sua vida. Jamais um conquistador recebeu tão generosa ovação de tão grande número de pessoas. Pouco depois de publicado o último volume do *Cosmos*, a Embaixada americana em Berlim convidou Humboldt para assistir à solenidade comemorativa do aniversário de Washington, o Pai de sua Pátria, e ao Barão von Humboldt, o Rei da Ciência, cujos sapatos os reis comuns não são dignos de desatar".

O idoso cientista ergueu-se e tentou dizer algumas palavras em voz débil. Mas quase ninguém pôde ouvi-lo entre as aclamações gerais. Então os seus amigos, ansiosos por lhe resguardar a saúde, envolveram-no em uma capa e fizeram-no sair.

Apesar da rapidez com que lhe iam faltando as forças, os amigos afirmavam que ainda havia de viver para tomar parte na entusiástica celebração de seu nonagésimo aniversário. Mas ele dizia que esperava



I. M. O. (Arapoti, Paraná) — Recebemos seus três contos, mas, infelizmente nenhum deles pôde ser aproveitado por estarem todos muito curtos. Naquele tipo de papel, empregue, pelo menos, dez laudas.

D. G. (Pôrto Alegre) Seu conto "A Revelação", com fotos seria uma reportagem. Sem isso não é nem uma cousa, nem outra. Veja se nos remete outra produção.

J. B. G. (Currais Novos, R. G. do Norte) — "João Arruma as Malas" está viciado em linguagem imprópria para nossa REVISTA. Você tem jeito e talento para o conto. Arrume outro tema e deixe o João ir embora.

E. R. da S. (S. Paulo) — "As Estrelas Ajudam a Rezar" não o ajudará a sair em nossas páginas. Evite assuntos pouco morais. Volte mais inspirado e teremos prazer em publicar.

Kirk (Realengo, D. Federal) — Muito fraquinho aquele conto. Venha com outro mais substancial.

E. Q. P. (Santos) — Seu "Luzia" foi reprovado. Evite pieguices e procure melhorar o estilo descritivo. Se a tarde caia, como o sol vinha descendo?

A. T. (S. Paulo) — O seu "Bilhete" está muito pequeno parecendo mesmo um bilhete... literário e não um conto. Puxe pelo crânio e volte com outro.

Agner Barbosa Junior (S. Paulo) — O "Cientista" foi aprovado.

Ilma Carvalho (S. Francisco do Sul, Sta. Catarina) — "Lola" está bom. Aguarde.



morrer na primavera. E quando chegou o mês de abril, os berlinenses começaram a dar pela falta do vulto familiar do Barão a passar sob as Lindens. "Onde está Sua Excelência?", perguntavam-se uns aos outros. Mas ninguém sabia responder.

Von Humboldt tornara a embarcar para um Novo Mundo.

(Do livro "Vidas de grandes cientistas".)



ANDRÉ MAX

PORTA-AVIÕES, TRAMFOLIM DA AVIAÇÃO NAVAL

UMA das características primordiais em matéria de potência aérea naval é a mobilidade das unidades que compõem uma esquadra. O ponto nevrálgico dessa mobilidade — o trampolim de onde a aviação naval aplica seus golpes — é o porta-avião. Por sua vez, o problema de operações aéreas dessas bases móveis constitui a medula do programa de investigação e experimento da Marinha de Guerra. A condição prévia e necessária para a solução deste problema consiste em lograr que um porta-aviões, uma vez perfeitamente equipado para uma determinada operação, tenha a potencialidade técnica exigida para cumprir a missão que lhe é atribuída, qualquer que seja a resistência oposta pelas forças inimigas. A eficiência de um porta-aviões é medida pela sua capacidade de operar com um máximo de aviões a bordo, com toda facilidade e independência. De acordo com esses fatores, as características dos aviões, com base nessas unidades móveis, devem ser tais que não prejudiquem o rendimento dos serviços quando em pleno vôo, e nem perturbem tão pouco as operações que se realizam na pista móvel. Este problema provém, como é óbvio, da extrema limitação de espaço que apresentam os porta-aviões, em contraste com a extensão de que podem dispor os aparelhos com base terrestre. Do que se deduz que o objetivo fundamental em qualquer projeto que diga respeito ao equipamento de um porta-aviões deve ser baseado em desenhos que permitam uma concentração prática e científica do número máximo de aviões num mínimo de espaço sobre a cobertura.

Esses aparelhos devem possuir asas desmontáveis, trem de aterrissagem que possa ser "recolhido", e outros expedientes semelhantes, para se obter o rendimento necessário. Uma pequena alteração, no desenho da cauda de um aparelho, poderá aumentar grandemente a capacidade de utilização da pista de um porta-aviões.

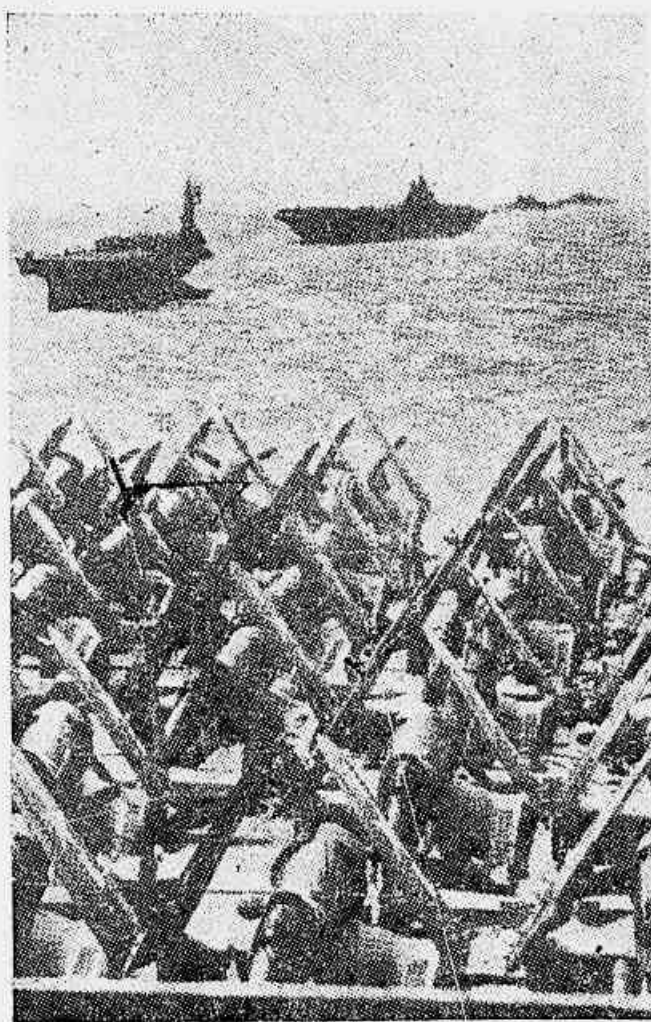
O estudo das características especiais dos aviões, que permite superar as limitações de espaço a bordo, adquire a máxima importância durante a aterrissagem e decolagem nas operações em alto-mar.

Primeiro, deve-se considerar o ponto principal dos detalhes aerodinâmicos do desenho e rendimento especial que permitam decolagens rápidas e curtas e bem assim a precisão de controle durante o vôo a baixa velocidade, necessária para a aterrissagem sobre a coberta em movimento, com a exatidão precisa para ser amparado pelo gancho respectivo, além de um campo visual suficientemente grande para que o piloto possa acompanhar e interpretar, até o último momento, os movimentos do sinalizador lá em baixo no "deck".

Os aviões desenhados para operar em porta-aviões têm particularidades que lhe são privativas. O programa de investigação da Aviação Naval norte-americana inclui a necessidade de reduzir os inconvenientes nas operações aéreas a bordo.

Assim como os pilotos, em bases terrestres, contam com melhores pistas, os aviadores navais encontram aviões mais rápidos, catapultas mais poderosas, coberturas e ganchos de detenção mais resistentes, auxiliados ainda, enormemente, pelo novo sistema introduzido para decolagem — turbinas a jacto, adaptadas aos aparelhos para facilitar-lhes a largada da pista flutuante. Com esse novo processo, muitos outros problemas dele oriundos tiveram que ser resolvidos. O aumento extraordinário do impulso, que proporciona a turbina a jacto, teve que ser cuidadosamente controlado para que se efetuasse dentro dos limites da pista do porta-aviões.

Durante o período que mediou as duas guerras mundiais, os técnicos navais clamavam, constantemente, por motores de maior potência, enquanto os projetistas ofereciam apenas contribuições modestas, e o desenho aeronáutico apresentava poucas transformações apreciáveis: "capot", para preservar e reduzir a resistência dos motores resfriados a ar; transformação dos biplanos antiquados em monoplanos metálicos; trem de aterrissagem retrátil; perfis de asas melhorados, e pouca coisa mais. O contraste com o período que precedeu o término da última guerra é enorme. Hoje em dia os projetistas se preocupam em conseguir material que resista a velocidades supersônicas. Depois de duas décadas de investigações sobre motores, contam os técnicos agora com quatro novos tipos de motor: fluxo pulsatório com válvulas, turbinas a jacto, turbo-hélice e conduto de combustão contínua; todos esses mecanismos estão atualmente sendo submetidos a testes especiais para determinar sua precisão e provar sua possível utilidade nos aparelhos do futuro.



A facilidade de manexo, nas pistas flutuantes dos porta-aviões, tem uma importância fundamental ao se traçar os planos para construção de aparelhos navais



Senhorita Ivette Marques Guimarães, elemento de nossa sociedade, cujo casamento com o Sr. Sebastião Saldanha Marinho teve lugar recentemente nesta Capital



Flagrante tomado quando o Sr. Luciano Machado, representando o Sr. Ministro da Educação, corcava a Senhorita Petronila Pimentel, poetisa baiana, eleita Rainha do Petróleo



Flagrante apanhado recentemente em Petrópolis, onde se realizou o enlace matrimonial da Senhorita Daisy Ferraz Ulman com o Sr. Donato Queiroz



UM DESAFIO E UM "BIS" ★ NOVA VERSÃO DE "MARIENLEBEN", DE HINDEMITH ★ UMA PERIGOSA AVENTURA MUSICAL

De Roberto Lyra Filho

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

NA opinião da crítica musical que, há vinte e cinco anos, ouviu, escandalizada, a versão original de "Marienleben", esse ciclo de canções do alemão Hindemith exige do intérprete mais do que um ser humano é capaz de dar, não somente em virtude da dificuldade técnica da música como do próprio esforço físico necessário, pois essa prova de resistência vocal é demorada: uns setenta minutos de exaustivo canto...

Contudo, Hindemith, que tem uma especial predileção pela obra, não se conformou com o reduzido número de audições dela, circunstância decorrente do temor que inspira aos mais intrépidos cantores... E' que para enfrentar "Marienleben" é indispensável uma garganta excepcional.

OS VERSOS DE RILKE E A MÚSICA NOBRE

Mas, pondo de lado a dificuldade puramente técnica, a verdade é que a música não satisfaz sequer ao próprio compositor e ele sempre considerou a versão original de "Marienleben" como uma primeira tentativa. Pretendia aperfeiçoá-la, tirando muito da agressiva audácia e dando-lhe uma forma mais serena e menos fatigante... Esperava, assim, que as canções ganhassem uma força expressiva mais repousada, mais comunicativa, traduzindo melhor os versos de Rilke, sem os ímpetos e arru-bos perturbadores das antigas irreverências do jovem compositor.

Fixando residência na América, ele dedicou grande parte de suas horas vagas à revisão dessa obra. Na Universidade de Yale, onde leciona, é que foi recomposta "Marienleben, a vida da Virgem Maria". Algumas canções foram modificadas completamente cinco, seis vezes. A principal preocupação de Hindemith era "humanizar e dar mais força" à parte vocal, chegando à correta transposição musical da poesia, de uma forte e sincera emoção, de Rilke. Queria atingir, com sua música, um "tom nobre". Foi, precisamente, essa palavra que surgiu, mais tarde, nos comentários que lhe premiaram o esforço persistente com um sucesso extraordinário. Disse a crítica, rendida: "Música de uma delicada nobreza de tom e sentimento".

UM DESAFIO E UM "BIS"

Apesar das correções, "Marienleben", conquanto "humanizada", continua a ser uma das obras mais difíceis, que tentam vocações para aventuras musicais perigosas, como a da cantora Jennie Tourel. Esta canadense, filha de russos, que viveu na França, ali estudou e obteve a consagração de seu talento, é uma das mais completas cantoras de câmara que já tivemos oportunidade de ouvir. Não somente possui voz aveludada, extensa, dúctil, como alia a essas qualidades naturais uma cultura rara e uma sensibilidade finíssima. E' poliglota e canta, em português, em russo, em alemão, em francês, em inglês, em uma dúzia de idiomas, como se cada um destes fosse a sua língua natal. Sentindo a beleza de "Marienleben", Jennie ficou ainda mais interessada porque esta série de canções constitui um verdadeiro desafio ao cantor...

Escolhida por Hindemith para oferecer a primeira audição da "Vida de Virgem Maria" renovada, Jennie Tourel honrou a inspiração do compositor com uma interpretação inesquecível.

Na hora do espetáculo, um pouco nervosa, disse a Hindemith:

— Não sei se tudo sairá bem.

Um minuto depois dessa confissão apreensiva embora, aproximava-se do piano com segurança e, diante de um público numeroso, atento e depois delirado, conseguia um dos maiores triunfos de sua carreira. Uma ovação prolongada acolheu o final da obra.

Ofegante, mas com um riso feliz, Jennie Tourel, entre duas corridas ao palco para receber aplausos, murmurou:

— Estou tão satisfeita que sou até capaz de conceder um "bis".

E um "bis" de "Marienleben" equivale ao risco de um suicídio musical... Mas Jennie Tourel enfrentaria, calmamente, o "bis" se fosse necessário...



Jennie Tourel

O JARDIM DAS...

Ambas começaram a classificar a lá, distribuindo-a para o serviço de tricotagem.

Muito gostei que houvesse acertado o caminho desta casa — recomendo a senhora. — Veio de ônibus?

Patrícia aproveitou o momento para explicar que havia vindo a pé, através de seu lugar favorito, o Jardim das Recordações. A essa altura não pôde evitar de descambar para a visão que viu em sonho. Falou de seu espôso, o aviador Ronnie, sua insônia, seu prazer em passar horas no Jardim a ouvir os pássaros, a olhar o lago, a tranquilidade das árvores. Permanecia ainda impressionada com a visão. Não estava dormindo, garantia. Vira e ouvira aquele jovem aviador, jurava sobre os Evangelhos.

Seguiu-se um momento de silêncio entre ambas. Então Lady Ferringley lhe perguntou com sua voz firme e calma:

— Quer descrever-me o tipo desse jovem aviador?

Patrícia começou a descrever-lhe a aparição segundo ainda guardava na retina os seus traços, repetindo o diálogo entre ambas, e concluiu:

— Os olhos dele eram assim como os da senhora, Lady Ferringley, assim como, na voz... coisa estranha... o timbre se parecia com o da senhora!

Lady Ferringley largou a cesta a lá que estava a separar e foi à janela, olhando o jardim como quem deseja espiares alguma atribulação do espírito. Voltou, e, colocando uma de suas mãos ao ombro de Patrícia, falou com voz pausada:

— Foi extraordinário o que você viu, minha querida. Acaba de descrever o Lionel com exatidão. Ele é meu filho, filho do meu primeiro matrimônio. Como gostava muito daquele terreno, eu mandei organizá-lo e ornamentá-lo como ele queria, com lírios da Bermuda, flores de sua predileção.

— Foi isso o que ele me disse: que gostava muito daquelas flores — confirmou Patrícia com voz tímida.

A inflexão de voz de Lady Ferringley, bem como seu modo veemente de falar, quando se entusiasmava, eram exatamente iguais ao da visão que falara a Patrícia.

— Escute, menina; não gosto de alimentar falsas esperanças; porém, se Lal, meu querido filho, lhe disse aquilo, isto é, que seu espôso estava salvo, e que você não devia ficar preocupada, tudo deve ser verdade, pois ele seria incapaz de enganá-la.

— Estou certa disso — replicou Patrícia. — Desde o momento em que ele me falou eu senti muita confiança no que me disse. Tirou-me um peso do espírito, uma grande angústia, uma opressão que não sei como explicar.

Causou admiração a Lady Ferringley o fato de Patrícia referir-se à aparição de seu filho naquele sonho, como se se tratasse de uma coisa vulgar ou corriqueira, e não de um verdadeiro fenômeno psíquico.

Antes de deixar aquele solar, Patrícia reconheceu que havia feito excelente amizade com Lady Ferringley através do seu encontro fenomenal com o rapaz falecido.

— Estas reuniões de trabalho para ajudar a vitória são muito úteis — disse-lhe a aristocrática senhora acompanhando-a até a porta e a cumprimentá-la com um sorriso. — Muito agradecerei a todos os que vierem ajudar-me. Quanto a você, Patrícia, precisa vir ver-me novamente, o mais cedo possível.

No dia seguinte Patrícia recebia com a maior calma deste mundo a notícia de que Ronnie estava salvo, mas caíra prisioneiro dos inimigos.

Cynthia e outras ficaram admiradas de ver a calma, a serenidade com que ela recebeu a notícia. E' que todas ignoravam o que se passara naquela tarde à beira do lago, entre Patrícia e a mensagem que lhe veio durante um sonho extraordinário e fenomenal. Desde aquele momento, na verdade, Patrícia enfrentou a situação com a maior confiança na sua felicidade futura, ao lado de seu espôso, que voltaria, como lhe garantira a visão, perfeitamente são e salvo, aos seus braços, ao seu lar, ao seu amor.

POR CAUSA DE UM RÁDIO

ro e professor. Não sou como você que se a carne humana começar a ser fritada na fogueira européia, a bomba lhe cai na cabeça e não sabe dizer de onde veio.

— Já vem você com esta mania de filósofo. Até logo.

E levou mesmo o radiozinho. Fiquei maluco de raiva. Parecia que uma cobra me havia invadido as entranhas e vinha envenenando tudo lá por dentro. Sentei-me à mesa e fui folheando nervosamente AS VIDAS DOS GRANDES FILÓSOFOS. Em pé, na minha frente, eu vi Voltaire, Schopenhauer, Nietzsche, Hume e tantos outros revoltados contra a humanidade e suas injustiças. Qualquer caso enorme de suas vidas eu enquadrava perfeitamente em nossa briguinha.

Sai do quarto como louco e fui atrás de Quicó. Encontrei-o sorridente e vitorioso, como sempre, tomando um cafezinho com a cara metade. Voltei para casa beliscado de ódio.

Logo depois ele chegou. E assobian-do veiu subindo o mundão de degraus da nossa estudiantópolis. Vinha mesmo como todos os que amam. Com uma flor otimista nos lábios e um espinho no coração. Na rosa dos lábios assobiantes dançavam pétalas de uma felicidade fingida, encobrindo a opressão e a inquietação que todos os namorados guardam dentro de si. A dúvida e o ciúme são companheiros inseparáveis de Cupido.

E eu, numa pose quixotesca, do topo da escada já o esperava de agressividade engatilhada para arrastá-lo de cima a baixo, atirando-lhe à face uma meia dúzia de Voltaires e outros apimentados.

— Então, amigo, você nem mais sabe respeitar os direitos alheios? Bota os amigos a parte apenas uma loira cabeça lhe envenena o cérebro? É bem o caso do macaco que nunca comeu banana. Primeira vez que o faz se lambuza todo. Será possível que você não vê o vazio que nesta casa deixou o afastamento do radiozinho? E o que é chocante é ficar o coitadinho solitário e mudo lá no quarto dela, enquanto ambos, você e a papilionácea, vão tomando ar na praia, os corações se desmanchando como as ondas sobre a areia. E eu, triste azarento, fico aqui a ouvir estrelas. Há, porém, grande diferença de mim para o poeta, pois, não sei ouvir e entender estrelas.

E fui metendo o bedelho na vida do primo e fazendo comparações da sua com a minha atuação exemplar em situações amorosas anteriores. E disse coisas bonitas e falei coisas feias também. E de vez em quando, "mulher é página que leio e atiro ao esquecimento", "a mulher traz a tragédia no ventre". E exemplificava imperativamente. Aí está, chegou a mulher, chegou a tragédia, lá se vai uma amizade ferida na sua solidez por uma minúscula gota de água, uma mulherzinha sem importância. — Mas estou mesmo para perdoar-lhe. "O amor é a redenção suprema da alma humana". E vencido como sempre cantei a minha grande vitória espiritual: Pode ficar com o rádio e a loira que tenho coisas mais sérias em que pensar.

Como se uma loira não fosse coisa séria e que merecesse um pensamentozinho, mesmo a traição.

Mas ele estrilou mesmo foi quando eu, ao retirar-me para o meu cubículo, respunguei algo que tirava as que ele há tempos trazia debaixo do braço e no fundo do coração. Cheguei mesmo a lançar no lodo a alma, talvez de creme, que ela escondia debaixo do corpinho lindo, lindo demais para merecer um ataque de minha parte. Mas não deixei de criticar aquele seu andar de roda de automóvel velho, zigzagando no trânsito congestionado.

A provocação era demais a esta altura. E a reação não se fez esperar. O primo me disse muita coisa, mas eu não vou contar a ninguém, senão a minha razão vai se embora. Só sei que ele meteu a mão no bolso, tirou o pagamento todo que havia saldo nestes dias, meteu tudo na minha mão, comprando-me o Kadetezinho. Em seguida arregaçou as mangas e foi dizendo: Prepare-se para apanhar na cara.

Aproveitei o ensaio para mais umas fi-

losofias. Aparentei uma calma que na realidade não existia, meti as mãos nos bolsos e, numa atitude novelesca, ofereci-lhe a cara para ser espancada.

Na verdade, porém, guardava no meu íntimo um bom sócio em troca do que ele me desse.

Mas Quicó não resistiu ao meu gesto. Baixou os olhos e me pediu que retirasse. E eu fui saindo com esta nos lábios: era só bater, dizer a ela, e teria o herói um altar. Seria o príncipe defendendo a honra da princesa encantada.

Daí para cá não conversamos mais. De vez em quando um vizinho que escutara a briga repetia uma das galantes frases que eu atirara ao primo amoroso. Houve até um que me disse: a maior foi aquela "página que leio e atiro ao esquecimento". Mas eu bem sei que isto é mentira do poeta maranhense, porque em cima da minha mesa há dois ou três retratos delas. Não consegui ainda esquecê-las.

E agora saindo à janela vejo do outro lado a loirinha desperta de uma noite gostosa, fazendo ginástica, dansando aos sons do meu radiozinho vendido vai soltando. E ouço até a letra de um sambinha delicioso que vai harmonizando este amanhecer ensolarado. Termina assim: "Quem fala dela não pode ser meu amigo".

Pensando, meditabundo, concluo que não brigamos por causa de rádio. Há causas profundas e há causas superficiais e recentes, as quais se aninham nos nossos corações e que eu não posso revelar senão, como já calculei, termino sem razão. Aquêles livros doidos foram em parte culpados. Por isso mesmo vou engavetá-los todos e reconduzir à estante os meus filósofos cristãos, pacíficos e racionais.

Mas a loirinha lá está. Sorridente, provocadora, os cachos tremeluzindo aos raios do Sol, emprestando à natureza coloridos encantadores. Não, Vargas Vila não vai para a gaveta, porque a mulher traz mesmo a tragédia no ventre.

A VIDA DE COPÉRNICO

(Continuação da pág. 14)

que, "contra a evidência e a lógica", sustentava que a terra se movia e o sol era imóvel.

Os amigos de Copérnico se indignaram com essa perseguição maldosa e estúpida. Mas Copérnico se limitava a sorrir. "Deixá-los", dizia. "O movimento dos corpos celestes não há de modificar-se nem pela zombaria nem pelo respeito desses tolos".

E assim continuou a estudar a majestade dos céus, convencendo-se cada vez mais da insignificância do homem. E da escassa importância da terra. Começava a perceber que esta nossa terra não passa de uma partícula de pó a revolutear eternamente em redor da chama do sol. Noite após noite observava as estrelas do alto da sua montanha, e pouco a pouco elaborou aquela sublime teoria dos céus que até o presente traz o seu nome.

E' PROIBIDO APANHAR OURO NA RUA

Pouco importa, porém, que os sãojoanenses nenhum alarde façam disso. São João del Rei é uma cidade onde se nada e se pisa em ouro.

ASSIM E' SÃO JOÃO DEL REI

Chico Brungundum era um tipo popular das ruas de S. João del Rei. Pobre, mas possuía suas manias. Para ele tudo era "ladroeira" e na vida não valia a pena trabalhar. Por isso esmolava, ao seu modo, invectivando todo mundo: "Deixa de ladroeira, passa para cá uma esmola". Assim era a vida de Brungundum. Mas um dia teve ele necessidade de cavar a cozinha de seu casebre. A picareta caiu e Brungundum percebeu que o chão amarelecera de repente aos seus pés. Ouro! Sim, era ouro! Um veio de ouro. Chico Brungundum arrancou ouro, saiu para a rua e encheu-se de dinheiro, comprou uma carroça, encheu-a de feijão, arroz, gêneros de primeira necessidade, tomou alguns pileques. A vida continuou, o veio sumiu, mas Chico viveu alguns dias na fartura.

E é esta, em resumo, a sua teoria — a qual explica tão bem os movimentos relativos e os eclipses dos corpos celestes, que hoje é aceita como um fato:

O sol é o centro do nosso universo, e a terra gira em torno dele com um duplo movimento — como um pião que roda em torno do seu próprio eixo, seguindo ao mesmo tempo um caminho circular (ou antes oval). Esse duplo movimento explica a sucessão dos dias e das noites, assim como a alternância das estações. Mas a terra não é o único planeta que revolve em torno do sol. Outros planetas — Netuno, Urano, Saturno, Júpiter, Marte, Vênus, Mercúrio — são igualmente impelidos "ao longo das estradas do céu" em redor dessa estrela central do universo. E esses movimentos são o resultado, não de "caprichosos impulsos da alma viva dos planetas", mas das infalíveis e inalteráveis leis da natureza. Cada um dos planetas gira em torno do sol dentro da sua órbita individual, não se afastando nunca do seu caminho e não se desviando jamais, ainda que por uma fração de segundo, do horário imutável dos céus. Cada planeta se encontra a cada momento no lugar indicado, cada estação chega a seu tempo prescrito, cada movimento de cada corpo celeste cumpre o seu destino, prefixado.

Tal é o mecanismo infalível e eterno dos céus, no sistema astronômico de Copérnico. Obtida a chave desse mecanismo — o movimento da terra à volta do sol e da lua ao redor da terra — poderemos, não só explicar, mas prever as posições relativas de todas as estrelas e planetas em qualquer momento dado, as estações em qualquer parte da terra e os eclipses em qualquer segmento do céu.

Foram-lhe precisos mais de trinta anos para elaborar a teoria dos céus. E Copérnico estabeleceu essa complicada teoria, não apenas experimentalmente, por meio dos seus sentidos desajudados — ainda não se inventara o telescópio — mas também matematicamente, com a precisão de cálculos da sua inteligência. Conferiu pacientemente suas limitadas observações com as fórmulas matemáticas — observando os eclipses da lua em 1509 e 1511, as posições de Marte em 1512 e 1518, a localização de Júpiter e Saturno em 1520, e a conjunção de Vênus com a lua em 1525 — e em cada caso verificou que os fenômenos reais concordavam com seus cálculos científicos. E por fim em 1543 estava pronto para declarar ao mundo que a terra não é uma prisão estacionária de onde contemplamos a jornada das estrelas, mas um carro em vertiginosa carreira, sobre o qual é dado aos nossos corpos aventurar-se através dos amplos espaços do céu.

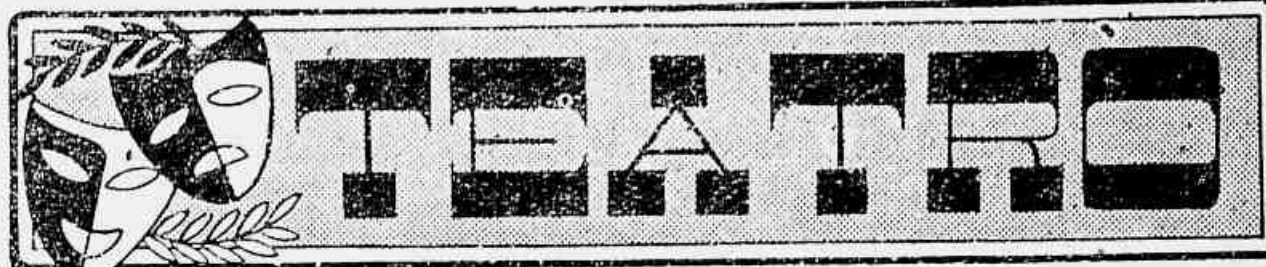
E assim o sistema de Copérnico, longe de amesquinhar, em última análise engrandece a dignidade do homem. Pois, "libertando" o seu corpo, liberta-lhe também o espírito. Dá-lhe asas à imaginação e desperta-lhe o apetite espiritual. No mundo da filosofia, e principalmente no reino da ciência, a obra de Copérnico assinala o início da Era Moderna.

(Do livro "Vidas de grandes cientistas.")

(Continuação da pág. 58)

Um velho ferroviário da Oeste de Minas, de súbito, resolveu tentar a fortuna. Pediu seis meses de licença no emprego miserável e foi-se à procura de ouro. Não procurou muito, um dia meteu a picareta num pedaço de monte e eis o que lhe surge pela frente; não um veio, um simples veio, mas uma "panela". Mais de vinte mil cruzeiros, foi quanto ele tirou de ouro no primeiro dia. No segundo, essa quantia subiu a sessenta. Dentro de algum tempo, o ferroviário era capitalista, mais do que isso: milionário. Aí é que aconteceu uma desgraça. O ouro subiu-lhe à cabeça. O homem deu de comprar tudo quanto era casa velha para desmanchar e fazer de novo. Ou, então, tomava-se, de repente, de forte dose de lirismo e abalava para o Rio. Dentro de pouco tempo, a fortuna se foi e o ferroviário voltou para o emprego, quando já havia esgotado todos os recursos em busca de nova "panela", que jamais apareceu.

Assim é a febre do ouro e assim também acontece em S. João del Rei.



JOSÉ FOMM

O TEATRO DO ESTUDANTE HOMENAGEOU

O Teatro do Estudante do Brasil ofereceu um jantar em homenagem ao regresso de Lucília Simões, e ao sucesso de Eva Tudor e seu empresário Luis Iglézias em Portugal. O jantar, composto de 300 talheres, contou com a presença de artistas, críticos e dos alunos do "Seminário de Arte". Pascoal Carlos Magno falou, com sua maneira cativante, enaltecendo a vitória do conjunto brasileiro na pátria irmã. Nelma Costa, pela Casa dos Artistas; Pedro Calmon, reitor da Universidade do Brasil, Brício de Abreu, pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais; Herbert Moses, pela A.B.I.; Ana Amélia Carneiro de Mendonça, Paulo de Magalhães e outros usaram da palavra, expressando júbilo por fatos tão importantes para o nosso teatro. Luis Iglézias agradeceu em nome dos homenageados.

Compareceram a esse jantar tão cordial e expressivo Bibi Ferreira, Dercy Gonçalves, Silveira Sampaio, João Villaret, Ribeirinho, Maria Sampaio, Celeste Aida, Aracy Côrtes, Heloisa Helena, Luiz Barreto Leite, Ruth de Souza, entre outras personalidades.

O insigne João Villaret, sendo calorosamente aplaudido, foi obrigado a dizer algumas palavras, e prometeu regressar ao Brasil em maio próximo, a fim de representar "Otelo", de Shakespeare, entre os jovens do Teatro do Estudante.

O sr. Thiers Martins Moreira, do Serviço Nacional do Teatro, com um felicíssimo discurso finalizou o jantar.

Transcrevemos as últimas palavras da oração de Pascoal Carlos Magno:

"Neste ano de 1949, a primavera antecipou o momento de sua aparição. Marcou o momento de sua chegada, o mesmo momento em que, simples e boa, amável e generosa, indiferente à sua glória estelar, Lucília Simões pisou o chão do Brasil. Em nome do Teatro do Estudante do Brasil, quero agradecer a Lucília Simões haver trazido, num milagre, seis meses antes, a primavera."

Brilhantíssima foi a noite de 21 de fevereiro para o Teatro Nacional.



Eva Tudor

DO ESTRANGEIRO

No New Century Theatre, de Nova York, está "Kiss me Kate", um soberbo "show" musical que já há tempos vem atraindo grande público. A música é de Cole Porter e o enredo baseado no "Taming of the Shrew", de Shakespeare. O elenco é composto por Patricia Morison, Alfred Drake, Jack Diamond, Harry Clark e muitos outros.

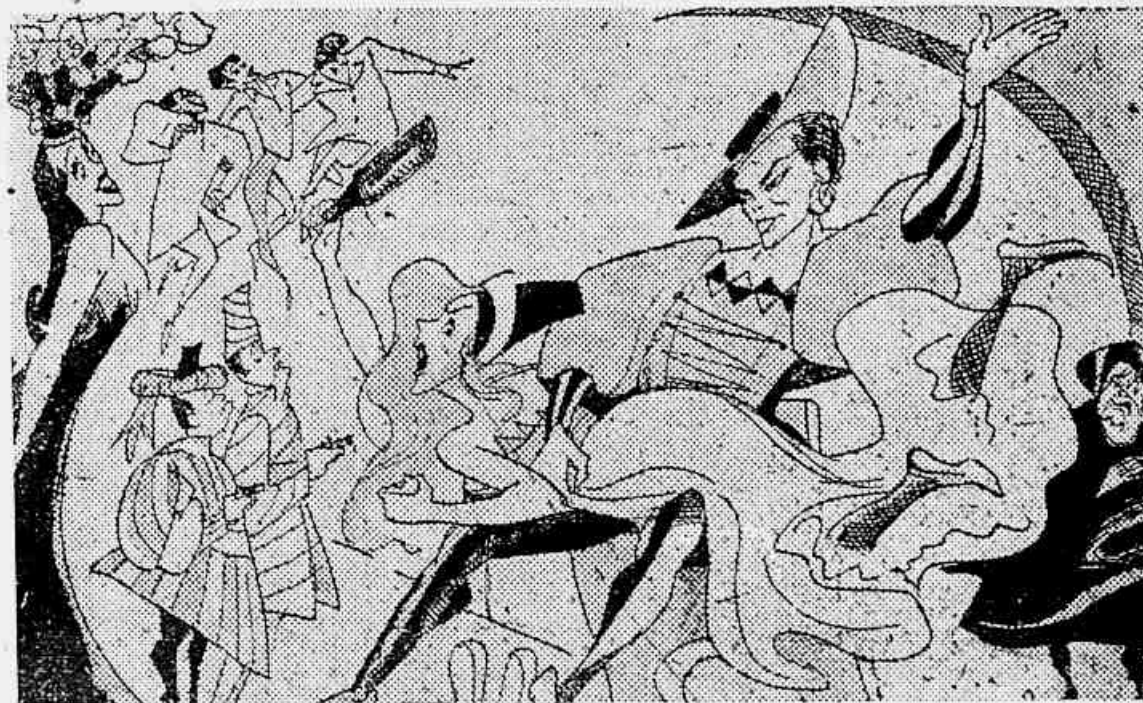
A propósito desse "show", Patricia Morison, em recente entrevista, relata como apareceu para estrear esse espetáculo.

"Estava em Hollywood, no último verão, quando meu agente comunicou-me ter marcado um encontro com Cole Porter, a fim de que este me conhecesse; mas advertiu-me que não tinha muita chance para trabalhar no próximo espetáculo ("Kiss me Kate"), pois Cole necessitava de uma cantora de óperas. Em todo caso, serviria, quem sabe, para mais tarde. Cheguei a casa do famoso compositor e cantei algumas músicas; notei sua satisfação. No fim, deu-me canções de "Kiss me Kate", dizendo-me que as estudasse. Fiquei contentíssima e quando voltei Cole Porter gostou da maneira como as interpretei. Aguardei um novo chamado, mas o compositor havia ido à Broadway, e como

existiam muitas candidatas ao principal papel, pensei ter perdido a oportunidade. Comecei, então, a trabalhar numa série de programas televisivos, quando soube que estavam à minha procura na Califórnia para ensaiar "Kiss me Kate". Parece um milagre, mas sou eu, finalmente, a Kate do grandioso "show" de Cole Porter — termina Patricia Morison.

Outro espetáculo que está obtendo sucesso é "All for Love", no Mark Hellinger Theatre, em Nova York, uma revista de Allan Roberts e Lester Lee. A principal atração é, sem dúvida, Paul e Grace Hartmann, que atuam juntamente com Patricia Wynter, Bert Wheeler e Dick Smart.

No Theatre de Paris estreou a segunda peça de Curzio Malaparte, intitulada "Kapital". O assunto dessa peça é o sofrimento de uma mãe pela morte de seu filho. Aparece em cena Karl Marx, que conversa com sua consciência sobre a morte dos inocentes, a escravidão humana, a miséria, etc. O defeito da obra de Malaparte, segundo a crítica parisiense, é a falta de concatenação das idéias, pois junto a esse drama, há "sketches" cômicos.



Patricia Morison e Alfred Drake, no musical "Kiss me Kate", enredo baseado em "Taming of the Shrew", de Shakespeare e música de Cole Porter

O DESTINO TEMPESTUOSO DA...

vai cantar em Hamburgo e em Colonia, extasiando o público pela excelente e linda voz de soprano, e prodigiosa facilidade de vocalização.

Depois de ter cantado em Copenhague, Viena e em sua terra natal, vai a Londres em 1847 aos vinte e sete anos de idade. Em 1850 fez, em companhia de Barnum triunfal tournée pela America com o pianista Benedict. Casou-se em Boston com o compositor Otto Geldschmidt. Cantou pela última vez em público em 1870, num festival renano de Dusseldorf, interpretando a peça de seu marido, denominada Ruth. De 1883 a 1886 dirigiu uma cadeira de canto no Royal College of Music.

O renome que alcançou em Londres foi merecido e geral, sendo homenageada com a inauguração de seu retrato aposto no vestibulo da Ópera de Londres, presente de Jas. H. Burn-Murdoch, em 1947.

Outra passagem que foi imortalizada num documento curioso e também exposto no vestibulo da Ópera de Londres, foi a do 60.º aniversário da subida ao trono inglês pela então Família Real, a 23 de junho de 1897.

Imprimiram artisticamente, sobre seda franjada, o conteúdo do programa levado à cena naquela noite em

homenagem às Sua Majestade, tudo encimado com os retratos da Família Real então Imperante.

A Inglaterra é o país do respeito às tradições, contudo, nos costumes da Ópera de Londres alguma coisa se tem mudado de acordo com o andar dos tempos e as necessidades da vida. Assim, os funcionários encarregados de levantar a cortina no começo dos espetáculos, antes das atuais aparelhagens mecânicas, vestiam indumento tradicionalmente chamado "green-back", ou costas verdes. Hoje esses auxiliares se vestem com farda preta e galões e alamares cor de prata.

Outra novidade que se observou na disposição interna da Ópera de Londres foi a inovação autorizada pelo Rei Eduardo VII, ex-Príncipe de Gales. Havia ali, como ainda há, o salão de fumar dos Reis, anexo ao camarote real. Eduardo VII mandou então montar ao centro do salão um bar para coquetéis, idéia sua e executada sob sua orientação.

Esse rei, que nasceu em 1841 era o filho mais velho da Rainha Victoria e do Príncipe Albert, portanto o herdeiro presuntivo do trono da Inglaterra. Grande amigo de viagens, visitou quase todos os Estados da Europa, indo frequentemente a Paris, América do Norte, Canadá, Egito, Turquia, Índia, etc, enriquecia o espírito com suas observações acerca de hábitos e estados de civilização de todos esses povos.

Como sucedia com os antigos reis, ele também se filiou à maçonaria, da qual foi Grão-Mestre em 1874, o mesmo sucedendo na Ordem dos Templários, um ano antes.

Vivendo numa época de grandes agitações sociais e políticas, sofreu dois atentados à sua vida, escapando de ser assassinado, a primeira vez em Nova York, em 1860 e, da outra vez em Bruxelas, em 1900. Também, certa vez em que caçava nas florestas de Compiègne, foi ferido, acidentalmente.

Em 1883, foi nomeado feld-marechal do exército alemão, casando-se em 1863 com a Princesa Alexandra da Dinamarca, da qual teve cinco filhos: o Príncipe Albert-Victor, morto em 1892, o Príncipe George e mais três filhas. Com a morte de sua mãe em 1901, subiu ao trono, como Rei da Grã-Bretanha e Irlanda e Imperador das Índias, sob o nome de Eduardo VII; antes disso era Albert-Eduardo, Príncipe de Gales.

Com certeza, foi devido às observações que fizera em suas viagens pelos diversos países da Europa e da América, que ele imaginara alterar a feltura do salão de fumar dos reis da Inglaterra na Ópera de Londres, acrescentando aquele bar que imaginou ao centro, para deleite dos que nos intervalos dos espetáculos, iam refugiar-se ali para palear, fumar e beber deliciosos coquetéis reais, não deixando isso de excitar os prazeres mundanos dos comentários elegantes e políticos na época.

DEPOIMENTO DUMA FAMÍLIA...

Os Werner admitem que a vida na capital alemã, mesmo sob a ameaça constante de Hitler e seus elementos, era bem melhor do que essa que estão vivendo nesses dias — mas insistem em dizer que não desejam, em absoluto, a volta dos nazistas. Como em geral todo o resto dos germânicos de hoje, o que eles esperam é a unidade da Alemanha para o trabalho pacífico.

"A continuação desses dias incertos que estamos vivendo é talvez muito melhor do que a dominação russa — esclarece. — Talvez a única solução possível para o problema de Berlim fosse o abandono da cidade pelas quatro potências que a ocupam presentemente, mas isto feito ao mesmo tempo. Todavia, poderia significar, também a guerra civil dentro da capital, pois os russos fizeram os comunistas da outra zona tão fortes e poderosos que nós seríamos absorvidos em pouco tempo."

"Não. Os aliados do Oeste não devem e nem podem abandonar Berlim. Talvez, quando Juergen crescer e vir a se tornar "um grande piloto para poder voar para a América" — como ele o diz agora — ele nos fará o favor de nos levar no mesmo avião para fora disto aqui" — finaliza herr Werner.

GUERRA FRIA NOS ÔNIBUS

bem como uma garrafa vazia de leite em pagamento! Até parece a história de quem tem garrafas vazias para vender...

O motorista que deu essas informações ao reporter americano revelou, entretanto, que, apesar de todas estas coisas acontecerem na atribulada vida de um "chauffeur" de ônibus, ele e seus colegas comentavam-nas com ânimo muito mais de piedade e lamentação do que de ódio contra os passageiros.

O sr. Patrick Fleming, veterano entre os 3.800 "chauffeurs" de uma empresa de ônibus de Nova York, e que começou a trabalhar na profissão aos 22 anos de idade, confessou, certa vez, que era o tráfego de Nova York o culpado de todas as contrariedades de sua classe e não os passageiros, de quem jamais tivera a menor queixa. Revolta-se com o sistema de tráfego de sua companhia e com o próprio tráfego da cidade. Levanta-se muito cedo e assume a direção de um ônibus às 7,30, trabalhando exaustivamente em linhas de longos percursos e com passagens de trans-

ferência durante dez horas. Todas as ocorrências são anotadas em seu livro de bolso, o que é feito, cada fim de dia, não sem alguma dor de cabeça... E tudo isso para receber quanto? Cerca de oito mil cruzeiros por mês, uma insignificância em face do elevado custo da vida atual e do exaustivo trabalho que lhe mina a existência cada hora que passa. E ainda há colegas ganhando muito menos, com trabalhos tão pesados como o seu na imensa Babilônia americana.

A RESIDÊNCIA DO PRESIDENTE...

mesma Casa foi recentemente visitada por representantes de outras repúblicas americanas, tais como: o ex-presidente Ospina Perez, da Colômbia; presidente Miguel Alemán, do México, e o ex-presidente Romulo Gallegos, da Venezuela.

A casa pertenceu a três gerações sucessivas de uma família proeminente na história dos Estados Unidos, e foi vendida ao governo em 1942, para o acolhimento de hóspedes ilustres. Desde então onze presidentes das vinte nações americanas lá estiveram hospedados. A Casa Blair-Lee foi construída pouco depois da guerra de Secessão para Elizabeth Blair Lee, filha única de Francis Blair, dono de Blair House e redator do "Globe", jornal da capital. Cuidou-se sempre de manter, com grande cuidado e paciência, a atmosfera original da Casa. A maior parte do mobiliário, espelhos, candelabros, camas, pinturas, tapeçarias, prataria e porcelanas, pertenceram à família Blair.

Como a própria Casa Branca, a Blair House é a reminiscência de uma era na história dos Estados Unidos. Quando a casa foi construída, as ruas da mais nova capital do mundo eram, ao sabor do tempo, poeirentas ou lamacentas. Os amplos campos e baixas colinas, agora cobertos de milhares de construções, eram então despojavados e cruzados por estradas mal abertas.

O aspecto exterior da Casa é simples, retangular; é pequena, atualmente, dotada de apenas quatro pequenos quartos em cada andar e cercada por um pequeno jardim.

O interior apresenta belíssimos motivos de decoração, tais como as lareiras de puro mármore negro; as mesas e cadeiras feitas da melhor madeira da época — de acordo com a tradição dos marceneiros; os candelabros de cristal adornam o salão de jantar e as ante-salas no primeiro andar; os trabalhos de madeira, que para lá foram levados pela família Blair, adquiridos de uma velha casa colonial no norte do Estado de Maine; e as peças de ferro batido, do mais puro estilo da época colonial.

A baixela de prata de que se servirá o presidente Dutra é uma das preciosidades da casa, em que se combinam a graça e a simplicidade. Nada há nelas que sugira pompa ou vaidade.

Blair House por si só reflete o encanto artístico de seu país, o espírito de um povo cheio de dignidade e beleza moral, o amor à família e à religião.



Calçados ZELIA

1714 Cr\$ 125,00

1682 Cr\$ 180,00

1716 Cr\$ 180,00

1715 Cr\$ 125,00

1711 Cr\$ 100,00

1713 Cr\$ 100,00

Salto 1,5 Anabela

Temos em camurça e pelica e também em diversas cores

Aceitamos encomendas pelo Reembolso Postal

Av. Gomes Freire, 29-sob. Telefone 22-2753 — RIO

NOME
ENDEREÇO
CIDADE EST

POR QUE PRECISAM AS MULHERES DE DOIS REGULADORES?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia nervosismo, fadiga, etc.

O Regulador Xavier N.º 2, para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.



**GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS**

**DÓRES
de CABEÇA**

TRANSPIROL

DRAGO

Nº 43

Por Hogart



ALGUM DIA TORNAREMOS A ENCONTRAR-NOS... E ESSE DIA TERÁ UM FIM DIFERENTE... NÃO SOMENTE PELO ASSASSINATO DE MEU PAI... MAS PORQUE HOMENS COMO VOCE NÃO MERECEM VIVER!





DRAGO

ZODÍACO FUGIU... E SEU DIABOLICO PLANO DE DOMINAR O MUNDO FOI POR AGUA ABAIXO! DRAGO PODE NOVA-MENTE DEDICAR-SE AO SEU VELHO AMIGO, TABASCO

TUDO TERMINADO, TABASCO. O PLANO DAQUELE LOUCO FOI DESTROÇADO. OS NOSSOS AMIGOS - DARBY E O PAI - PARTIRAM. ATE MESMO OS GAUCHOS JA VOLTARAM PARA CASA.

SIM... E NOS ESTAMOS COMO DANTES... SOZINHOS! QUE FAREMOS, DRAGO?

HA' A NOSSA CASA, TABASCO. IREMOS PARA DEL OMBU.

E SEMPRE ASSIM... QUANDO UM HOMEN ESTA PERDIDO, PENSA LOGO EM CASA.

SERA' UM PRAZER VOLTAR PARA A TRANQUILA CASA ONDE PASSEI A MINHA INFANCIA.

MAS VOCE NAO E' MAIS NENHUMA CRIANÇA! AGORA E' O SENHOR DEL OMBU!

SIM, PAPAI MORREU... E AGORA SOU DONO DE TUDO! MAS CONTO COM A AJUDA DOS AMIGOS, TABASCO

NÃO CONTE COM OS AMIGOS, DRAGO... PORQUE ELES NÃO EXISTEM!

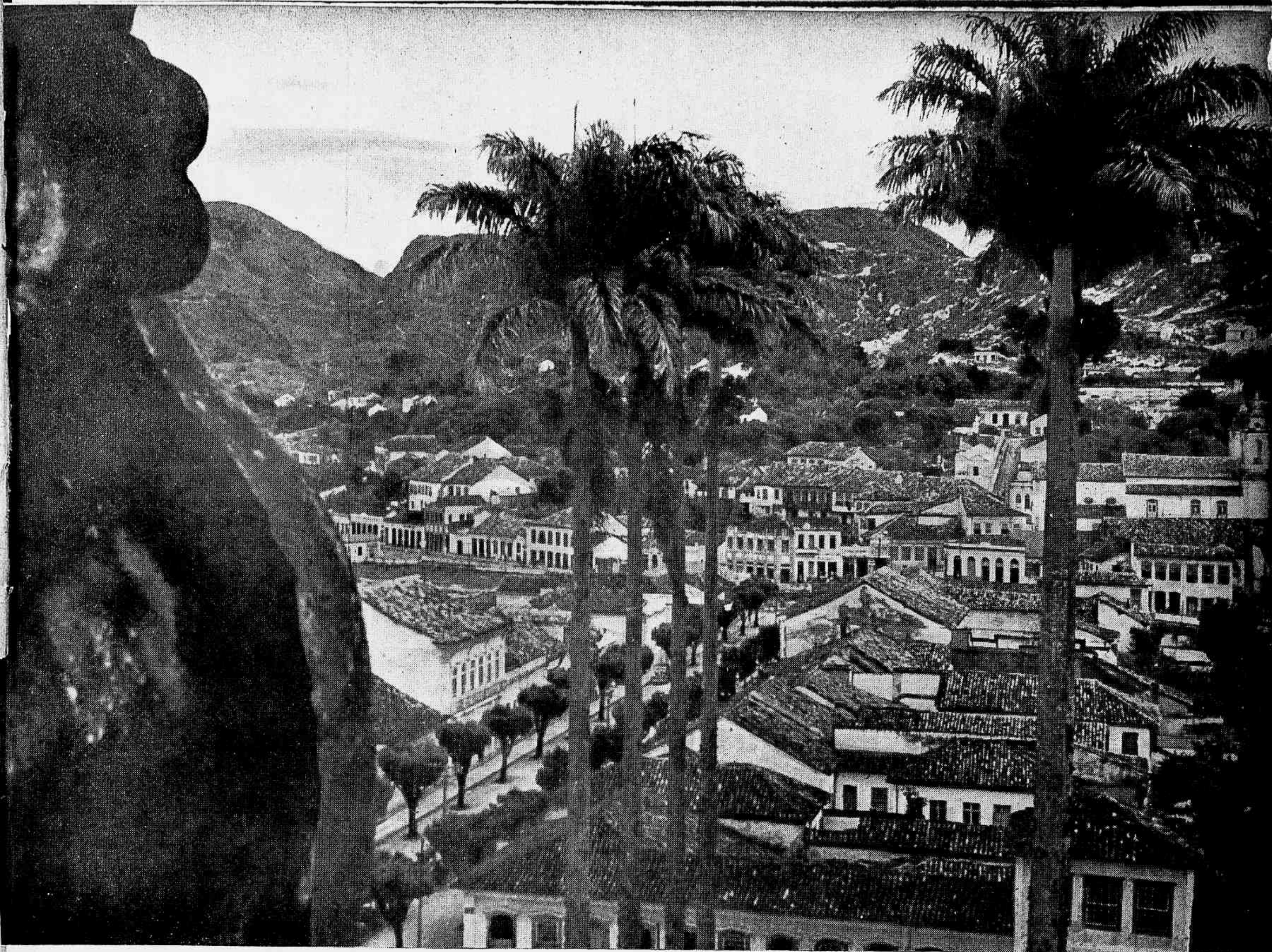
PORQUE DIZ ISSO, TABASCO? NÃO COMPREENDO.

VOCE NAO CONHECE DEL OMBU, AMIGO. AINDA TEM TANTO QUE APRENDER...

MAS QUE E' ISSO? FUMAÇA, AS CONSTRUÇÕES EXTERNAS PEGARAM FOGO!

ERA A ISTO QUE ME REFERIA... A MALDIÇÃO DA CASA DEL OMBU NAO LHE DARA' DESCANSO! O POVO ODIAVA SEU PAI, ODEIA DEL OMBU E ODEIARA' VOCE!!

OLHE, TABASCO. LA ESTA' DEL OMBU... LINDA COMO SEMPRE!



Uma vista parcial de S. João del Rei, a cidade em que se pisa em ouro, e que, pelas relíquias históricas que possui, e balneários como o de Aguas Santas, poderia tornar-se centro de turismo do Estado

É PROIBIDO APANHAR OURO NA RUA



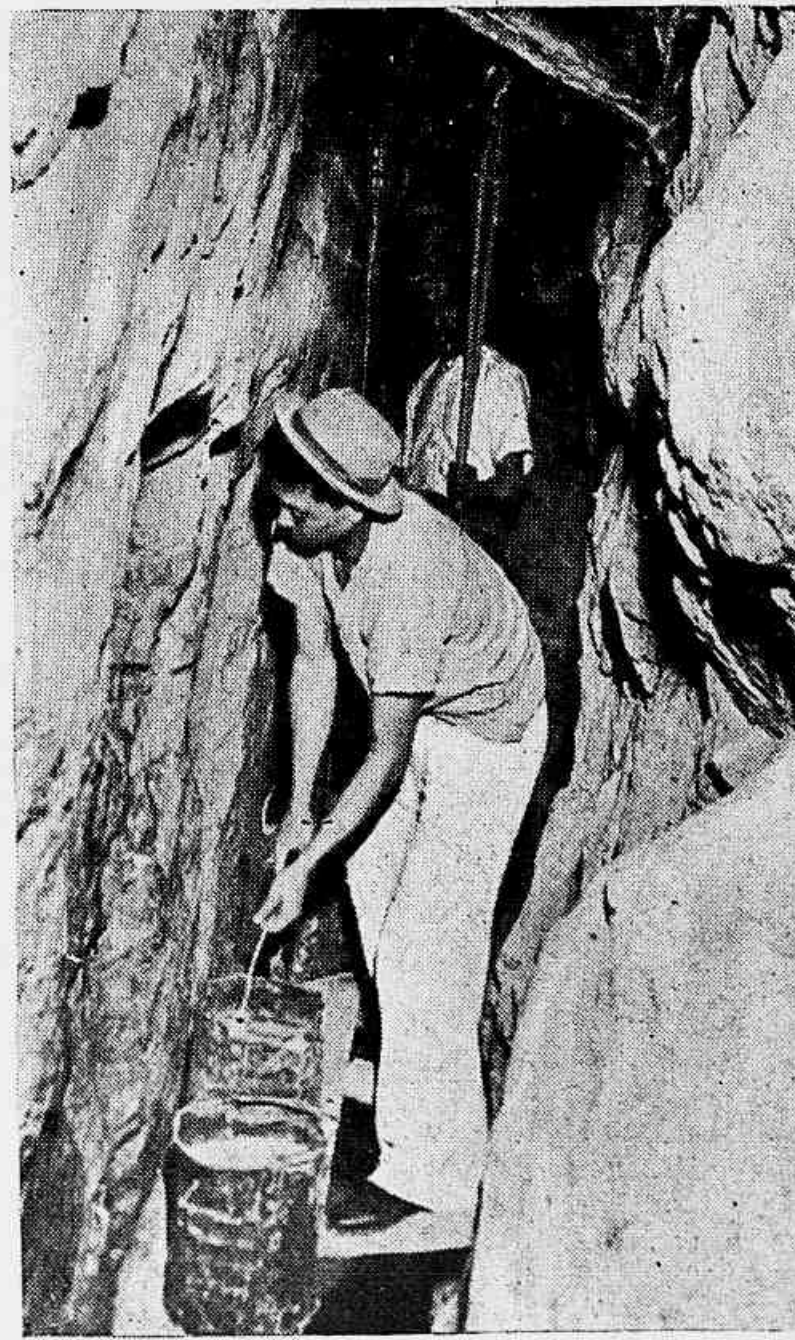
Quando a betta se alarga, um homem fica no seu interior. Outros fazem descer uma lata puxado por um sarilho e dentro dela é colocado o cascalho. "Betta" é termo local, de etimologia desconhecida

Uma cidade única no mundo ★ Onde «nadar em ouro» não é apenas uma frase ★ Pontes centenárias, palácio encantado e outras coisas famosas ★ Uma rica biblioteca pública ★ Templos que se tornaram monumentos de arte ★ Caminhando sobre ouro o dia inteiro ★ Heróis e heroínas que o tempo guardou ★ A história e as lutas na cidade do ouro ★ No interior mineiro, a existência de uma urbe maravilhosa

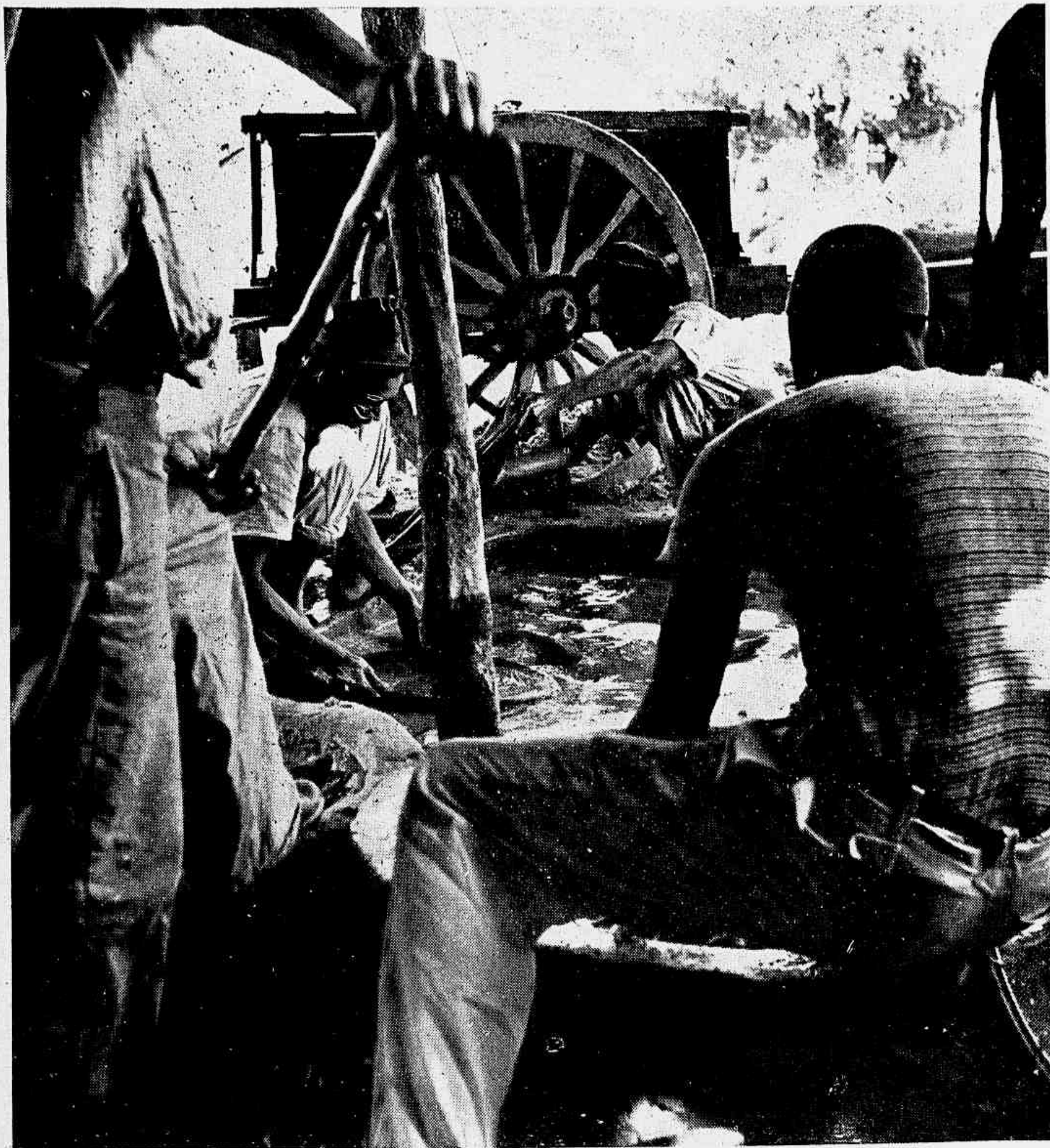
Reportagem de
Milton Pedrosa

Fotos de
Olimpio de Araújo Braga

POIS existe, leitor, um lugar neste mundo onde "nadar em ouro" não é uma simples expressão literária, mas uma realidade, tão viva que é de todas as horas, de todos os minutos. Qualquer visitante poderá facilmente comprovar este fato. Trata-se de uma cidade, mas não é uma cidade de sonhos, nem fica em nenhum estranho mundo. Um trenzinho ronceiro diariamente desembarca lá centenas de pessoas, que a visitam, às vezes, nadam, realmente, em ouro e regressam sem nada sabermos do tesouro em que estiveram metidos. Mais do que isso: desde o primeiro instante em que põem os pés na pequena cidade começam a pisar em ouro, pois que também há ouro nas ruas, essa é a verdade, embora seja uma coisa tão comum que os habitantes nem se incomodam e nem mesmo disso fazem alarde. Mas o ouro existe nas ruas, por mais incrível que pareça. E' provável que a história lembre ao leitor o trecho de uma velha canção popular: "Se esta rua fosse minha, eu mandava ladrilhar, com pedrinhas de diamante, para meu bem passar". Não sei



Retirando areia aurífera no fundo de escavações pelo processo primitivo que vem dos comços do século XVIII, quando os paulistas começaram a invadir e explorar o vale do Rio Grande.



AO ALTO: Lavagem do cascalho nos arredores de S. João del Rei.
EM BAIXO: As vezes a água é canalizada para o "rancho" e aí se faz a batela.



que mandou calçar aquela cidade e se o fez para agradar a algum bem, não com diamante, mas com ouro, porém o fato é que a cidade lá está. Trata-se de São João del Rei, no interior de Minas Gerais, onde, apesar dos sonhos que o ouro sugere, se vai no velho e cansado trem da Rêde Mineira de Viação, tão velho e cansado que, às vezes, a gente desce dele e caminha a pé e anda muito mais depressa.

É PROIBIDO APANHAR O OURO DO MEIO DA RUA

"Nadar em ouro" em São João del Rei não é força de expressão. Nas águas do rio que a corta ao meio há ouro que desce da montanha para o vale e que elas carregam em grandes e pequenas partículas, às vezes tão pequenas que nem se percebe, mas que existem e de tal modo que os habitantes da cidade o sabem e vão procurá-lo ali, como nas ruas da cidade, sob o calçamento, o que já obrigou o prefeito local a baixar portaria proibindo a mineração no centro da cidade, pois se para outro qualquer o espetáculo é, à primeira vista, lírico e pitoresco, para um prefeito não o é. As ruas ficam esburacadas, a fisionomia da cidade acaba ficando feia, do mesmo modo que acontece à fisionomia das pessoas obsedadas pelo ouro. Mas não há proibição para a mineração na orla da cidade e, por isso, basta olhar-se para os seus limites para descortinarmos homens escavando, homens bateando, homens lavando ouro, quase sempre por processos primitivos. São homens de todas as idades, mulheres e também crianças. Centenas de bétas escavadas ao pé das montanhas mostram o trabalho do homem procurando a riqueza através de anos e anos. É difícil dizer quanto de ouro dali já retiraram, mas pode-se ter uma vaga idéia, sabendo-se que ainda hoje um garoto daqueles arranja cerca de uma grama de ouro por dia. Referindo-se às que circundam a cidade, o cronista fala em montanhas de ouro. No cascalho dos enormes tabuleiros, nas grupiarias das encostas, nas rochas fendidas ou nas galerias subterrâneas ali abertas, estão as cicatrizes dessa busca jamais interrompida. Outras cicatrizes ficaram, e dessas fala a história de S. João del Rei, das lutas pelo domínio das minas e dos lavradores. Mas, apesar dessa riqueza, não foi a cata ao ouro que deu origem ao povoado de S. João del Rei. Esta só começou em 1703, quando o português Manuel João de Barcelos descobriu, pela primeira vez, manchas de ouro nas redondezas. Acontecia, porém, que ali era caminho para os sertões de Caeté e para as famosas minas do Carmo, Ouro Preto e Sabará. Essa a razão do nascimento da cidade.

PONTES FAMOSAS E OUTRAS COISAS FAMOSAS

Mas a tricentenária cidade é também famosa pelas pontes centenárias, visto que mais de um curso d'água a atravessam. Aliás, desde os seus primórdios a travessia do rio das Mortes já constituía um problema para os seus administradores. Ponte dos "Suspiros", da "Estação", da "Biquinha", do "Teatro", da "Água Limpa", para não falar nas mais famosas do "Rosário" e da "Cadeia", verdadeiros monumentos da cidade, com seus duzentos anos de vida. É uma sólida construção a desafiar a moderna arquitetura, no meio do calçamento de alvenaria polidrica de minério de ferro, sob o qual, não fosse a proibição, os mineradores iriam buscar o ouro que em épocas remotas a natureza ali depositou.

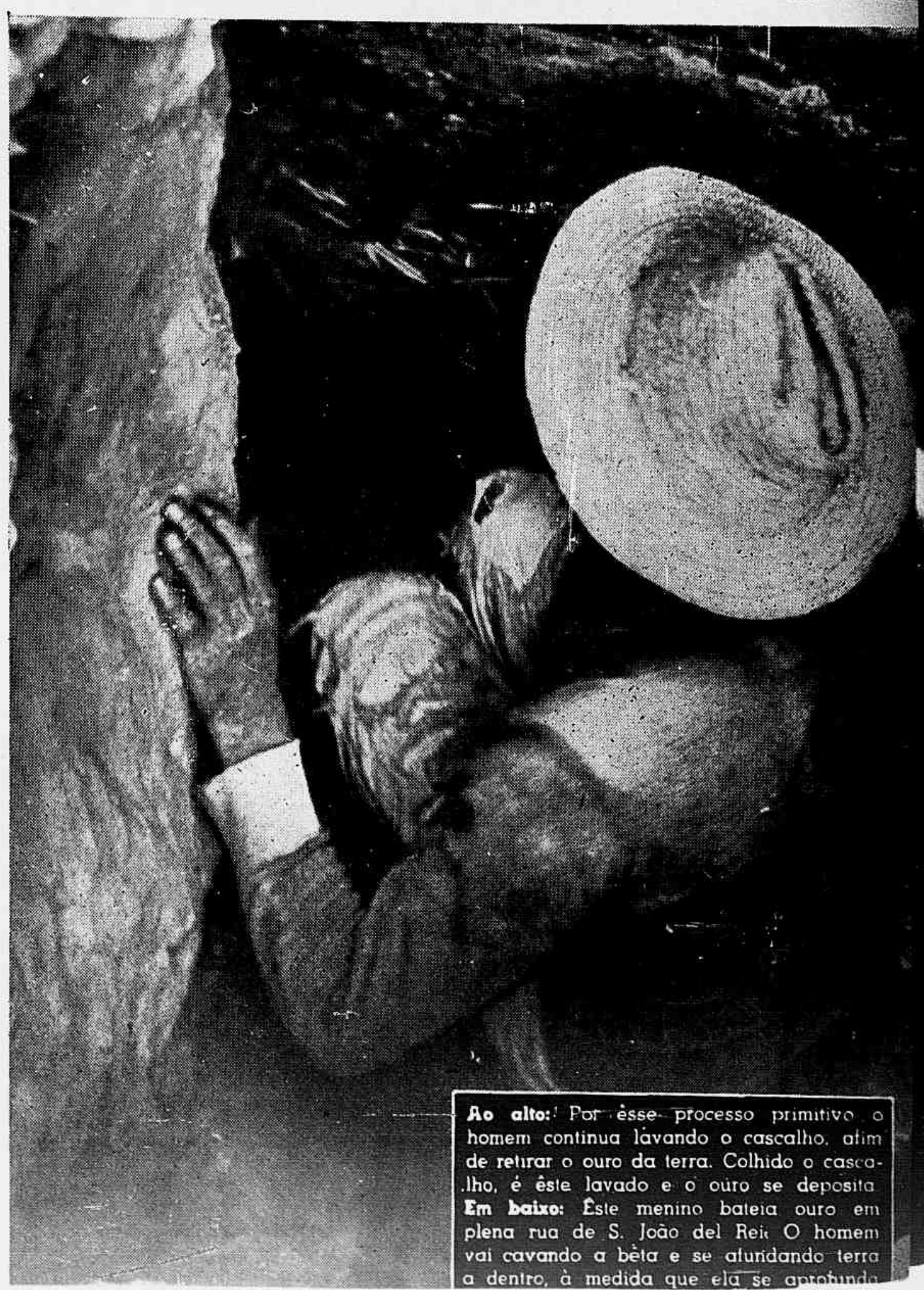
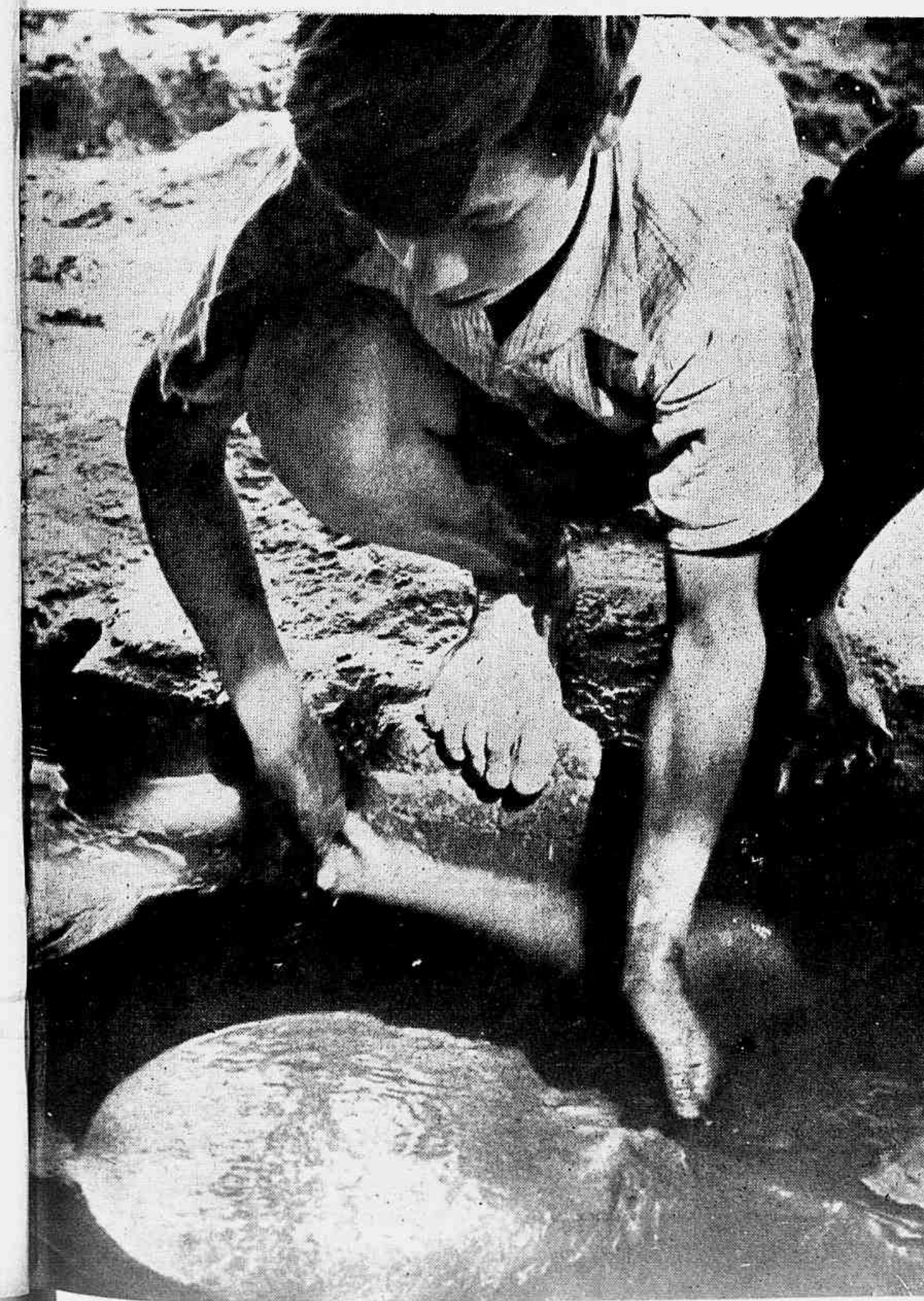
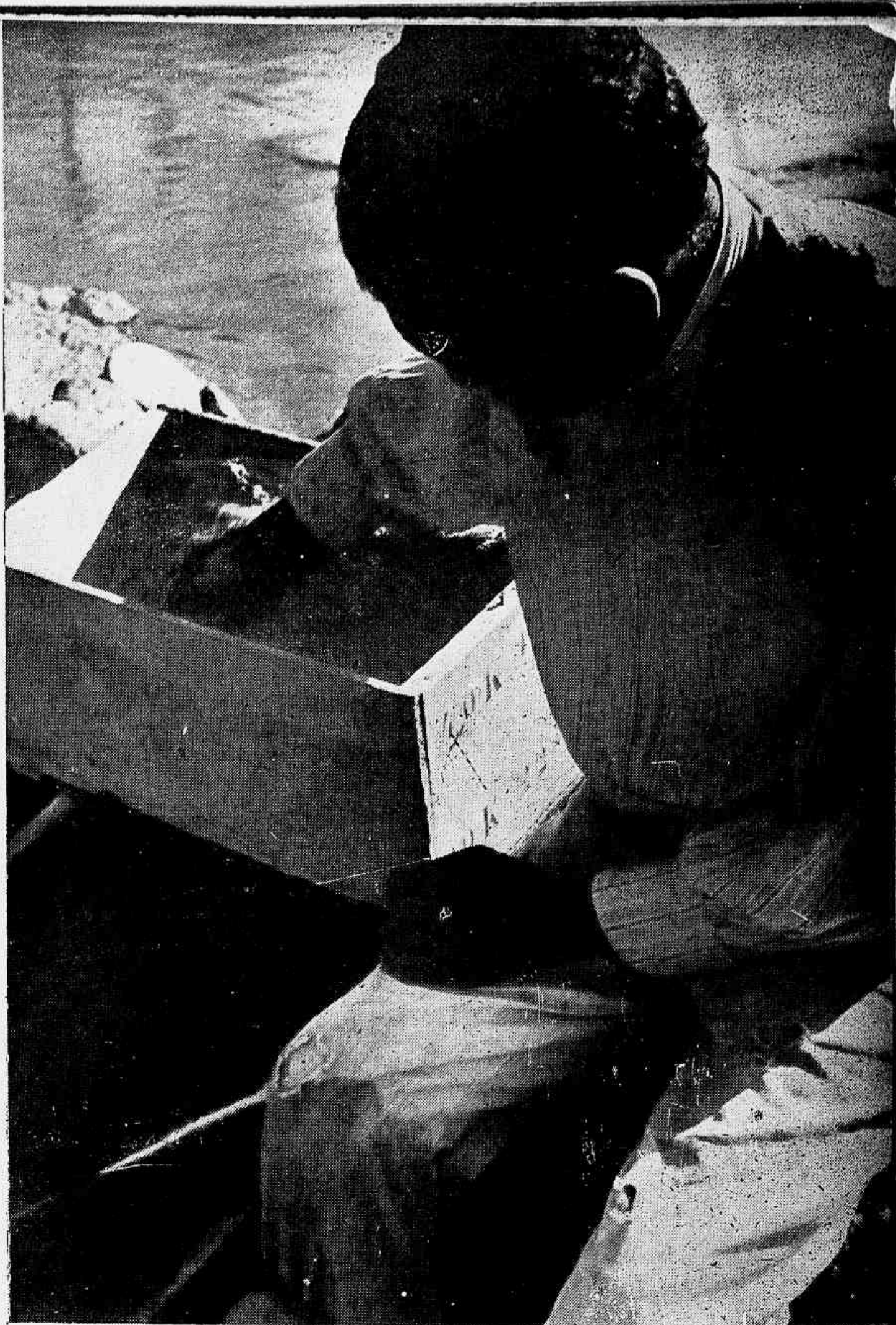
Pela arquitetura de suas igrejas passaram as mãos do Aleijadinho que em muitas deixou a marca inapagável. A riqueza e a construção que as caracterizam tornaram-nas famosas. Não vamos entrar em detalhes, mas vale a pena citar os seus nomes: Matriz, Rosário, Mercês, Carmo, S. Gonçalo Garcia, S. Francisco de Assis, Santo Antônio, Senhor Bom Jesus de Matosinhos, S. Geraldo, Capela das Dores, Conceição de Lourdes, e muitas outras. Numa, é a frente enriquecida de moldura em cantaria; noutra, é um teto magnífico; numa terceira, é o pórtico; naquela, é um altar-mor com requintes de beleza; na quinta, é um tabernáculo suntuoso; na sexta, um sacrário riquíssima-mente trabalhado. E há pias, interiores, altares, imagens, tudo que conta uma história. Ali se vê uma legítima mobília de jacarandá, e adiante está um famoso Cristo Inacabado que ninguém sabe quem começou.

A população da cidade vai por uns trinta mil habitantes, distribuídos por cerca de quinze praças, dez avenidas e oitenta ruas, alguns becos e perto de cinco mil casas. Mas deixando-se a cidade, caminhando alguns quilômetros, daremos com a "Casa de Pedra", na extremidade de um pequeno monte. Não se trata de uma casa qualquer. É um monumental palácio que a natureza construiu, com amplas galerias, extensos corredores, enormes salões, ricos de esculturas, com altares, nichos, púlpitos, alfaias, pedestais, coisas que as estalagmites sugerem aos olhares incrédulos do visitante.

Mas voltemos à cidade, que muito há que se ver numa cidade de cujas ruas principais o transeunte pode ver os mineradores trabalhando o ouro nas encostas dos morros.

UMA BIBLIOTECA FAMOSA

Andemos por aquelas ruas calçadas de minério de ferro e de ouro, atravessemos a ponte da Cadeia e transponhamos a porta da Biblioteca Municipal. Não se trata de uma biblioteca qualquer. Começa por ter a sua história. Foi fundada em 1827 por Batista Caetano de Almeida, que durante muito tempo a sustentou de livros. Nem só isso: sustentou também o bibliotecário, para que dela cuidasse. Vale a pena visitá-la e aos quatorze mil livros, muitos dos quais raridades, como a Bíblia comentada por Cornélio A. Lápide, a coleção completa de "L'Encyclopédie Méthodique", Diderot e d'Alembert, ou "Le Moniteur Univer-



Ao alto: Por esse processo primitivo o homem continua lavando o cascalho, afim de retirar o ouro da terra. Colhido o cascalho, é este lavado e o ouro se deposita.
Em baixo: Este menino bateia ouro em plena rua de S. João del Rei. O homem vai cavando a bôta e se aprofundando terra a dentro, à medida que ela se aprofunda.



Uma grama de ouro no fim do dia merece um sorriso

sal", uma famosa coleção contendo dezoito anos de publicação ininterrupta e em que o leitor pode se deliciar estudando os episódios da Revolução Francesa.

Pisando em ouro, de muita coisa pode o visitante inteirar-se, mas também pode fazê-lo lendo algum cronista da cidade. Um deles nos informa que eram concorridíssimos os enterros à noite, como era costume na cidade, e refere-se às mudanças que se operaram, acrescentando que, embora "os enterros aqui se façam com grandes acompanhamentos que tanto recomendam a população, todavia já não têm o impressionante aspecto em que os envolvia, outrora, a noite, ao tremular das luzes bruxoleando em piedosas constelações, por entre as alamedas dos túmulos".

Andando nas suas ruas ou lendo na Biblioteca, não podemos esquecer que um episódio histórico, por vários motivos, está ligado à vida de São João del Rei. Af se desenrolou em grande parte o drama da Inconfidência Mineira. Muitas das figuras principais do movimento pertenciam ao núcleo de sua população. Não nos esqueçamos que fôra ela escolhida pelos inconfidentes para a nova capital, que ali nasceu José Joaquim da Silva Xavier, no local que depois passou a pertencer a São José del Rei, hoje Tiradentes, e que também ali viveu a heroína Bárbara Heliodora. São João del Rei tem a sua história cultural, ligada às iniciativas da imprensa, do teatro, da música, cujos conjuntos famosos ainda hoje fazem excursões pelo Estado ou fora dele. Não é, pois, uma cidade de pouca importância. Tem sua indústria, pequeno mas crescente movimento turístico e é sede de considerável força militar do exército.

UMA CIDADE COMO NÃO HÁ OUTRA

Como todas as tradicionais cidades mineiras, São João del Rei guarda um mundo de recordações. Na janela daquela casa, por exemplo, um sãojoanense bem informado dirá que Silva Jardim recebeu os apupos da multidão que o ouvia.

Assim é São João del Rei, em que o velho e o novo se misturam, onde, ao som dos apitos das fábricas, vozes contam velhas histórias das lutas dos paulistas e emboabas, da Inconfidência Mineira, da Abdicação, da sedição militar de Ouro Preto, da revolução de 1842, da guerra do Paraguai, de assombrações, de atrocidades com escravos, das lutas pelo domínio do ouro, coisas que se perdem no tempo, naquele tempo ainda não definitivamente situado do nascimento do primitivo povoado.

E' possível esquecer — embora difícil — tais histórias e lendas, mas o que jamais se apagará da memória é a fisionomia peculiar de homens e crianças bateando, lavando, garimpando ouro, ouro de aluvião que escorre das montanhas e, nos vales, é arrastado pelas correntes d'água. Por isso é que se diz que ali se nada em ouro. Sim, tomar banho num curso d'água daqueles é nadar em meio a pepitas, aos grãos e ao pó de ouro que as águas carregam. As histórias que se ouvem lembram canções e parece que então alguém canta em nossos ouvidos que as ruas eram de açúcar cãndi e outras delícias dos contos da Carochinha. Mas a população variada e trepidante vive um ritmo que dá idéia de outros tempos, pois de todas as partes do País aí vão ter negociantes, industriais, tu-

ristas, políticos em épocas de eleições. Muitos filhos da terra de lá têm saído para a imprensa, a indústria, o comércio ou a política na Capital do País.

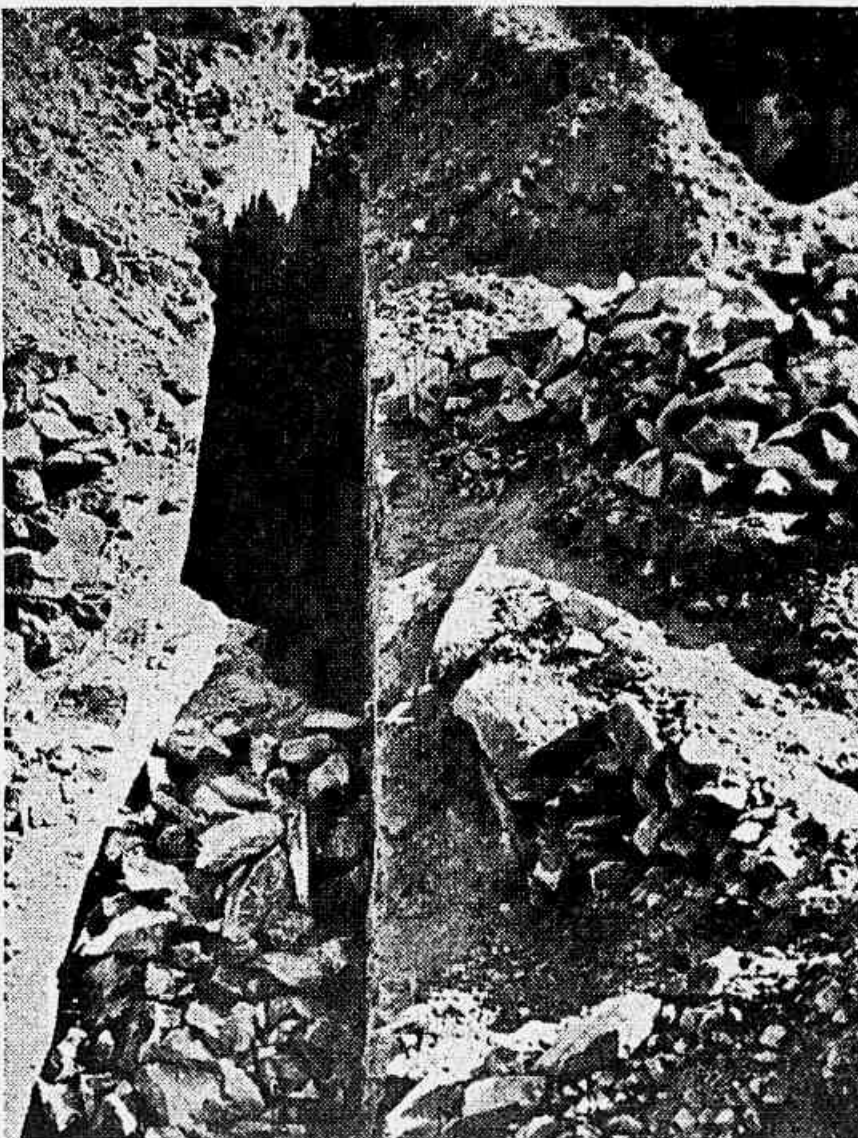
Mas é interessante notar como, embora uma das mais características cidades montanhesas, sob muitos aspectos mais famosa do que Sabará, Ouro Preto, Mariana, São João del Rei, do ponto de vista turístico não tem gozado do prestígio a que faz jus pelo seu passado, talvez por culpa dos governos, talvez não, porque, na realidade, ela fica um pouco contra mão e atingi-la não é tão fácil quanto àquelas outras.

Qualquer viajante, simples turista mais ou menos des-cuidado, artista, pintor, poeta ou romancista, dá notícias das outras cidades, mas descepece a vida que se passa entre montanhas e sobre terrenos ricos de filões auríferos.

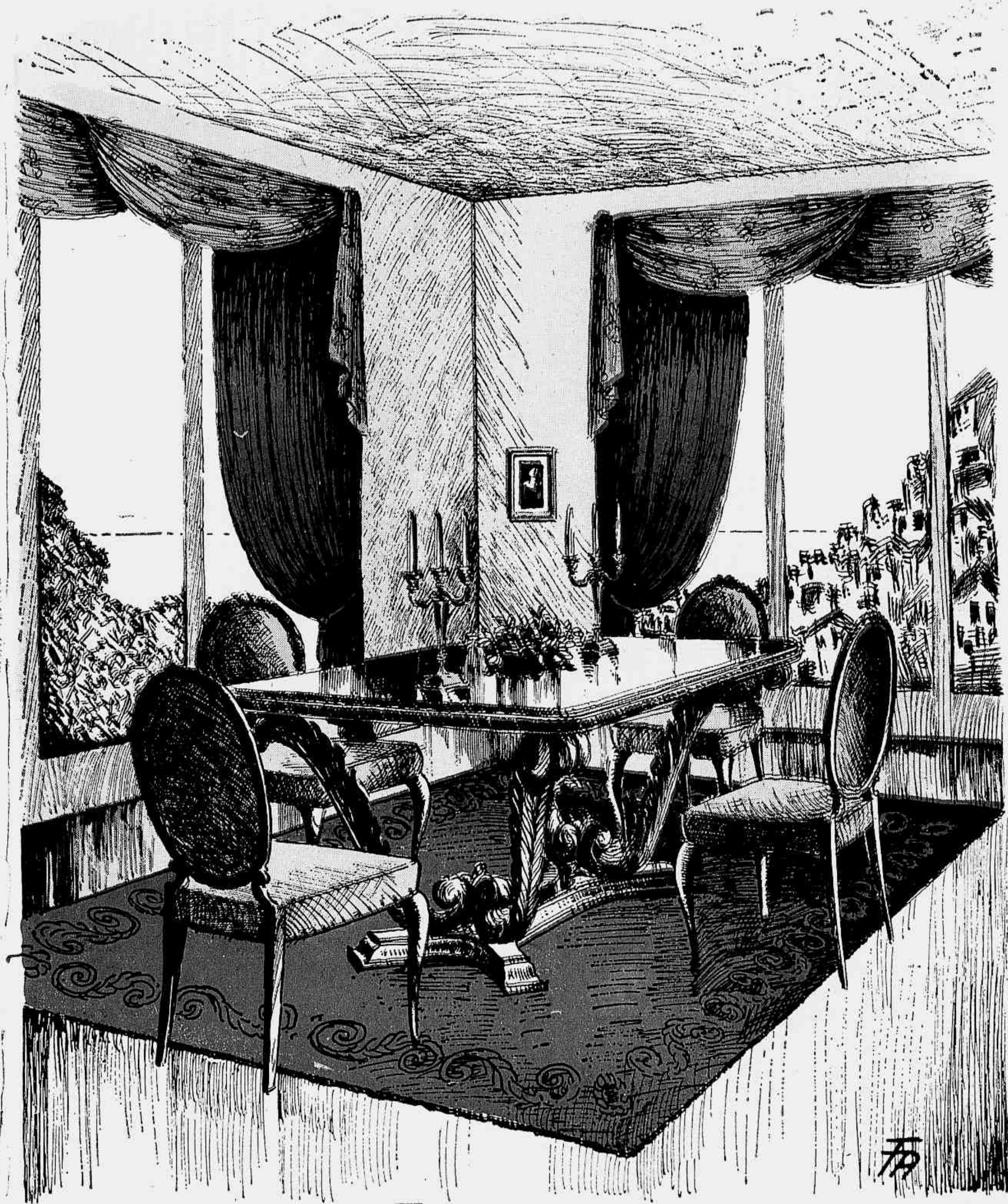
Sim, sem dúvida vale a pena visitar a única cidade do mundo onde "nadar em ouro" não constitui uma simples figura de retórica, onde realmente quem quer que se banhe num de seus cursos d'água está nadando entre riquezas de sonho oriental, onde um prefeito tem que proibir as escavações no meio da rua, proibir que se batê o ouro à vista de todos, pois que isso abre grandes buracos, dificulta o trânsito dos automóveis e dos pedestres e nos dias de chuva grandes poças d'água se formam.

Mas ninguém se engane: isso que para quem está de longe parece algo de contos de fadas, para os habitantes da fabulosa cidade constitui algo tão sem importância, coisa tão comum que eles nem sequer dão por isso, pois que se habituaram ao espetáculo.

(Continua na pág. 51)



DA ESQUERDA PARA A DIREITA: A bôta tem capacidade apenas para uma pessoa. Vêem-se a lata e o sarilho, instrumentos de uma técnica ainda primitiva. Uma bôta entulhada de cascalho que, depois, é retirado e trabalhado pelos mineradores. Nela bateia, onde o ouro se deposita.



DECORAÇÕES INTERIORES

MOVEIS · CORTINAS · TECIDOS · TAPETES · PASSADEIRAS



RIO DE JANEIRO
· 65 · RUA DA CARIOCA · 67 ·

ORÇAMENTOS · E · PROJÉTOS · SEM · COMPROMISSO



Hollywood - Calif. Um novo filme de Carmen Miranda está causando enorme sensação: "O Príncipe Encantado", com Wallace Beery, Jane Powell, Elizabeth Taylor e Xavier Cugat. É um novo sucesso da M.G.M.

Seja Carmen Miranda, seja Wallace Beery, para qualquer grande artista de Hollywood, só há uma coisa que interessa, quando se lhes oferece um cigarro: *qualidade*. E é por isso que eles preferem cigarros onde entra a mesma alta qualidade de tabaco que você encontra nos cigarros Hollywood. Prefira também, se deseja alta qualidade, Hollywood.

Cigarros
Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz
é sempre o melhor
em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz